

**ANA PAULA PREVIATE WIDERSKI**

**A (DES) CONSTRUÇÃO DO TEMA EM NARRATIVAS DE VESTIBULAR**

**MARINGÁ**

**2002**

**ANA PAULA PREVIATE WIDERSKI**

**A (DES) CONSTRUÇÃO DO TEMA EM NARRATIVAS DE VESTIBULAR**

**Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em  
Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna,  
do Departamento de Letras, da Universidade  
Estadual de Maringá.  
Orientação: Prof. Dr.<sup>a</sup> Marilurdes Zanini.**

**MARINGÁ  
2002**

## COMISSÃO JULGADORA

---

Prof. Dra. Marilurdes Zanini  
(orientadora)

---

Prof. Dra. Alba Maria Perfeito

---

Prof. Dr. Renilson José Menegassi

## **AGRADECIMENTOS**

Àqueles que estiveram ao meu lado nesta caminhada: Deus, Beto, Marilurdes, pai, mãe, Eliane.

Muito obrigada pela vida, saúde, amor, carinho, respeito, dedicação, confiança, apoio, torcida, força intelectual, troca de experiência, aprendizado...

Sem vocês, ao meu lado, esse momento não seria possível.

## RESUMO

Esta pesquisa analisa trinta redações, produzidas na tipologia narrativa, desclassificadas por fuga total ao tema, no Concurso Vestibular de Verão 1999, da Universidade Estadual de Maringá – UEM. O objetivo é, por meio dos elementos e da coerência da narrativa e dos modelos cognitivos de contexto, investigar a (des) construção do tema nesta tipologia textual. Tal objetivo insere-se num objetivo maior que é contribuir para a melhoria do ensino-aprendizagem de Língua Materna no seu cerne: a produção de textos. Nessa contribuição, tornar mais claros os caminhos a serem percorridos pelo professor-avaliador de textos, no momento de classificar ou desclassificar um texto narrativo por fuga ao tema num contexto muito específico como é o vestibular, quando a redação pode determinar o acesso ou não do aluno ao mundo acadêmico. Para isso, na perspectiva que orienta a Linguística Aplicada e Linguística Textual, organizamos este trabalho em três capítulos: a) cenário teórico, que apresenta a teoria embasadora da prática; b) a narrativa no contexto do concurso vestibular da UEM, o qual apresenta o corpus e seu contexto de produção; c) a análise das redações que, à luz da teoria do primeiro capítulo, procuram nas pistas oferecidas pelos elementos da narrativa, de sua coerência e dos modelos cognitivos preconizados por Van Dijk, encontrar o tema do texto e aproximá-lo daquele sugerido pela Prova de Redação, com vistas à sua pertinência ou não. Os passos seguidos na análise começam pelo levantamento das possibilidades temáticas que a prova oferece e passam pelo mesmo procedimento as redações do *corpus*. A partir daí, centra-se a atenção nos elementos que caracterizam as informações fornecidas e nos modelos cognitivos acionados por seu autor, nessas redações. Neles, procura-se traçar o percurso da estruturação dessas informações. Os resultados obtidos e a sua discussão permitem concluir que, de acordo com as similaridades dos procedimentos, há quatro formas de (des) construir o tema em textos narrativos: a) às avessas; b) tema curinga; c) tema ilusório; d) tema abandono, em relação àquele da Prova.

Palavras-chave: Narrativa – ensino-aprendizagem – Língua Materna – avaliação – tema.

## ABSTRACT

This research analyzes thirty compositions, produced in the narrative typology, disqualified because of the total escape of the theme, in the 1999 Summer Entrance Examination Contest (“Vestibular”) of Maringá State University ( UEM ). The goal is, through the narrative elements and coherence and by the context cognitive models, investigate the theme (dis) construction in this textual typology. Such goal inserts itself in a bigger goal that is to contribute for the Mother Tongue teaching-learning improvement in its essence: the texts production. In this contribution, make the routes to be traversed by the teacher-appraiser clearer, in the moment of qualifying or disqualifying a narrative text because of the escape of the theme in a very specific context like “Vestibular”, when the composition may determine the student’s access or not to the academic world. For that, in the perspective which guides the Applied Linguistics and the Textual Linguistics, we organized this paper in three chapters: a) theoretical scenery, that presents the practice founding theory; b) the context narrative in UEM “Vestibular” contest, which presents the corpus and its production context; c) the compositions analysis, that, under the light of the first chapter theory, search in the clues offered by the narrative elements, through its coherence and the preconized cognitive models by Van Dijk, find the text theme and bring it near of the one suggested by the Composition Test, observing its pertinence or not. The steps followed in the analysis start by raising the thematic possibilities that the test offer and the *corpus* compositions pass through the same procedure. From this moment, the attention is focused in the elements that characterize the information given and in the cognitive models operated by their author, in these compositions. In them, the construction course of these pieces of information is tried to be drawn. The results obtained and its discussion allow us to conclude that, in accord with the procedures similarities, there are four ways of ( dis ) construct the theme in narrative texts: a) the other way around; b) joker theme; c) illusory theme; d) abandon theme, with relation to the one of the test.

Key words: narrative - teaching-learning - Mother Tongue - evaluation - theme.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>08</b>
<b>1 CENÁRIO TEÓRICO.....</b>	<b>11</b>
1.1 O TEXTO.....	12
1.1.1 Texto, Produção de Texto e Redação .....	15
1.1.2 Texto: Coesão e Coerência .....	18
1.1.3 O Contexto: Modelos Cognitivos .....	22
1.2 O TEXTO NARRATIVO .....	24
1.2.1 A Narrativa e a Narração .....	26
1.2.1.1 A Narrativa.....	26
1.2.1.2 A Narração .....	29
1.2.1.3 O Relato .....	31
1.2.2 A Organização do Texto Narrativo.....	32
1.2.3 Os Elementos da Narrativa .....	34
1.3 ASSUNTO – TEMA –ENFOQUE TEMÁTICO.....	37
1.3.1 O Tema na Narrativa: Como Encontrá-lo? .....	39
1.4 COMO AVALIAR A NARRATIVA?.....	42
1.4.1 Critérios de Avaliação de Texto (UEM).....	45
1.4.2 Critérios de Avaliação de Textos Narrativos (UEM).....	47
<b>2 A NARRATIVA NO VESTIBULAR DA UEM .....</b>	<b>50</b>
2.1 O CORPUS .....	50
2.1.1 O Contexto de Produção .....	50
2.1.2 A Prova de Vestibular de Verão 99 .....	53
2.1.3 A(s) Leitura(s) Possível (eis) .....	54
<b>3 ANÁLISE DAS REDAÇÕES .....</b>	<b>60</b>
3.1 O CONTEXTO DA ANÁLISE .....	60
3.2 APRESENTAÇÃO DAS ANÁLISES.....	61
3.2.1 Discussão dos Resultados Obtidos: Explicando a Classificação.....	107
3.3 CLASSIFICAÇÃO DAS REDAÇÕES ANALISADAS.....	108
3.3.1 “Tema às Avessas” .....	109
3.3.2 “Tema Curinga” .....	112
3.3.3 “Tema Ilusório”.....	115
3.3.4 “Tema Abandono” .....	117
3.4 A (DES) CONSTRUÇÃO DO TEMA EM NARRATIVAS DE VESTIBULAR.....	117
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>121</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>125</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A redação, etapa final da produção de textos, constituindo-se no produto que se presta ao momento da avaliação em que se mensura a capacidade de expressão escrita do aluno, é um instrumento habitualmente empregado pela escola para definir o sucesso ou o insucesso do aluno no ensino-aprendizagem de língua materna. “É, também, um dos recursos de que se valem instituições de ensino superior, para garantir a seleção ou a classificação de alunos/candidatos a uma das vagas dos cursos oferecidos” (Menegassi e Zanini, 1997). Com a pesquisa “A (des) construção do tema em narrativas escolares” investigaremos as redações narrativas produzidas na prova de Redação do Concurso Vestibular de Verão99 da UEM (Universidade Estadual de Maringá) e que foram desclassificadas por fuga ao tema proposto no comando<sup>1</sup> da prova.

Esta pesquisa faz parte de um projeto maior desenvolvido na UEM, intitulado “Redação em Língua Materna: abordagens de avaliação”, cujo objetivo principal é “consolidar uma planilha de avaliação de redação, com critérios objetivos e justos, que auxilie o professor a avaliar uma redação numa situação específica como o concurso vestibular” (Zanini e Menegassi, 1998). Assim, a (des) construção do tema em narrativas de vestibular vem corroborar com a planilha já existente, evitando possíveis ambigüidades no momento de avaliar um tema pertinente ou não à proposta da prova.

Este trabalho tem como objetivo geral investigar, por meio dos elementos da coerência da narrativa, a (des) construção do tema, nesta tipologia textual. Esse, por sua vez, insere-se num objetivo mais abrangente que é contribuir para a melhoria do ensino-

---

<sup>1</sup> “[...] questão-estímulo para que o vestibulando desenvolva uma redação no vestibular. O comando compreende desde a formulação da questão (o enunciado) proposta ao candidato, como a oferta de subsídios (textos e materiais de apoio) para o desenvolvimento de suas reflexões e de sua produção escrita” (Franco Jr.; Vasconcelos e Menegassi, 1997, p.101).



aprendizagem de Língua Materna, no seu cerne: a produção de textos. Como objetivos específicos, a pesquisa procura: a) apontar caminhos que levem os professores à avaliação da tematização em textos narrativos; b) oferecer subsídios para a classificação ou desclassificação de redações narrativas, por fuga ao tema, em processos seletivos.

Justificamos este trabalho, centrando-nos no interesse e necessidade de avaliar a tematização em textos narrativos, bem como um aprofundamento teórico e científico sobre o assunto. E, além disso, por entendermos que é o texto narrativo que desenvolverá no aluno a sensibilidade e emoção, e este, através de suas produções, desenvolverá o encantamento, pois a narrativa é, com certeza, a tipologia mais adequada para o aluno manifestar seu poder criativo, bem como o conhecimento sobre a enorme gama de recursos de estilo.

A pesquisa apresenta um cenário teórico, dos conceitos e reflexões relacionadas à produção escrita, o qual embasa a análise dos dados coletados; dados estes que envolveram a análise do *corpus* – redações narrativas desclassificadas, por fugirem à temática proposta pelo comando da prova de Redação do concurso vestibular de Verão 99, da Universidade Estadual de Maringá (UEM) – à luz dos teóricos da área, os quais respaldam esse cenário teórico. São eles: Britto, Charolles, Costa Val, Fávero, Gancho, Koch, Menegassi, Sayeg-Siqueira, Therezo, Travaglia, Vilela, Zanini, entre outros.

Para atingirmos os objetivos propostos, os procedimentos metodológicos são os seguintes:

1. Estudo de textos teóricos relacionados com a produção escrita;
2. Estudo de textos teóricos relacionados à avaliação da produção escrita;
3. Análise do comando da prova de Redação;
4. Seleção do *corpus* a ser analisado;

5. Análise dos textos pertencentes ao *corpus*;

6. Reflexão sobre os resultados obtidos através dos itens anteriores.

No sentido de concretizar os objetivos propostos, considerando a metodologia da investigação, o trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro apresentaremos, de forma sucinta, como base teórica, os vários conceitos de texto e suas ramificações: o texto e sua avaliação; o tema na textualidade; a narrativa e seus elementos; a narrativa no contexto do vestibular da UEM.

O segundo capítulo retrata a narrativa no contexto do Concurso Vestibular da UEM: o *corpus*; a prova do concurso vestibular de Verão 99, bem como as possíveis leituras dessa prova.

Já o terceiro capítulo desenvolve a análise do *corpus*, detectando as proposições discorridas no capítulo anterior e, ainda, procurando detectar o motivo pelo qual os vestibulandos (des) constroem a tematização em textos narrativos.

Esperamos, assim, que esta pesquisa possa constar como uma pequena contribuição ao vasto campo dos estudos relacionados à produção escrita, especialmente, em situação de vestibular.

## 1 CENÁRIO TEÓRICO

Ensinar a usar uma língua é ensinar a se engajar na construção social do significado e, portanto, na construção das identidades sociais dos alunos (Moita Lopes, 1996).

O desenvolvimento da linguagem verbal, inicialmente falada e depois escrita, é fato marcante na história da humanidade. Tanto que, quanto mais complexa a sociedade maior o grau de variações lingüísticas em uso por seus diferentes segmentos. E cada tipo dessas variações corresponde a uma norma, isto é, a um modelo consagrado e fixado pelo uso.

Todo aluno, ao ingressar na escola traz sua fala própria, desenvolvida junto à sua comunidade de origem. Esta fala é, portanto, uma marca cultural que não pode ser desconsiderada.

Em relação à modalidade escrita, sabemos que os sistemas de transcrição escrita são baseados na fala, embora possuam em relação a esta uma relativa autonomia. Falar e escrever são atos diversos em consonância com suas condições de produção que irão requerer estratégias diferenciadas (Matêncio, 1994).

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (Brasil, 1998, p. 21), isto quer dizer que “quando um sujeito interage verbalmente com outro, o discurso se organiza a partir dos conhecimentos que o locutor acredita que o interlocutor possua sobre o assunto (...) Isso determina as escolhas do gênero no qual o discurso se realizará”. Este discurso, quando produzido, manifesta-se lingüisticamente por meio de textos. Mas qual o conceito de texto?

## 1.1 O TEXTO

Uma palavra, dependendo do contexto em que foi empregada, é um texto, porém, para ser reconhecida como tal necessita cumprir alguns requisitos, obedecer a algumas regras, estar dentro de um contexto, apresentar um assunto, trazer a intenção do autor. Assim, é necessário recorrermos ao que alguns teóricos afirmam ser texto.

Segundo Costa Val (1994, p. 03), texto ou discurso é a “ocorrência lingüística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal”.

Para a autora, o texto não é um amontoado de frases ou palavras soltas, mas algo que possui unidade. E, para que esta unidade seja compreendida, o texto deve ser avaliado sob os seguintes aspectos: 1) o pragmático, que tem a ver com seu funcionamento, enquanto atuação informacional e comunicativa, já que o texto “é uma unidade de linguagem em uso” (Op. Cit., p.6), e nele estão envolvidos diversos fatores que o fazem ser reconhecido pelos falantes da língua. Assim, deve-se entender cada ato como único, uma vez que as intenções de quem o produz, o conhecimento de mundo dos interlocutores constroem discursos, promovem a interação; 2) o semântico-conceitual, de que depende sua coerência, pois o texto precisa apresentar uma unidade semântica. Sendo assim, será texto a ocorrência lingüística que tiver significado não apenas para o produtor, mas, também, para o leitor. Dessa forma, uma vez que o seu sentido é construído por ambos, produtor e receptor precisam “deter os conhecimentos necessários à sua interpretação” (Op. Cit., p.6); 3) o formal, que diz respeito à sua coesão, ou seja, os mecanismos gramaticais e lexicais permitem a relação entre palavras, frases, parágrafos, tema, referências. A coesão está intimamente ligada à coerência, já que ela “é a manifestação lingüística da coerência” (Op., Cit.).

Para Todorov e Ducrot:

A noção de TEXTO não se situa no mesmo plano que o da frase (ou de proposição, sintagma, etc.); nesse sentido, o texto deve ser distinguido do PARÁGRAFO, unidade topográfica de várias frases. O texto pode coincidir com uma frase como com um livro inteiro; ele se define por sua autonomia e por seu fechamento (mesmo se, num outro sentido, certos textos não sejam fechados); ele constitui um sistema que não se deve identificar com o sistema lingüístico mas pôr em relação com ele: relação ao mesmo tempo de contigüidade e de semelhança. (1977, p. 282)

Analisando a proposta desses autores, constatamos que eles fundamentam seus argumentos na visão lingüística e que teorizam apenas o texto verbal.

Conforme Schmidt (1978), tentou-se, por muito tempo, definir texto por meios exclusivamente lingüísticos, mas as tentativas resultaram em fracasso. O autor assevera que, em oposição ao sentido tradicional – conjunto coerente de frases- texto deve ser definido a partir de um modo de “textualidade”. E devemos entender por “textualidade” uma dupla estrutura, ou seja, uma estrutura a ser vista tanto sob o aspecto lingüístico como sob o aspecto social. Dessa maneira, o termo texto sempre denomina “um conjunto-de-enunciados-em-função, isto é, a ocorrência da textualidade, realizada sob o ponto de vista sociocomunicativo.” (Op. Cit. p.170)

Nos PCNs (Brasil, 1998), consonante com Schmidt, apregoa-se que “(...) um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global, isto é, quando possui textualidade. Caso contrário, não passa de um amontoado aleatório de enunciados” (p. 21).

Somamos a isso as palavras de Sayeg-Siqueira (1990), ao afirmar que o principal atributo de um texto é a unidade que se define pela sua completude, uma vez que sem ela não poderá ser reconhecido na sua totalidade.

Um texto não é construído no vazio. É necessário, antes de tudo, definir o que dizer, como dizer e para quem dizer: “o texto resulta da ação de tecer, de entrelaçar unidades e partes, a fim de formar um todo inter-relacionado” (Infante, 1998, p. 90).

Ainda sobre a sua definição, o texto pode ser tomado em duas acepções: a) em sentido lato: texto é “toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano” (Fávero e Koch, 1983, p.25). Nessa acepção, de acordo com as autoras, texto pode ser um poema, uma música, uma pintura, um filme, uma escultura etc., isto é, “qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos”; b) em sentido estrito, texto é “qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão”. Nessa perspectiva, trata-se de “uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza pela coerência e pela coesão, conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto” (Op. Cit.).

É importante enfatizarmos que o termo texto designará uma unidade lingüística concreta que, em situação de interação comunicativa, é tomada pelos usuários da língua como “uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão” (Koch e Travaglia, 1991, p.10).

Com base no que foi exposto até aqui, fica evidente que o conceito de texto depende da perspectiva teórica de cada autor, podendo, então, ser definido de várias maneiras. Para este trabalho, toma-se a definição de texto como unidade de sentido em situações discursivas, ou seja, uma palavra, dependendo da situação, da interpretação, enfim da interação que ocorre entre falante e ouvinte/autor e leitor, constitui-se em um texto.

Entendemos que o texto não é algo pronto e acabado; nele estão presentes, dentre outros aspectos, o ponto de vista e o conhecimento de mundo de quem o produz, que, sob o olhar de outro, poderá se completar ou se esvaziar na construção de novos textos.

### 1.1.1 Texto, Produção de Texto e Redação

De acordo com o que ficou explicitado, o texto é entendido como unidade lingüística concreta que possui sentido e preenche uma função comunicativa. Cabe-nos, então, verificar como a escola conduz e/ou conduzia os alunos à prática de produção de texto.

Em um passado não distante, a prática escolar era assim desenvolvida, com relação à escrita: o professor propunha um tema – sem leituras prévias, sem espaço para debates, e o texto tinha que fluir; o aluno o desenvolvia, entregava-o ao professor. Esse o corrigia, atribuía uma nota e o devolvia ao aluno. Algumas vezes, chamava a atenção para um determinado tipo de “erro”, considerado o mais grave ou fazia um elogio genérico aos melhores. Certos alunos, ao receberem sua redação de volta, guardavam-na, muitas vezes sem ter observado as anotações ou correções do professor; outros acabavam jogando-a no cesto de lixo. Nesse contexto, quando acontecia a proposta de redação – atividade nada comum- em sua maioria o tema era relacionado às datas comemorativas.

É dessa forma que a redação, na maioria dos casos, estava presente nas escolas, ou seja, não como uma atividade real de significação, e sim “uma atividade lingüística artificial” (Geraldi, 1999, p.65), na qual o objetivo era treinar os alunos para as chamadas técnicas de escrita, centralizando o estudo das mesmas em questões ortográficas, concordâncias, acentuação, cobrando-se regras e terminologias gramaticais que sempre acabam afastando o aluno de sua própria língua. A distância entre o que o aluno enuncia, fala, vive e acredita e a sua produção escrita é tão grande que para ele essa tarefa não tem a ver com a vida real. Daí, os textos se apresentarem tão vazios, tão longe de verdadeiros textos, “(...) o aluno não redige o texto como ato interlocutivo de fato, mas apenas como treinamento” (Britto, 1990, p. 19).

Nesse contexto, o professor também não “lê” a redação, uma vez que ela é decorrente de “erros” e “acertos” e possui um único fim: a correção para se obter uma nota –

por isso, pode ser jogada fora depois que o professor avaliar, pois não tem mais nenhuma razão de ser.

Esse comportamento perpetua uma visão de língua como um objeto estático, nada funcional, centrado em atividades pouco eficazes, já que os alunos, parece-nos, que quase nunca transferem as informações adquiridas, através dessas práticas, para o seu processo de leitura e produção de texto.

É assim que o encaminhamento na elaboração da atividade de escrita acaba se afastando do necessário processo de produção textual, já que, de acordo com Faraco e Tezza (1992, p.118), o texto para ter qualidade não basta estar bem escrito, dentro das regras gramaticais, já que “sua organização interna só tem sentido com relação à organização externa do enunciado”. Afirmam, também, que “a qualidade de um texto escrito só pode ser medida com relação à intenção de quem escreve, ao universo de quem lê e ao assunto de que se fala” (Op. Cit., p.118).

Nessa prática é preciso resgatar a leitura, a produção textual, a reflexão sobre o lido e o escrito e sobre os fatos lingüísticos que os constituem, pois são características próprias de quem quer se apropriar da leitura e da escrita.

Para isso, é importante que se estabeleça uma rotina organizada e permanente de situações que favoreçam o ensino-aprendizagem e a atividade comunicativa sócio-interativa, constituindo-se em práticas constantes, caminhando sempre juntas com atividades que envolvam textos escritos, de forma a permitir o contraponto entre essas duas modalidades: oral e a escrita, assim como o uso intensivo de diferentes linguagens (Geraldí, 1999).

E é nessa inter-relação, leitura-produção, que o professor propicia atividades de interação com o aluno sobre a língua. Este conceito mais amplo de texto, ultimamente, recebeu o rótulo “produção de textos”.



A prática tem nos revelado que, em determinadas escolas, mais recentemente, procede-se à produção de texto. Nessa nova postura, que vê o texto como elemento a ser utilizado para entender como a língua se organiza, a produção de texto encontraria seu lugar de fato.

Geraldi (1993), afirma ainda que,

Para produzir um texto (em qualquer modalidade) é preciso que: a) se tenha o que dizer; b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer; c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer; d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz; e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d). (Geraldi, 1993, p. 137)

Dessa forma, a produção de texto pode ser entendida como a unidade básica significativa da língua, constituindo-se o eixo de uma proposta viva e dinâmica, em que as variações e modalidades da língua, bem como outras linguagens, convivam com suas diferenças e especificidades, enriquecendo o potencial lingüístico, naturalmente, que as crianças adquirem antes de seu ingresso na escola.

A produção de texto é um trabalho que envolve o planejamento, a execução e a revisão. E a postura do professor – de ir e vir com o texto - é a peça fundamental para os ajustes necessários ao desenvolvimento do aluno na elaboração do texto. Já a redação é produto final que visa apenas ao resultado: o tema é dado e o aluno redige e entrega a atividade pronta para ser avaliada, para se obter uma nota. Mesmo assumindo tais concepções e posturas, verifica-se que, ainda, produzem-se textos para a escola – redações- enquanto se deveria produzir na escola, tendo-a como suporte para a vida do aluno (Geraldi, 1993).

Nesta perspectiva, a redação é entendida “como o produto acabado de uma produção textual, que, em situações específicas, como o vestibular, obedece a modelos institucionais padronizados pela sociedade” (Zanini e Menegassi, 1996, p. 370). É esse conceito de redação que adotaremos para este trabalho, uma vez que esta pesquisa tem como *corpus* as redações produzidas em situação de vestibular.

### 1.1.2 Texto: Coesão e Coerência

Em se tratando de uma pesquisa voltada à produção e análise de texto, não poderíamos deixar de mencionar a Linguística Textual (LT) neste trabalho. Essa é uma nova ramificação da Linguística Moderna que teve seu desenvolvimento maior na Alemanha, na década de 60. Segundo Koch (1991), a base da LT consiste em tomar como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por ser ele a forma mais específica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos.

Desta forma, alguns elementos são responsáveis, para que um texto seja de fato um texto e não uma seqüência de frases. O conjunto desses elementos recebe o nome de textualidade.

Vários são os estudiosos que tratam desta questão, entre eles Beaugrande e Dressler (1981), que vêm se dedicando ao estudo dos principais critérios de textualidade: a coesão e a coerência (centrados no texto), a informatividade, a situacionalidade, a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade (centrados nos usuários). Neste primeiro momento o que nos interessa são os dois primeiros fatores, uma vez que os mesmos estão relacionados lingüisticamente com o texto, ou seja, esses mecanismos aparecem como auxiliares na tessitura do texto. Os elementos centrados nos usuários serão retomados em 2.1.3.

Para esses autores, a coesão diz respeito à maneira como as palavras e as frases que compõem um texto – componentes da superfície textual – encontram-se ligadas entre si numa seqüência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

Segundo Koch (1991, p. 40), “por coesão entende-se a ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual”, ou seja, é a coesão que amarra as idéias expressas no texto. Ela é revelada através das marcas lingüísticas,

índices formais na estrutura da seqüência lingüística e superficial do texto, o que lhe confere um caráter linear.

Halliday e Hasan (1976) afirmam que a coesão textual é uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento que seja de extrema relevância para que se estabeleça a sua interpretação. O conjunto dos elementos “que formam as ligações no texto” como aqueles que relacionam suas diversas partes, sendo, também, instrumentais na construção de um significado global para o texto, é apontado como coesão por Kleiman (1997, p. 48). Esses elementos coesivos apresentam-se como: repetições, substituições, pronominalizações, uso de dêiticos, “elementos estes internos ao texto que permitem construir, com base na leitura, um cenário enxuto, com poucos elementos” (Op. Cit., p. 49).

Ainda sobre os fatores de coesão, vale ressaltar a definição de Marcuschi (1986), que os definem como aqueles que dão conta da estruturação da seqüência superficial do texto, afirmando que não se trata de princípios meramente sintáticos, mas de uma espécie de semântica da sintaxe textual, isto é, dos mecanismos formais de uma língua que permitem estabelecer relações de sentido entre os elementos lingüísticos do texto.

Ao fazer uso de elementos coesivos, o texto adquire um toque especial de legibilidade, o que explicita os tipos de relações estabelecidas entre os elementos lingüísticos que o compõem.

Embora a coesão auxilie no estabelecimento da coerência, ela não é garantia de se obter um texto coerente, ou seja, um texto que seja coeso não é necessariamente coerente, isto se deve ao fato de muitas vezes o interlocutor recorrer a elementos exteriores ao texto para que possa entendê-lo.

A coerência, por sua vez, é responsável pelo sentido do texto, por isso é considerada como fator principal da textualidade. De acordo com Charolles (1988), “coerência e linearidade textual estão relacionadas, ou seja, não se pode questionar a

coerência de um texto sem se levar em conta a ordem em que aparecem os elementos que o constituem”. Completando esta idéia, Therezo (1999, p. 36) afirma que a coerência “é vista como um princípio de interpretabilidade do texto, num processo cooperativo entre quem escreve e quem lê. Por mais organizado que esteja o texto (...) a compreensão não se dará se não houver coerência.”

Assim, chegamos ao ponto principal deste assunto: é a coerência a espinha dorsal do texto, ou seja, é ela quem oferece condições para que o produtor desenvolva o tema, sem divagar ou tornar-se prolixo, permitindo que as idéias se relacionem entre si e não se contradizem.

A coerência manifesta-se nas diversas camadas da organização do texto. Possui uma dimensão semântica - caracteriza-se por uma interdependência semântica entre os elementos constituintes do texto. Tem principalmente uma dimensão pragmática - é fundamental, no estabelecimento da coerência, ao nosso conhecimento de mundo, e esse conhecimento é acumulado, ao longo de nossa existência, de maneira ordenada. Ao conhecimento de mundo, devemos dizer que a ele se acrescentam as informações novas. Se estas forem muito numerosas, o texto pode se tornar incoerente devido à não-familiaridade do ouvinte/leitor com essa massa desconhecida de informações.

Na verdade, quando dizemos que um texto é incoerente, é preciso esclarecermos quais motivos nos levam a afirmar isto. Ele pode ser incoerente em uma determinada situação, porque quem o produziu não soube adequá-lo ao leitor, não valorizou suficientemente a questão da comunicabilidade, não obedeceu ao código lingüístico, enfim, não levou em conta o fato de que a coerência está diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto:

E é justamente aí, podemos dizer, que se encontra a raiz dos problemas de coesão e coerência em textos escolares. O aluno não tem seu interlocutor bem definido e a situação em que produz seu texto é muitas vezes forjada. (Bastos, 1998, p.16)

Para que esse discurso seja bem-sucedido, devemos constituir um todo significativo e não fragmentos isolados justapostos. No interior de um texto devem existir elementos que estabeleçam uma ligação entre as partes, isto é, elos significativos que confirmem coesão ao discurso. Consideramos coeso o texto em que as partes se referem mutuamente, só fazendo sentido quando consideradas em relação umas com as outras. Assim, um texto se desenvolve de maneira linear, ou seja, as partes que o formam surgem uma após a outra, relacionando-se com o que já foi dito ou com o que se vai dizer. Por isso, é necessário lembrar os quatro elementos centrais do texto das meta-regras de Charolles (1988), responsáveis pela boa formação textual:

1. **Meta-regra da repetição:** ao longo de um texto coerente, ocorrem repetições, retomadas de elementos (palavras, frases e seqüências que exprimem fatos ou conceitos). Essa retomada é normalmente feita por pronomes – e pelas terminações verbais que os indicam – ou por palavras e expressões equivalentes ou sinônimas. Também podemos repetir a mesma palavra ou expressão, o que dever ser feito com cuidado, a fim de que o ritmo não seja prejudicado. Esse mecanismo de retomadas confere ao texto um desenvolvimento homogêneo, capaz de recuperar a cada passo aquilo que já foi dito.
2. **Meta-regra de progressão:** num texto coerente, o conteúdo deve progredir, ou seja, devemos sempre acrescentar novas informações ao que já foi dito. A progressão complementa a repetição: esta garante a retomada de elementos passados; aquela garante que o texto não se limite a repetir indefinidamente o que já foi colocado. Dessa forma, equilibra-se o que já foi dito com o que se vai dizer, garantindo a

continuidade do tema e a progressão do sentido.

3. **Meta-regra de não-contradição:** outro elemento importante para um texto coerente é a inexistência de elementos que contradigam aquilo que já foi colocado. O texto não deve destruir a si mesmo, tomando como verdadeiro aquilo que já foi considerado falso, ou vice-versa. Não se deve confundir a não-contradição como o contraste. A aproximação de idéias e fatos contrastantes é um recurso muito freqüente no desenvolvimento da argumentação.
4. **Meta-regra de relação:** finalmente, num texto coerente, os fatos e conceitos devem estar relacionados. Essa relação deve ser suficiente para justificar sua inclusão num mesmo texto.

Essas propostas teóricas, aqui retomadas de forma delimitada, permite-nos buscar uma síntese para a abordagem do fator coerência textual como critério para a avaliação, no que se refere à abordagem do tema. Recuperando as quatro meta-regras propostas por Charolles, temos a coerência como fator de garantia de uma abordagem do tema adequado, na medida em que a expansão textual é revelada, progredindo o tema, sem digressões ou circularidade, garantindo a expansão textual através de idéias que se relacionam e não se contradizem.

### 1.1.3 O Contexto: Modelos Cognitivos

À medida que o ser humano vive, acaba tomando contato com vários mecanismos existentes no mundo e, conseqüentemente, adquire determinados conhecimentos. Estes conhecimentos são armazenados na memória e são denominados de modelos cognitivos,

os quais representam o conhecimento de mundo. No caso desta pesquisa, o conhecimento de mundo do produtor de texto. Conhecimento este que “desempenha um papel decisivo no estabelecimento da coerência: se o texto falar de coisas que absolutamente não conhecemos, será difícil calcularmos o seu sentido e ele nos parecerá destituído de coerência.” (Koch e Travaglia, 1991, p. 60)

Para melhor esclarecimento, recorremos a Van Dijk (2000) que especifica a natureza e o papel dos modelos na memória. Afirma ele que as pessoas, quando lêem um texto, não apenas constroem uma representação desse texto. Os usuários da língua também tentam imaginar do que trata o texto: coisas, pessoas, atos, eventos. Contudo, grande parte dos modelos pode ser recuperada de modelos já construídos em situações similares ou em ocasiões anteriores. Portanto, os modelos são parcialmente fabricados a partir de conhecimento pessoal existente, uma vez que a representação textual é importante para oferecer aos usuários da língua parte do que foi efetivamente dito em um texto.

Vilela e Koch (2001, p.558), coadunando com Van Dijk (2000), afirmam que a “função de tais modelos é, pois, a de monitorar a própria organização do texto com vistas à produção do sentido em cada situação de interação verbal, no que diz respeito, por exemplo, a decisões sobre as estratégias textuais a serem mobilizadas (...)”

Em contrapartida, além de retratarem as experiências pessoais, os modelos podem também ser subjetivos, já que

eles permitem aos usuários da língua construir uma interpretação específica de um discurso (...) O que, para um leitor, é importante em um discurso, pode não ser para outro, o que resultará numa construção macroestrutural diferente do modelo (Van Dijk, p.164).

Vilela e Koch (2001) afirmam que “os modelos de contexto controlam o *como*, a maneira como os interlocutores vão formular tais conteúdos em função do contexto em que a interação se realiza” (p.559).

É importante lembrar que no início de um texto determinado modelo pode não estar presente, mas a partir do momento em que o produtor percebe, dentro do seu contexto, algo que o remeta a situações já vivenciadas, o modelo passa a ser acionado:

A estrutura categorial e hierárquica dos modelos faculta também a busca de modelos ‘velhos’ relevantes. Dada a informação sobre um lugar específico, ou um tipo de evento, podemos procurar por modelos similares com estas pistas, e ativar parcialmente este conhecimento velho para melhor entender o discurso atual, ou ativar opiniões remanescentes que temos sobre tais situações (Van Dijk, 2002, p. 171).

Nesta pesquisa, os modelos prestam uma importante colaboração, uma vez que servem de base para que possamos verificar porque os textos ficaram incompletos, ou melhor, porque os modelos não foram acionados na apreensão do tema da Prova de Redação pelo candidato no momento da elaboração da sua redação.

## 1.2 O TEXTO NARRATIVO

Entende Sayeg-Siqueira (1992) que o texto narrativo é a modalidade de redação na qual contamos um ou mais fatos, acontecimentos que ocorreram num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens em ação e alguém que narra o que está acontecendo (narrador).

Um fato, em geral, acontece por uma determinada causa e desenrola-se envolvendo certas circunstâncias que o caracterizam. Portanto, é necessário mencionarmos um modo como tudo aconteceu com detalhes, ou melhor, de que maneira o fato ocorreu. Ainda, um acontecimento pode provocar conseqüências, as quais devem ser observadas.

Geralmente o processo de enunciação das narrativas literárias se constrói da seguinte forma:



1. Cria-se uma expectativa, relatando ao leitor, ou espectador, uma situação cotidiana, normal, corriqueira, rotineira para a ou as personagens da história.
2. Cria-se um conflito, trazendo algo inesperado, até imprevisível para a ou as personagens (e/ou para o próprio leitor). O aparecimento do conflito provoca uma quebra na expectativa inicial e faz a narrativa ganhar novo ou novos rumos (Op. Cit., p. 12).

É o conflito que gera o valor ficcional do texto narrativo, pois “se faltar a problematização, temos uma simples descrição de ações” (Vilela e Koch, 2001, p.551).

Para esses autores, o texto narrativo apresenta três requisitos tidos como clássicos. São eles: a) a concisão – não dar mais informação do que a necessária. Uma vez que a finalidade da narrativa é despertar emoções, agitar o mundo psicológico do leitor, as explicações demasiadas racionalizam as idéias, abafam a curiosidade, cansam e provocam o desinteresse; b) a clareza da idéias – deixar evidente qual o centro de interesse da história, pois é ele que dá unidade e movimento a todos os elementos da narrativa; c) a verossimilhança – esta é a essência do texto de ficção, os fatos, mesmos sendo inventados, devem fazer com que o leitor acredite no que lê. Essas regras são fundamentais para o desenvolvimento do texto narrativo.

Tendo a narrativa o caráter ficcional, ela é a invenção pela palavra. Assim, no processo seletivo do vestibular, centro desta pesquisa, o candidato que opta por essa proposta deve concebê-la como fato de linguagem, matéria e produto de criação.

Não basta reproduzir ou inventar alguns acontecimentos, colocando-os em seqüência linear e em linguagem gramaticalmente correta, ignorando que o interesse e objetivo da proposta está sobretudo no seu uso particular enquanto objeto de uma realidade que só por ela é criada. A inventividade se pauta pelo dizer muito mais do que pelo imaginar. Portanto, não basta pensar uma história, é preciso criá-la em palavras (Ghilardi et alii, 1998).

## 1.2.1 A Narrativa e a Narração

### 1.2.1.1 A Narrativa

Muitas vezes, os termos narrativa e narração são empregados como sendo sinônimos, por isso, é necessário distingui-los. Para isso, recorreremos a um texto pertencente ao *corpus* desta pesquisa:

*“Grandeza, só onde interessa*

*Movimento rotineiro. Ao despertar, reservo meus primeiros minutos para infectar meus pulmões e admirar a pequena e tão preciosa paisagem que o Rio me oferece. Ou ainda, o que a minha rústica janela me reserva. Apesar de tentar me readaptar a esta cidade, consigo dispor de alguns prazeres.*

*Hoje será diferente. Depois de meses a procura de emprego, estou sentindo uma certa segurança nesta nova entrevista. Ainda contando com todos os fios dos meus cabelos bem negros, sinto que envelheci e amadureci muito nestes anos de especializações. Tenho consciência de que sou um arquiteto consceituado, mas vivo o grande drama de só poder admirar minhas conquistas na parede. Mas hoje será diferente.*

*Já em direção à Bella Arte, me pego fazendo textes de conversação com o senhor Manoel, meu fiel taxista que acha graça com aqueles bigodes notavelmente português, mas por entre o retrovisor me olha, me fazendo sentir o que “já sei que sou”: homem de muita bagagem.*

*Um breve aperto de mão com o poderoso J.M. Barros, e já vou tirando de minha pasta todas as lembranças que trouxe lá do Tio Sam. E assim vou me saindo muito bem, e causando muito impacto. Mas, ao usar seu banheiro, percebi que havia uma certa simetria em seus objetos usuais, e a conversa foi se enfatizando em relação a minha organização doméstica, que aliás, deixava a desejar. Fiquei de voltar na próxima semana. Entretanto, já não sabia se seria capaz de arquitetar uma obra tão precisa, conforme o requisitado”.*

O caráter narrativo do texto é a mudança de situação, ou seja, passa-se de uma situação inicial de equilíbrio para, depois de uma série de fatos e acontecimentos, chegar-se ao um estado final: “Narrativa é uma mudança de estado operada pela ação de uma personagem” (Savioli e Fiorin, 1997a, p.227).

Os autores atestam, também, que há dois tipos de mudanças: um em que alguém passa a ter algo que não tinha; e o outro, que alguém perde algo que possuía. Desta forma os tipos básicos de narrativa são de aquisição e de perda.

Ainda afirmam que um texto narrativo possui várias transformações, e que o modelo tradicional apresenta quatro – sejam elas de aquisição ou de perda, a saber:

1) um personagem passa a ter um querer ou um dever. Recorrendo ao exemplo, temos a transformação acontecendo no momento em que o narrador personagem passa a querer o emprego:

*“Depois de meses a procura de emprego, estou sentido uma certa segurança nesta nova entrevista”;*

2) o personagem adquire um saber e um poder. No texto, isso se evidencia quando o personagem afirma:

*“amadureci muito nestes anos de especializações. Tenho consciência de que sou um arquiteto conceituado.”* Isso demonstra o saber adquirido através de cursos, especializações, e é este fato que gera o poder de sentir-se um arquiteto conceituado;

3) o personagem realiza o que quer ou o que deve fazer - é a principal mudança da narrativa. Neste texto, pois a personagem mostra tudo o que sabe:

*“já sei o que sou: homem de muita bagagem”*, e isso vai propiciar a realização do seu maior desejo, conseguir um emprego, após meses de procura;

4) a partir da mudança principal, a personagem será premiada ou castigada. No texto, a esperada entrevista acontece, marcando, assim, a transformação desejada, pois o personagem afirma:

*“Vou me saindo muito bem, e causando muito impacto.”* Porém a personagem acredita não ser *“capaz de arquitetar uma obra tão precisa, conforme o requisitado.”* Assim, não consegue o emprego, ou melhor, não aceita o emprego. E a isso

podemos inferir como sendo o castigo, uma vez que uma pessoa tão qualificada não consegue se encaixar no perfil da empresa contratante.

É importante lembrarmos que o prêmio e o castigo estão diretamente ligados ao desfecho da narrativa, ou seja, será premiada o personagem que ao longo da história se comportou bem, ao passo que o que teve um mal comportamento será castigado. Todavia, essa não é a regra geral, pois acontece de um personagem mau ser premiado e um bom ser castigado. No texto/exemplo, o personagem não demonstra nenhuma característica má, porém recebe um castigo, que está implícito, não conseguindo seu desejo, o novo emprego depois de meses se preparando para isso.

As mudanças, comentadas até aqui, não são necessariamente explicitadas na narrativa, “uma vez que elas se pressupõem, mas toda narrativa possui as quatro, mesmo que implicitamente” (Savioli e Fiorin, 1997a, 229).

Koch (1999, p.37) apresenta dois grupos em que as situações comunicativas estão inseridas. Esses grupos vêm fortalecer a importância do conflito para que um texto seja uma narrativa.

Para a autora os grupos são denominados de mundo narrado e mundo comentado. Fazem parte do mundo narrado todos os tipos de relato, literários ou não. Já ao mundo comentado pertencem a lírica, o drama, o ensaio, o diálogo, o comentário, ou seja, “todas as situações comunicativas que não consistam, apenas, em relatos, e que apresentem como característica a atitude tensa” (Op. Cit., p 37). É esta atitude tensa que é o conflito que o texto narrativo deve dramatizar para que se constitua como tal:

[...] o falante está em tensão constante e o discurso é dramático, pois se trata de coisas que o afetam diretamente. ‘O falante está comprometido: tem de mover e tem de reagir e seu discurso é um fragmento de ação que modifica o mundo em um ápice e que, por sua vez, empenha o falante também em um ápice (Op. Cit., p. 38).

Constatamos, então, que a narratividade não é exclusiva da narração. A partir do momento que ela é a transformação de situações, ela existe em outros tipos de textos.

#### 1.2.1.2 A Narração

A narração “é um tipo de narrativa” (Savioli e Fiorin, 1997a, p. 229) que apresenta quatro características básicas (Op. Cit., p. 230):

1) a “transformação de situações referentes a personagens determinadas” (Op. Cit.), como nos confirma o texto que está sendo usado como exemplo, quando o arquiteto deseja o emprego:

*“Hoje será diferente. Depois de meses a procura de emprego, estou sentido uma certa segurança nesta nova entrevista.”*

2) “opera com personagens, situações, tempo e espaço bem determinados” (Op. Cit.): o texto exemplo tem como personagens o narrador – arquiteto; Sr. Manoel – taxista; J.M. Barros – o poderoso empresário. O tempo cronológico é marcado pela linearidade do dia, que começa com o despertar do arquiteto, pela manhã, até o momento da entrevista. O espaço maior é a cidade do Rio de Janeiro, sendo que a história se desenvolve em lugares como a casa do personagem principal, as ruas da cidade, em que é conduzido pelo táxi e a empresa Bella Arte, onde vai ocorrer a entrevista;

3) possui relação de posterioridade, concomitância e anterioridade entre os episódios relatados: a progressão temporal dos acontecimentos narrados acontece concomitantemente, na maior parte do desenvolvimento do texto:

*“Movimento rotineiro. Ao despertar, reservo meu primeiros minutos para infectar meus pulmões e admirar a pequena e tão preciosa paisagem que o Rio me oferece”;*

a relação de anterioridade, também aparece: “*sinto que envelheci e amadureci muito*”; “*vou tirando de minha pasta todas as lembranças que trouxe lá do Tio Sam*”; e finalmente a relação de posterioridade, “*Fiquei de voltar na próxima semana*”;

4) utiliza preferencialmente o subsistema temporal do passado (pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro do pretérito) para narrar; embora o narrador possa criar uma narração em que haja uma concomitância entre o tempo da narração e o dos acontecimentos narrados, para simular que eles estão acontecendo no mesmo momento em que estão sendo contados: nesse texto o autor trabalha com a segunda opção, a narração é desenvolvida concomitante aos acontecimentos narrados, por isso, a presença dos verbos no tempo presente – reservo, admirar, consigo, estou, sinto, etc.

Na narração, as quatro características explicitadas acima (transformação de situações concretas, figuratividade, relações de posterioridade, concomitância e anterioridade entre os episódios relatados e utilização preferencial do subsistema temporal do passado) devem estar conjuntamente presentes. Um texto que tenha só uma dessas características ou duas delas não é uma narração (Savioli e Fiorin, 1997a, p.231).

É notório que ao encadear uma seqüência de fatos – reais ou imaginários – em que personagens se movimentam num certo espaço, à medida que o tempo passa, sujeitos a constantes transformações, tem-se a atitude lingüística da narração.

E assim, através do exemplo aqui utilizado, cabe-nos afirmar que toda narração é uma narrativa. Entretanto, nem toda narrativa é narração: a “narratividade é um componente que pode existir em textos que não são narrações. A narratividade é a transformação de situações” (Op. Cit., p. 229).

### 1.2.1.3 O Relato

Um texto é classificado de relato quando o seu conflito não é explorado, ou seja, tem-se um texto com elementos da narrativa - ou um texto que superficialmente toca nos elementos da narrativa – mas o conflito não é desenvolvido. O fato se desenvolve por meio de uma simples seqüência de ocorrências factuais. “Grosso modo, pode-se dizer que no relato o conflito é construído como uma referência e abordado com um tipo de distanciamento que minimiza a sua dramatização” (Franco Jr. et alii, 1997, p. 106).

É o que acontece neste exemplo, extraído, também, do *corpus* deste trabalho:

*“Eu*

*Em 1964 nasci, aos 5 anos entrei na escola para aprender a ser uma pessoa culta e também ter uma vida digna perante a sociedade, e aprender também saber me defender das coisas ruins do mundo, mas anos se passaram lutei muito contra o tempo, passei por altas de baixas e até agora não consegui descobrir um lugar com meu nível de capacidade pra mim interar completamente e para buscar conhecimentos e muita sabedoria. Além de tudo isso ainda existe muitas pessoas que me cobram e a sociedade, que tem grande parte nesta minha situação, inclusive o poder político de nosso País que desencoraja qualquer pessoa de mente sã, é por isso que tenho me explicar, porque meu tempo está curto e se amarelou.”*

Esse texto não apresenta o desenvolvimento do conflito, uma vez que o candidato/autor apenas noticia uma seqüência de fatos – desde o ano que nasceu até o momento da produção da redação. Não acontece o detalhamento da situação problema e o texto constitui-se de um mero relato. Assim, o texto não cumpre com sua natureza narrativa, ele se desenvolve por meio de uma simples seqüência descritiva de fatos.

Nesse sentido, a diferença entre narrativa e relato reside na instauração ou não do conflito. Diferença esta que dificilmente é reconhecida pela escola. Por isso, quando

um aluno chega no momento do vestibular e opta por produzir uma narração<sup>2</sup>, comumente, constrói um relato, acreditando ser uma narrativa. Agindo assim, além de ignorar a dramatização do conflito, os demais elementos do texto narrativo – personagem, tempo, espaço, ação, clímax, desfecho, narrador, foco narrativo – não são explorados de forma coerente, apenas são mencionados superficialmente.

Além disso, podemos dizer que, quando um texto instaura o conflito e trabalha com pessoas e não com personagens, conforme Faraco (2000), temos também um relato, como por exemplo esta notícia jornalística:

*“Todas as pessoas corriam em direção contrária às famosas torres gêmeas. A fumaça na rua era muito forte. Ambulâncias, carros de polícia e bombeiros iam de um lado para outro, mandando que todos se afastassem do local. Consegui chegar bem perto e ver a impressionante imagem de uma das torres pegando fogo. As pessoas corriam, gritavam, deixavam as bolsas e os celulares cair no chão. Encontrei o prefeito de Nova York, Rudolph Giuliani, andando pelas ruas com seus assessores e seguranças. Comecei a entrevistá-lo quando a segunda torre caiu. Esse momento nunca vai sair de minha memória. Giuliani começou a correr desesperadamente, a fumaça preta era cada vez maior. O prefeito entrou num carro e foi embora. Todas as linhas de telefone estavam congestionadas. Quando consegui completar uma ligação, comecei a passar as informações para a TV Globo, a Globo-News e a RBS (rádio gaúcha). Entrei ao vivo algumas vezes com o depoimento de muitas testemunhas. Algumas horas se passaram e a fumaça e o pavor continuavam nos arredores. Todas as ruas próximas ao World Trade Center continuaram fechadas” (Tanise Sirotsky, jornalista. Revista Época, 12/09/01).*

### 1.2.2 A Organização do Texto Narrativo

Iniciamos esta seção com a citação de Therezo (1999, p.25), que magistralmente define o texto narrativo:

A narrativa privilegia a sensibilidade. É um texto ficcional cujo objetivo é representar idéias através de fatos vivenciados por personagens, organizados em

---

<sup>2</sup> No vestibular da UEM “normalmente, são apresentados três temas, assim distribuídos: um que permite a produção de uma dissertação, um que permite uma narrativa e um terceiro, permitindo a escolha entre a dissertação e a narrativa, como forma de oferecer um leque de opções ao candidato” (ZANINI e MENEGASSI, 1996:369).



uma linguagem específica que lhe dê forma e sentido. Seu intuito é sensibilizar o leitor para uma maior e melhor compreensão do homem e da vida.

Numa narrativa costuma-se passar de um estado inicial de equilíbrio para um estado final em que, depois de um série de fatos e acontecimentos, se restabelece o equilíbrio – diferente ou não do equilíbrio inicial. Com isso, é comum que um texto narrativo apresente uma estrutura comum a todo tipo de texto: introdução, desenvolvimento e conclusão. Aqui, no entanto, abordaremos essa estrutura face à sua organização, segundo a terminologia de Vilela e Koch (2001, p.551):

a) **Situação Inicial:** é a parte do texto narrativo em que são apresentados personagens e expostas algumas circunstâncias da história, como o momento e o lugar em que a ação - responsável pela indicação das idéias e “fatos vivenciados pelo(s) personagem(ns) - se desenvolverá. Cria-se, assim, um cenário e uma marcação de tempo para os personagens iniciarem suas ações. É a “*situação estável*”, ou seja, de equilíbrio, que poderá ser desestabilizada por uma transformação, a qual perturbará tal situação. Neste momento, evidenciamos, explícita ou implicitamente, os elementos da narrativa (1.2.3).

b) **Transformação ou nó:** é a parte do texto narrativo em que se inicia propriamente a ação: por algum motivo, acontece alguma coisa ou algum personagem toma uma atitude que dá origem a transformações no estado inicial, expressas em um ou mais episódios. Encadeados, esses episódios surgem “por força da força perturbadora e que instala o desequilíbrio”, que é o ponto da narrativa em que a ação atinge seu momento crítico, tornando inevitável o desfecho, ou seja, é quando se iniciam as

transformações que a narrativa se torna realmente narrativa.

- c) **Situação final:** é a solução, clara ou implícita, do conflito produzido pelas ações dos personagens. Restabelece-se o equilíbrio, recuperando a situação inicial modificada pelos “fatos vivenciados” pelos personagens, podendo haver espaço para uma avaliação de tudo o que foi narrado.

Os episódios que compõem a narrativa costumam seguir uma seqüência cronológica. No entanto, pode-se optar por apresentar o desfecho, ou solução do conflito, antes da complicação e do clímax, momento de maior tensão da narrativa, que marca a “força” do “nó”.

### 1.2.3 Os Elementos da Narrativa

A narrativa estrutura-se em cinco elementos básicos, conforme Gancho (1999) e Therezo (1999), a saber: enredo, personagens, tempo, espaço/ambiente e narrador.

A primeira autora destaca duas questões fundamentais para o enredo: as partes que o compõem e seu valor ficcional. Isso aponta para a estrutura e a organização do enredo - (introdução, complicação, clímax e desfecho) - em que o elemento principal é o conflito, pois é ele que gera a “transformação”, que Vilela e Koch utilizam, e determina as demais partes do enredo. Assim, “conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, idéias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende atenção do leitor” (Gancho, 1999, p. 11).

O valor ficcional - centrado no princípio da verossimilhança – é a lógica do enredo, que o torna verdadeiro para o leitor, é a essência do texto de ficção. Isto quer dizer

que, mesmo sendo inventados, o leitor é levado a acreditar no que lê.

Barbosa (1994) define enredo como uma sucessão das situações que compõem uma história. Essa sucessão pode ser linear ou não-linear. Quando uma seqüência é clara com começo-meio-fim, com desenrolar passo-a-passo dos acontecimentos, o enredo é linear. Porém, algumas histórias possuem cortes, deixando as ações subentendidas. Em determinados momentos, aos acontecimentos são misturados presente, passado e futuro, quebrando a linearidade dos acontecimentos e a sucessão do tempo. Essa quebra do encadeamento linear chama-se *flash-back*, o qual sempre aparece junto do corte, gerando assim um enredo complexo no que se refere a tempo.

Quanto ao elemento personagem, Gancho (1999) o apresenta como um ser fictício responsável pelo desempenho do enredo, quem faz a ação. É o elemento mais vivo, mais concreto das narrativas. Pode ser classificado quanto ao papel desempenhado no enredo e quanto à caracterização. No primeiro caso, pode ser: protagonista (herói, anti-herói), antagonista e secundário. No segundo caso: personagens planos (tipo, caricatura) e personagens redondos.

Vale lembrar que os fatos de um enredo estão ligados ao tempo em vários níveis: época em que se passa a história, duração da história, tempo cronológico e tempo psicológico.

O espaço é o lugar onde se desenvolve a ação numa narrativa. Sua função é situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação. O termo espaço só dá conta do lugar físico; para designar um lugar psicológico, social, econômico, é utilizado o termo ambiente. Neste sentido, ambiente é um conceito que aproxima tempo e espaço, pois é a confluência desses dois referenciais, acrescido de um clima.

O narrador é um recurso de que o autor se utiliza para se colocar frente ao seu texto, dando a esse um clima maior de mistério, suspense ou até mesmo realismo. Em

outras palavras, ele é um contador de histórias.

Há, basicamente, três formas de tratar a fala dos personagens inventados pelo autor, ou seja, três tipos de narrador (Faraco, 2000):

1. **Narrador-personagem** é aquele que participa da ação, ou seja, inclui-se na narrativa, e esta é feita na primeira pessoa (eu, nós).
2. **Narrador-observador** é aquele que é apenas testemunha, ou melhor, um observador que acompanha as personagens. Aqui o autor utiliza da terceira pessoa (ele, ela, eles e elas).
3. **Narrador-onisciente** é aquele que conhece as personagens em seu íntimo, podendo até revelar sentimentos e pensamentos delas.

Numa narrativa, as personagens podem, ou não, ter falas, e estas podem aparecer transcritas através deste discurso (Op. Cit.):

1. **Discurso Direto:** é o discurso que coloca os personagens falando uns com os outros (diálogo). Esse tipo de discurso dá vivacidade às personagens.
2. **Discurso Indireto:** é aquele em que a fala das personagens é feita pelo narrador, com suas próprias palavras. Narra os fatos simplesmente como se passaram.
3. **Discurso Indireto Livre:** este tipo de discurso mistura de tal modo o discurso direto com o indireto, que se torna difícil distinguir se alguém está falando, se é pensamento do narrador ou do personagem.

A relação entre o narrador e a sua narração, portanto,

“compreende os situadores do espaço e do tempo – o uso dos dêiticos -, o seu distanciamento em relação à narração – de simpatia ou antipatia, de afeto ou desafeto -, o discurso como expressão do pensamento do ator da ação ou como **discurso reportado**” (Vilela e Koch, 2001, p.552).

Dessa forma, os elementos narrativos estão interligados, são partes de um contexto articulado, completam-se no todo da história. E quando se fala em originalidade, tem-se na narrativa “o aproveitamento inteligente e sensível desses recursos” (Therezo, 1999, p.26), ou seja, dos elementos narrativos.

### 1.3 ASSUNTO – TEMA –ENFOQUE TEMÁTICO

Menegassi e Zanini (1998, p. 43) afirmam que o **assunto** é uma idéia ampla e genérica, sobre a qual será desenvolvido o texto: “é uma referência que está ao alcance do autor/produtor e do leitor” (Op. Cit.). Assim, o assunto, por sua abrangência, torna-se referencial ou contextual. Num texto, o assunto é o fio condutor que mantém a coerência, e o que o texto apresenta é um recorte que permite ao autor explorá-lo naquele espaço e tempo. Isso porque o texto tem que cumprir os objetivos a que se propõe. E um deles é esgotar o conteúdo anunciado. Por isso, o que se traz da referência (assunto) para o texto (parte desse assunto) é o tema.

Na situação da Prova de Redação do Vestibular, para que o candidato possa desenvolver seu texto, é necessário, então, fazer uma delimitação do assunto, enfocando um de seus aspectos, os quais os autores denominam de **tema**:

O tema é uma delimitação do assunto, ou seja, é uma parte da referência, que por

enquanto, é do domínio do autor/produtor, é um aspecto da idéia geral, ou seja, do assunto, que é oferecido ao candidato para demarcar o enfoque temático proposto pelo estímulo (Menegassi e Zanini, 1998, p.43).

A partir do momento que se tem o tema em mãos, ou em mente, vários questionamentos ainda fazem parte do produtor do texto. Esses questionamentos são os subtemas, classificados de **enfoque temático**, que “é a especificação de um aspecto do tema, que se apresenta mais saliente no texto de apoio. Ele envolve o ponto de vista do autor/produtor do texto” (Op. Cit.). Nesse momento, aflora a criticidade do autor/produtor, porque se espera dele um posicionamento face ao tema.

A descoberta desta gradação: assunto – tema – enfoque temático,

e a conseqüente exposição na redação produzida demonstram que o candidato fez a leitura correta e esperada do estímulo proposto pelo texto de apoio na situação de concurso vestibular. Nesse sentido, esse tipo de proposta de trabalho testa a capacidade de leitura do comando apresentado para o tema, a compreensão do texto de apoio e penaliza as redações pré-fabricadas, memorizadas, que se enquadram em qualquer proposta temática (Op. Cit., p. 44).

Recorrendo à Prova de Redação do Vestibular de Verão99 da UEM (2.1.2), temos a seguinte gradação:

<b>Assunto</b>	<b>Tema</b>	<b>Enfoque temático</b>
Amarelar	Impotência diante de uma situação de desafio.	A construção de uma história em que o personagem se envolva numa trama pertinente ao tema.

O assunto “amarelou” é uma gíria que tomou conta da mídia após a seleção brasileira ter perdido a Copa do Mundo de Futebol para a seleção francesa, em 1998. Assim, este contexto coloca em sintonia o autor e o leitor, uma vez que “Amarelou: termo recentemente usado pela mídia, para expressar estado de repentina impotência diante de uma

circunstância de desafio” fez parte da realidade de todos os brasileiros.

Apresentado dessa forma, o assunto e o tema, já que determinado pelo texto de apoio, deixam um leque muito grande de opções que orientam o enfoque temático para o candidato redigir sua narrativa. Então, o tema é marcado a partir de exemplos figurativos, apresentando-o através de situação de covardia, medo ou timidez diante de uma situação de desafio. As narrativas que desenvolvessem esse tema estariam dentro da proposta dos elaboradores da prova.

O enfoque temático a que os candidatos deveriam obedecer eram situações de "amarelar" expandidas com descrições e ações que enfatizassem um estado de impotência diante de uma circunstância de desafio para o(s) personagem(ns).

Dessa forma, fica evidente que o tema é o sentido que se depreende da história e provoca unidade à narrativa, e esta unidade é a principal tarefa que o candidato/autor deve manter, ao optar pelo desenvolvimento desta tipologia, construindo uma história clara, delineada e mantida tematicamente até o desfecho.

Por isso, faz-se necessário à narrativa a comoção, o despertar de emoções ao leitor, uma vez que

o tom narrativo não é frio, indiferente, como o do simples relato de fatos, cabe ao vestibulando montar a história tendo em vista os elementos temáticos com uma certa ordem, sem antecipar desfechos; contar cada uma das ações numa seqüência temporal que leve ao clímax e, depois ao desfecho (Therezo, 1999, p. 19).

### **1.3.1 O Tema na Narrativa: Como Encontrá-lo?**

Segundo Savioli e Fiorin (1997a, p. 101), o que possibilita a interpretação do tema, que na maioria dos casos encontra-se implícito, ora em uma palavra em sentido denotativo ou conotativo, é a coerência da rede, isto é, a representação no texto de coisas e acontecimentos do mundo natural numa inter-relação com o mundo abstrato. Assim, é

necessário recorrermos à definição de coerência figurativa:

Por coerência figurativa entende-se a articulação harmônica das figuras do texto, com base na relação de significado que mantêm entre si. As várias figuras que ocorrem num texto devem articular-se de maneira coerente para constituir um único bloco temático (Savioli e Fiorin, 1997b, p. 263).

Quando esta coerência é quebrada efeitos desconcertantes vêm à tona, por isso todas as figuras pertencentes a um mesmo tema devem pertencer ao mesmo universo de significado. Confirmando isto podemos usar como exemplo o assunto, tema e enfoque temático que regem o comando do *corpus* que será analisado neste trabalho.

Dissemos que o assunto abordado no comando era “amarelar”, tendo como tema, “impotência diante de uma situação de desafio”. Para ser coerente com esta proposta é necessário que todas as figuras encaminhem para o tema da covardia diante de um desafio: um pedido de namoro que não se concretiza; uma apresentação escolar que não se realiza; um jogo de futebol que se perde, quando o time é favorito e tem tudo ao seu favor etc., porém, dizer que uma pessoa fica pálida ao ser presa, ou então que no momento de uma revelação o personagem é convidado a jogar bocha, não constituem uma coerência figurativa ao tema em questão.

Aceitando a coerência como indicador de tematização, citamos os fatores de coerência, que, segundo Koch e Travaglia (1991, p. 59), dizem respeito a elementos lingüísticos que no texto servem de “pistas para a ativação dos conhecimentos armazenados na memória, constituem o ponto de partida para a elaboração de inferências, ajudam a captar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem o texto, etc.”

Tais fatores podem assim ser resumidos:

- a) Conhecimento lingüístico** – diz respeito ao domínio do código que ambos, autor e leitor têm do código em que o texto é escrito.



- b) Conhecimento de mundo** - desempenha um papel não menos importante e decisivo, pois é necessário que o texto fale de coisas que façam parte dos conhecimentos de quem o lê; caso contrário, não se têm condições de calcular o seu sentido e ele parecerá destituído de coerência. Diz respeito às experiências vividas e acumuladas.
- c) Conhecimento partilhado** - apesar da impossibilidade de duas pessoas partilharem exatamente o mesmo conhecimento de mundo, é preciso, no entanto, que produtor e receptor de um texto possuam, ao menos, uma boa parcela de conhecimentos comuns.
- d) Inferências** - que nada mais são que a *“operação pela qual, utilizando seu conhecimento de mundo, o receptor (leitor/ouvinte) de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar”* (Op. Cit., p. 65).
- e) Situacionalidade** – agindo em duas direções, da situação para o texto, *“determina em que medida a situação comunicativa interfere na produção/recepção e, portanto, no estabelecimento da coerência”* (Op. Cit., p. 65); enquanto que do texto para a situação, o produtor ou autor do texto recria o mundo de acordo com seus objetivos, interesses, propósitos, crenças, convicções.
- f) Focalização** – tem relação direta com a questão do conhecimento de mundo e de conhecimento partilhado. Um mesmo texto, dependendo da focalização, pode ser lido de modo diferente.”
- g) Informatividade** – abrange o grau de previsibilidade da informação contida no texto. Quanto maior essa previsibilidade, mais baixo será o

nível de informatividade.

- h) Intertextualidade** – pode ser de forma ou de conteúdo. Ocorre a intertextualidade de forma, quando o autor de um texto estabelece relações com outros textos, ou, então, com o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso. Já a intertextualidade de conteúdo se manifesta nos “textos de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma época, de uma mesma cultura, etc., dialogam, necessariamente, uns com os outros” (Op. Cit.).
- i) Intencionalidade** – refere-se ao modo como os autores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo textos adequados à obtenção dos efeitos desejados.
- j) Aceitabilidade** – refere-se à forma como o autor organiza as informações, justificativas e provas e, no caso da narrativa, organiza a trama com objetivos de garantir a sua aceitação por parte do leitor, ou seja, centra-se no princípio da verossimilhança.

A coerência, então, não é tida apenas como um traço ou uma propriedade do texto em si, mas sim, numa situação comunicativa concreta. Ela se constrói na interação entre o texto e seus usuários.

A partir do momento em que os fatores da coerência são dominados pelo produtor de texto, ele conseguirá depreender o que a proposta de elaboração de uma redação requer, e então fará a leitura das figuras apresentadas, encontrando o tema proposto.

#### 1.4 COMO AVALIAR A NARRATIVA?

Segundo Serafini (1992), a avaliação é uma etapa conseqüente à correção.

Da mesma forma que a correção, a avaliação “precisa estar ligada àquilo que está sendo ensinado ou o que está sendo considerado como importante para ser ensinado” (Fini, 1998, p. 9). Essa etapa, entretanto, não acontece de uma forma tranqüila, visto que a falta de regras pode caminhar fortemente para a subjetividade e o professor incorrer em injustiças.

O estabelecimento de critérios bem definidos, que funcionem como parâmetros para analisar os dados observados na aprendizagem do aluno, evitam que haja arbitrariedade por parte do avaliador. Dessa maneira, a avaliação se desenvolve em bases legítimas e possibilita a conscientização do aluno a respeito do que se espera em termos de aprendizagem.

Nos ensinos fundamental e médio, é pelas diferentes produções textuais, ao longo de um período, que o professor acompanha e medeia o trabalho de elaboração de cada aluno. Nesse processo de comparação textual, torna-se observável o que o aluno já domina e o conhecimento de que ainda precisa se apropriar para o domínio da escrita.

Situações específicas, como a do vestibular, é o momento em que o avaliador analisa criticamente o produto acabado. Mesmo porque não ocorre o retorno deste produto para o candidato/autor. Por isso, a redação submete-se ao processo de mensuração, quando lhe é dada uma nota e ponto final:

Um dos objetivos, que é o nosso na situação de avaliação de redações, é aquele que abarca a função à que Serafini denomina de administrativa ou de mensuração. Isso ocorre porque avaliamos com o objetivo de mensurar conhecimentos sobre a produção de redação, de atribuir valores, numa escala gradativa dentro de campos específicos, aos elementos constituintes do texto, ou seja, numa ‘planilha’ própria para a situação (Menegassi e Zanini, 1997, p. 751).

No caso desta pesquisa, que contempla o texto narrativo, é necessário apresentarmos critérios de avaliação<sup>3</sup> referentes a esta tipologia e que podem ser utilizados por professores do ensino fundamental e médio. Tais critérios são assim divididos:

a) **Adequação ao tema proposto:** o tema é a matéria do enredo e resulta do tratamento dado pelo autor a determinado assunto. Corresponde, portanto, à história que precisa estar provida de sentido.

Se o tema concede unidade à narrativa, a manutenção dessa unidade é o primeiro critério a ser exigido. A história deve ser clara e mantida até o final do texto. Deve comover, despertar emoções. Como o tom narrativo não é frio, indiferente, como seria o do simples relato de fatos, cabe ao aluno construir a história com uma certa ordem.

b) **Adequação a tipologia:** a narrativa não é um relato de fatos do cotidiano, mas uma imagem da realidade. Há necessidade de um trabalho com seus constituintes: tempo, espaço, personagens, ações, foco narrativo, tipos de discurso, variações lingüísticas, verossimilhança e, ainda, poderão se considerados: conflito, enredo, complicação, clímax e desfecho.

c) **Adequação ao nível de linguagem:** na narrativa, a escolha do registro lingüístico do narrador deve, em princípio, recair sobre a norma culta. Mas, como esse gênero abrange diferentes tipos de discurso, o perfil da personagem condiciona a variedade lingüística que usará. Portanto, é possível que o discurso do narrador (indireto) atenda à norma culta e o da personagem (direto) seja de uma outra variante, utilizando o dialeto caipira ou a gíria, por exemplo. Há, ainda, a possibilidade de ser escolhida, de acordo com a intenção do autor, uma variante específica e particular para a própria narração, tendo como modelo grandes escritores. Entre os recursos gramaticais, deve ser dada especial atenção ao correto emprego dos tempos verbais do passado: imperfeito, perfeito, mais-que-perfeito e futuro do pretérito.

d) **Coesão textual:** a noção de coesão pode ser estendida à narrativa como a ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os constituintes narrativos. Essa correlação entre elementos, que estabelece a unidade narrativa, se dá de dois modos: o

---

<sup>3</sup> A explicação desses critérios está de acordo com Ghilardi et alii (1998).

primeiro informa sobre o que acontecerá em seguida e o segundo agrupa os índices que informam sobre o caráter das personagens, a atmosfera e outros elementos.

A narrativa possui uma coesão seqüencial, mas, nela, as seqüências correspondem a conjuntos de ações e podem equivar a uma conflito – unidade dramática. Assim, a história progride, avança e não fica circulando em torno de um único acontecimento.

e) **Coerência textual:** a coerência na narrativa é um princípio de interpretabilidade do texto. A coerência externa diz respeito ao constituinte narrativo com aparência de real. Embora fictícia, é a história em si que se propõe como verdade para o leitor, que deve acreditar nela. Ela dá a impressão de que os acontecimentos que a compõem são fragmentos da realidade. A coerência interna baseia-se no modo de contar a história – o discurso – que caracteriza a personagem, o ambiente, definindo espaço e tempo e que narra os acontecimentos numa dada ordem. Esse discurso acaba por envolver e levar o leitor a acreditar que o que se diz é verdade.

É importante lembrar que os critérios não são estanques, podendo ser alterados quantas vezes forem necessárias, visando, assim, a uma mudança de postura no produtor, já que ele precisa ter claro que o texto todo, do título à conclusão, é importante.

#### **1.4.1 Critérios de Avaliação de Texto (UEM)**

Menegassi e Zanini (1997), na planilha de critérios do vestibular da Universidade Estadual de Maringá – UEM, consideram o texto com face dúplice – conteúdo e forma; portanto a planilha de avaliação de redação, em situação de vestibular, também tem a mesma face, englobando esses dois campos. Tanto o conteúdo quanto a forma possuem 30 pontos cada, uma vez que o valor total da redação no vestibular da UEM é de 60 pontos.

Esses 30 pontos são subdivididos, de acordo com a importância de cada um, entre os itens que compõem o respectivo campo.

Os itens que compõem o campo do conteúdo são:

- 1) **Título** - é avaliado sua pertinência com a redação e o conteúdo que ela expõe. Assim ele pode ser considerado: a) título impertinente; b) título pertinente; c) título ótimo. Valor 0 a 2 pontos.
- 2) **Tema** - é avaliado a leitura que o candidato fez do tema que escolheu, bem como do seu comprometimento com esse tema. A escala de valores parte de: a) fuga do tema; b) leitura muito ruim do tema; c) leitura razoável do tema; d) leitura correta; e) leitura boa; f) ótima leitura. Valor: 0 a 14 pontos.
- 3) **Coerência** - é avaliada a articulação do texto, a sua progressão, a não-contradição e a repetição das idéias sobre o tema, com observação na sua argumentação. A escala de valores desse item obedece a esta ordem crescente: a) com problemas graves; b) com problemas; c) razoável; d) correta; e) boa; f) muito boa. Valor: 0 a 14 pontos.

Os itens que compõem o campo da forma são:

- 1) **Tipologia textual** - é avaliada a adequação da redação à tipologia textual respectiva, ou seja, aquela indicada no comando do tema escolhido. A sua valoração é gradativa dentro desta escala: a) outra tipologia; b) marcas mínimas; c) marcas razoáveis; d) marcas corretas; e) marcas boas; f) marcas muito boas. Valor: 0 a 10 pontos.

- 2) **Emprego da norma padrão-culta** - é verificado e avaliado o emprego da norma padrão-culta ensinada no sistema escolar brasileiro. A sua valoração oscila nesta escala: a) fora da norma; b) uso ruim; c) uso razoável; d) uso adequado; e) uso correto; f) uso sofisticado. Valor: 0 a 10 pontos.
- 3) **Coesão** - avalia o emprego de elementos coesivos e o seu desempenho na articulação, na progressão, na não-contradição e na repetição das idéias apresentadas. Os valores são assim distribuídos: a) marcas muito frágeis; b) marcas frágeis; c) marcas mínimas; d) marcas de coesão; e) marcas adequadas; f) marcas sofisticadas. Valor 0 a 10.

Cumpre esclarecermos que cada um dos itens têm uma pontuação própria distribuída dentro da escala etiquetada, conforme o exposto. Dentre eles, dois somente desclassificam o candidato: fugir ao tema proposto e apresentar uma tipologia textual diferente da solicitada.

Nesse contexto, a planilha de avaliação de redação da UEM procura contemplar o texto na sua totalidade e numa distribuição de valores escalonada por etiquetas o quanto possível objetiva, mesmo porque foi muito discutida com professores dos três níveis de ensino em regiões diversas do Estado.

#### **1.4.2 Critérios de Avaliação de Textos Narrativos (UEM)**

O foco principal desta pesquisa centra-se em avaliar o tema em textos narrativos. Para isso, é necessário concentrarmos a pesquisa em dois focos principais: o tema

propriamente dito e a coerência como indicador de tematização. Assim, entre os critérios de avaliação de textos narrativos da UEM, apenas dois itens assumem importância neste trabalho: o tema e a coerência.

O tema é assim avaliado, segundo a planilha da UEM:

- a) **desclassificada** - a redação que tratar de outro assunto ou que divagar sobre aquele proposto;
- b) **leitura fragmentada** - quando a redação reportar-se ao tema proposto, resgatando fragmentos do texto de apoio ou, quando simplesmente, toca no assunto;
- c) **leitura tangencial** - refere-se ao assunto, apresenta o tema, porém, parafraseia-o, reescrevendo o texto de apoio em forma de narrativa;
- d) **leitura superficial** - tematiza conforme o texto de apoio, mas não acrescenta informação nova;
- e) **leitura adequada** - tematiza conforme o texto de apoio, acrescenta informações novas, porém não explicita uma tese;
- f) **leitura complexa** - acrescenta informação nova, resolvendo o(s) conflito(s), com objetivo de marcar um desfecho que enfatiza a mensagem;
- g) **leitura mais complexa** - a redação apresenta uma análise da tese, com fins de persuadir o leitor.

A coerência, por sua vez, possui os seguintes critérios de avaliação:

- a) problemas muito graves - a redação apresenta os elementos de uma



narrativa que apontam para o tema, mas no(s) conflito(s) o tema evidenciado é outro;

- b) problemas graves - as personagens desenvolvem ações inadequadas às características descritas ou vice-versa: ou o(s) conflito(s) são impertinentes ao(s) objetivo(s) da(s) personagem (ns);
- c) problemas - há uma proposta de história pertinente ao tema, porém esta se desenvolve em ambiente impertinente ao desenrolar das ações das personagens ou a conclusão não faz retomada dos fatos apresentados ou Dos personagens ou há termos inadequados ao contexto;
- d) história adequada e óbvia, com resolução simples do(s) conflito(s) e ajuste seqüencial de idéias;
- e) história pertinente com justificativas que garantem a verossimilhança, conclusão correta;
- f) enredo com conflito(s) muito bem tramado(s), provas e exemplos verossimilhantes; episódios e conclusão com desfecho pertinentes.

## **2 A NARRATIVA NO VESTIBULAR DA UEM**

Entendo que para contar é necessário primeiramente construir um mundo, o mais mobiliado possível, até os últimos pormenores. Constrói-se um rio, duas margens, e na margem esquerda coloca-se um pescador, e se esse pescador possui um temperamento agressivo e uma folha de papel pouco limpa, pronto: pode-se começar a escrever, traduzindo em palavras o que não pode deixar de acontecer. (Umberto Eco – Pós-Escrito a O nome da rosa)

### **2.1 O CORPUS**

O corpus que utilizamos nesta pesquisa fez parte do Vestibular de Verão 99, escolhido aleatoriamente, da Universidade Estadual de Maringá – UEM, perfazendo um total de 30 redações narrativas, desclassificadas por fuga ao tema.

Optamos pelo concurso desta instituição uma vez que a Comissão do Vestibular Unificado – CVU- está desenvolvendo uma pesquisa sobre a planilha de avaliação de narrativas, denominado “Redação em língua materna: abordagens de avaliação”, sendo que este trabalho é uma fração desta pesquisa maior.

Por isso, é necessário apresentarmos o contexto de produção, bem como o comando que o candidato recebeu, ao escolher esta tipologia.

#### **2.1.1 O Contexto de Produção**

Quando solicitamos uma narrativa em um contexto de exame vestibular, esperamos uma redação em que apareçam de forma articulada os elementos constitutivos desse tipo de texto. Isso porque construir um texto narrativo não é meramente relatar um acontecimento ou, em outras palavras, não é apenas encadear fatos, produzindo uma história.

A tarefa do candidato/autor não será somente a de construir uma narrativa, mas de fazê-la para atender à solicitação de um exame vestibular como o da UEM, em que habilidades específicas – tais como capacidade para selecionar e interpretar dados e fatos, de estabelecer relações e elaborar hipóteses – estarão sendo avaliadas.

Sendo assim, ao ocupar-se da caracterização dos elementos constitutivos desse tipo de texto, o candidato terá de levar em conta algumas informações que determinam em parte esses elementos e que já são fornecidas no manual do candidato, bem como na apresentação da proposta. Em suma, a proposta da UEM não é somente um estímulo para a criação de um texto narrativo; ela é formada por um conjunto de informações que devem ser articuladas às caracterizações e desenvolvimentos que o candidato pretende dar às categorias do texto narrativo na hora de produzir sua redação.

Ao realizar a inscrição para o vestibular da UEM o candidato recebe um manual que contém todas as informações pertinentes a realização do concurso. No que se refere à redação, o manual vem assim explicitado:

### REDAÇÃO

Valor mínimo classificatório: 12 pontos.

Valor máximo: 60 pontos.

Somente serão avaliadas as redações que se apresentarem na folha “VERSÃO DEFINITIVA”, dos candidatos que obtiverem, no mínimo, 3 (três) pontos em cada matéria das provas objetivas.

As redações serão avaliadas, levando-se em conta:

- a capacidade de escrever sobre determinado tema na modalidade padrão culta da língua;

- a organização na apresentação de idéias;
- a elaboração de hipóteses explicativas;
- a interpretação de dados e fatos;
- o estabelecimento de relações.

Os critérios de avaliação das redações são os seguintes:

<b>CONTEÚDO (0 a 30 pontos)</b>	
Objetiva-se avaliar a capacidade de o candidato argumentar sobre um determinado tema, mensurar o processo de reflexão sobre esse tema e verificar a organização do conhecimento no texto escrito. Fazem parte da avaliação do conteúdo os itens:	
<b>TÍTULO</b>	avalia-se se a redação do título atribuído e a sua pertinência com o conteúdo apresentado na redação;
<b>TEMA</b>	avalia-se a leitura que o candidato faz do tema que escolheu, bem como do seu comprometimento com esse tema;
<b>COERÊNCIA</b>	avalia-se a articulação do texto, a sua progressão, a não-contradição e a repetição das idéias sobre o tema, com observação na sua argumentação.
<b>FORMA (0 a 30 pontos)</b>	
Objetiva-se avaliar o emprego das estruturas lingüísticas da norma padrão-culta e da estrutura da tipologia textual específica, relativa ao tema escolhido. Fazem parte da avaliação da forma os itens:	
<b>TIPOLOGIA TEXTUAL</b>	Avalia-se a adequação da redação à tipologia textual respectiva, ou seja, àquela indicada no <i>comando</i> do tema escolhido;
<b>EMPREGO DA NORMA PADRÃO-CULTA</b>	Verifica-se e avalia-se o emprego da norma padrão-culta ensinada no sistema escolar brasileiro;
<b>COESÃO</b>	Avalia-se o emprego de elementos coesivos e o seu desempenho na coerência das idéias apresentadas na redação.

Terão nota **ZERO** as redações que:

- A - fugirem ao tema escolhido, conforme indicação enumerada no espaço próprio da folha ou apresentarem divagação (informações soltas e desarticuladas) no desenvolvimento do tema;
- B - não desenvolverem o tipo de texto proposto no comando do tema escolhido;

- C – apresentarem acentuada desestruturação no desenvolvimento do tema e/ou se apresentarem com mais de 35 linhas ou com menos de 20 linhas ou menos de 200 palavras;
- D – apresentarem identificação, como, por exemplo, seu próprio nome, nome de pai, mãe, irmãos, avós, assinatura, citação, frases, erratas, rasuras, observações, uso de corretivos líquidos, ou qualquer outro registro, desenhos ou marcas, além do texto, ou às suas margens, mesmo que seja a lápis;
- E - forem consideradas ilegíveis ou desenvolvidas em forma de desenhos, números, versos, espaçamento excessivo entre letras, palavras e parágrafos, bem como desenvolvidas em códigos alheios à língua portuguesa escrita;
- F - forem desenvolvidas a lápis, a tinta em cor diferente da azul ou preta e/ou entregues em branco.

### **2.1.2 A Prova de Vestibular de Verão 99**

*“Após a leitura dos fatos relatados abaixo, produza um texto NARRATIVO, enfocando o tema apresentado. A estrutura da narrativa deve conter os seguintes elementos: narrador, personagem(ns), tempo, espaço e conflito(s). Atente para a questão da criatividade, não usando as ilustrações apresentadas.*

#### *AMARELOU*

*‘Amarelou’: termo recentemente usado pela mídia, para expressar estado de repentina impotência diante de uma circunstância de desafio.*

*Algumas situações características de ‘amarelar’:*

*1950 – O Brasil inaugura o Maracanã, sediando a Copa de Mundo. O Uruguai faz um gol. Silêncio mortal nas arquibancadas. O Brasil ‘amarela’ e perde o jogo.*

*1998 – Último jogo da Copa do Mundo no Stade de France. O Brasil, grande favorito, ‘amarela’, após a França fazer um gol. Perde a partida e a taça do pentacampeonato.*

*Dia das mães – No palco, a menina começa a recitar a poesia:*

*- Querida mamãe... querida mamãe...*

*‘Amarela’, chora e sai correndo.*

*- Ohhh..., sussurra a platéia, batendo palmas.*

*Festa de Aniversário – Rui fala com Luana, decidido a pedir-lhe em namoro:*

*- Luana, eu... Luana, eu... tudo bem?*

*‘Amarelou’. Não foi desta vez! Por enquanto, só amizade”*

Baseando-nos na teoria até agora apresentada, o candidato deveria utilizar os fatores de coerência para chegar ao tema proposto pela banca que elaborou a prova, ou seja, desenvolver uma leitura pertinente ao tema proposto.

### **2.1.3 A(s) Leitura(s) Possível (eis)**

Partindo da leitura da Prova de Redação, apoiando-nos nos conceitos de assunto – tema – enfoque temático, conforme Menegassi e Zanini (1998), seção 1.3, e a apresentação da gradação que levaria o candidato à leitura adequada do tema proposto, cabe-nos, neste momento, descrever alguns dos passos que o candidato/autor poderia ter percorrido para conseguir depreender o tema proposto. Primeiramente, recorrendo ao Dicionário Aurélio, amarelar, entre outros significados que não corroboram àquele assumido na Prova de Redação, significa: “desistir, por medo, de enfrentar situação perigosa e/ou difícil; acovardar-se”. Esse registro é importante, uma vez que esclarece o apresentado pelo comando da Prova de Redação, “estado de repentina impotência diante de uma circunstância de desafio” que, parece-nos, poderia levar o candidato a ler a proposta por um outro viés, como se apresenta no trecho a seguir:

*“Corre até a casa de Aisten, mas ele tinha saído agora o que fazer, toma apenas a metade do que restou. Quando ele chega, já o queima com um olhar de fogo e desejo, ele resolveu resar mas nada adiantou, a pirula falhou e ele broxou.”*

Nesse exemplo, o candidato/autor inferiu, através do conceito apresentado pelo comando, que “repentina impotência diante de uma circunstância de desafio” refere-se à impotência sexual, por isso construiu um texto em que o personagem principal, por não possuir um medicamento, “falha”, ou seja, não consegue ereção na hora da relação sexual.

Para a apresentação das leituras possíveis do tema, recorreremos aos fatores de coerência centrados no usuário:

I) Informatividade: na seção 1.3.1. apresentamos a informatividade como um fator de coerência que abrange o grau de previsibilidade da informação contida no texto.

No comando da prova, que procura estabelecer a situacionalidade, ou seja, agindo da situação para o texto, “determina em que medida a situação comunicativa interfere na produção/recepção e, portanto, no estabelecimento da coerência” (Koch e Travaglia, 1991), temos as seguintes informações:

- a) anuncia que haverá fatos relatados abaixo;
- b) referencia-se à estrutura ou tipologia textual – narrativa;
- c) a produção de um tema enfocado;
- d) referencia-se novamente à estrutura ou tipologia textual, detalhando quais os seus elementos;
- e) chama a atenção para a “*criatividade*”, “*não usando as ilustrações apresentadas*”.

O que esperamos dessa orientação ou comando:

- a) que o candidato redija um texto narrativo. Isso está enfatizado em dois momentos (a, c);
- b) que o candidato leia (compreenda e interprete) os fatos que se relatam após um título “Amarelou”;
- c) que o candidato seja “*criativo*”, ou seja, não se valha das “*ilustrações apresentadas*”, aqui resgatando, num mecanismo coesivo de sinonímia, “*fatos relatados abaixo*”.

Ainda, inserida no comando, temos:

- a) o título “Amarelou”;
- b) uma nova informação conceituando o termo “amarelou”.

O texto de apoio começa a emergir, a partir de informações que ilustram “*situações características de ‘amarelar’*”:

- 1- (...) O Brasil “amarela” e perde o jogo. Situação: inauguração do Maracanã; copa do Mundo de Futebol; gol do time adversário.
- 2- Copa do Mundo de Futebol; na França; decisão; favoritismo do Brasil; gol do time adversário; o Brasil perde o jogo.
- 3- “(...) a menina começa a recitar a poesia (...) ‘amarela’, chora e sai correndo”.
- 4- Um pedido de namoro não concretizado, pois “*Rui amarelou*”.



## II) Situacionalidade:

- 1- Concurso vestibular.
- 2- Prova de redação, ocorrida junto às provas de História e Geografia, todas num espaço de tempo compreendido entre às 8 e 12h.
- 3- Clientela: alunos oriundos do Ensino Médio; escolas públicas e privadas; com ou sem cursinhos preparatórios; procedentes em maior número do Estado do Paraná, regiões Norte/Noroeste.
- 4- Conceito de leitura adotado nesse nível de ensino: teoricamente, o socioconstrutivista (concepção de linguagem prevista e orientada pelos PCNs). Nele se consolidam a compreensão (centrada no texto e sua relação com os sentidos mais denotativos do léxico) e a interpretação (quando o conhecimento de mundo do autor e leitor afloram).
- 5- As informações prevêm (ou deveriam) uma relação de sintonia entre autor (elaborador) e o leitor (candidato).
- 6- Os termos utilizados no texto e seus mecanismos coesivos devem (ou deveriam) oferecer compreensão do que ali é discutido, favorecendo ao leitor uma interpretação.

## III) Intertextualidade

- 1- Amarelar x situação em que:
  - a) jogadores de futebol (conhecimento de mundo do leitor) se retraem diante da possibilidade de uma derrota, inadmissível pelo povo brasileiro, aficionado por esse esporte (conhecimento partilhado – autor x leitor);

- b) “amarelar”, como timidez da menina ao recitar na escola (pressupomos que, se o candidato não vivenciou essa situação, pelo menos presenciou uma );
- c) “amarelar”, como timidez, dentro do mesmo entendimento da situação da menina.

#### IV) Intencionalidade

Partindo do pressuposto de que a intencionalidade refere-se ao modo como os autores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo textos adequados à obtenção dos efeitos desejados, esta proposta esperava uma leitura em que o mote “amarelou” servisse como intertexto para a motivação de outro texto com a mesma temática.

#### V) Aceitabilidade

Refere-se à forma como o autor organiza as informações, justificativas e provas. Nesta proposta essas informações aparecem através de exemplos em que contemplam a impotência diante de uma situação de desafio, e através dessas ilustrações o candidato poderia construir uma narrativa, em que a trama se organizasse com objetivos de garantir a sua aceitação por parte do leitor, ou seja, centrada no princípio da verossimilhança.

Vejamos como isso se processa na Prova de Redação Verão 99/UEM, apresentada na seção 2.1.2. As instruções da prova trouxeram como ilustrações do assunto “Amarelar” quatro exemplos em que os personagens se tornam impotentes diante de uma situação de desafio. Entre esses exemplos, dois se pautam no futebol, sendo que o primeiro se refere a um marco histórico do nosso futebol, e que todo apaixonado por este esporte não esquece: em 1950, o Brasil perde a final da Copa do Mundo para o Uruguai, em casa e na

inauguração do maior estádio de futebol do mundo, o Maracanã. O segundo, recente para aquele momento da prova, relembra ao candidato a final da Copa do Mundo de 1998, quando o Brasil, também, perde a final do campeonato para a França, só que desta feita, na casa do adversário.

Para quem não entende ou não se interessa por este esporte, o comando exemplificava o tema com mais duas situações típicas: uma em que uma menina, no dia das mães, ao recitar uma poesia, acovarda-se diante da platéia e sai correndo; e outra em que um rapaz, ao pedir uma garota em namoro, também, “amarela”, ou seja, se acovarda.

Essas ilustrações, seguindo o conceito dos modelos cognitivos (1.1.3), servem para que o candidato/autor recupere os modelos armazenados em suas experiências pessoais, sejam elas sobre futebol, sobre apresentação na escola ou sobre um pedido de namoro frustrado. Mesmo que nenhuma destas situações tenha ocorrido com ele, certamente ele já as vivenciou através da mídia ou com alguma pessoa conhecida. Além do que, elas podem evocar outras “situações de impotência diante de uma situação de desafio”, isto é, situações em que, por covardia, as pessoas deixam de enfrentar.

Como explicita Van Dijk (2000, p.163):

Os modelos são relevantes tanto na compreensão como na produção do discurso. Na produção, os modelos fornecem o ‘ponto de partida’ para a construção de representações semânticas a serem expressas no discurso. Eles explicam parte das noções de ‘intenção’ e ‘sentido pretendido’ [...].

A prova procurou garantir o sentido de “amarelar” nos exemplos que apresentou, e o candidato/autor “poderia” evocar às experiências pessoais que encaminhassem o leitor à “construção de representações semânticas” expressas no seu discurso, que resgatassem situações pertinentes ao tema.

### 3 ANÁLISE DAS REDAÇÕES

[...] para corrigir narrativa é preciso que o corretor saiba construir narrativa e perceba que quem desperta e segura a atenção do leitor nem sempre é o autor que apresenta fatos surpreendentes, mas o que enxerga de modo surpreendente e apaixonante esses fatos (Therezo, 1999, p. 46).

#### 3.1 O CONTEXTO DA ANÁLISE

Para análise do *corpus* desta pesquisa utilizamos o seguinte percurso metodológico: de posse de 368 textos narrativos, cedidos pela Comissão Central do Vestibular Unificado – CVU/UEM, desclassificados por fuga ao tema, segundo a planilha de avaliação de redações da UEM, seção 1.4.2, pela Banca de Avaliação de Redação do Vestibular de Verão/99. Essa banca é constituída de 35 a 40 professores (dependendo do número de redações a serem avaliadas) dos ensinos fundamental e médio (rede pública e particular) e superior (pertencentes ao corpo docente do Departamento de Letras/UEM). Esses são escolhidos pela CVU e orientados, via cursos de extensão, pelos coordenadores do Projeto (Redação em Língua Materna: abordagens de avaliação), a cada Concurso Vestibular.

Selecionamos, aleatoriamente, 150 redações; desse montante, escolhemos 30, tendo como critério aquelas que apresentavam a estrutura da narração.

A próxima seção apresentará as análises e recorrerá às redações demonstrando, com isso, como cada candidato/autor (des) constrói o tema em sua narrativa. Para isso nos apoiamos nos modelos cognitivos que cada vestibulando, aqui analisado, evocou para depreender o tema proposto no comando da Prova de Redação do Vestibular Verão/99.

### 3.2 APRESENTAÇÃO DAS ANÁLISES

Para situar o leitor, lembramos que o candidato/autor dispunha de alguns fatores que poderiam levá-lo à apreensão do tema para a construção da sua redação. O “caminho” que cada um percorreu, em busca da construção de um tema pertinente ou não àquele exigido na Prova, apresentaremos agora.

Em busca desse “caminho”, nos baseamos nos seguintes referenciais teóricos: elementos da narrativa (Gancho, 1999); conceito de narração (Savioli e Fiorin, 1997a); fatores de coerência (Koch e Travaglia, 1991); modelos cognitivos de contexto (Van Dijk, 2000); organização do texto narrativo (Vilela e Koch, 2001); assunto, tema e enfoque temático (Menegassi e Zanini, 1997).

#### REDAÇÃO 01

##### *“O Vestibular*

*Marcos acordava todos os dias as seis e quinze da manhã. Vestia sua calça, colocava a camiseta e ia tomar o café-da-manhã junto de seus pais. Após isso, encaminhava-se para o colégio. Cursava o terceiro ano do ensino médio, se preparando para o vestibular. Tinha o sonho de ser médico e para isso deixava de lado alguns prazeres que tinha. No começo era difícil mas acabou se acostumando com a rotina diária de estudar.*

*Álvaro, um dos melhores amigos de Marcos achava que este estudava muito. Não que Álvaro não estudasse, mas estudava bem menos do que Marcos. Alguns dias da semana estudaram junto; mas Álvaro logo se cansava e parava de estudar antes de Marcos.*

*Os meses foram passando e o dia do vestibular se aproximava. A ansiedade e o nervosismo de Marcos aumentavam. Além de sua expectativa, os pais pressionavam-no muito. Álvaro sempre tentava acalmá-lo, chamando-o para ir a festas, mas Marcos não aceitava os convites, estudava até nos finais de semana.*

*Mas o dia do vestibular havia chegado. As provas seriam realizadas à tarde, mas Marcos não ficou a manhã estudando. Apenas leu jornais. Almoçou muito pouco pois estava muito nervoso. Encaminhou-se até o local das provas. Usou quase todo o tempo disponível mas saiu da sala desesperado. Ficava nervoso e não conseguia resolver a prova. Tinha cada vez mais a certeza de que não passaria, mas ainda restava uma esperança. Esperança essa que acabou quando o resultado saiu. Álvaro passou, Marcos não.”*

O texto passa à avaliação por ser uma narrativa, uma vez que apresenta os elementos pertinentes a essa tipologia textual:

a) Situação inicial - o candidato/autor inicia o seu texto descrevendo o dia-a-dia de um estudante, sua rotina e suas aspirações. Isso caracteriza o que Sayeg-Siqueira denomina de “criação da expectativa” para o personagem, ou seja, esse é apresentado com o seu objetivo. Nesse momento, o primeiro fator de coerência que aparece é o conhecimento de mundo do candidato/autor, uma vez que Marcos, personagem principal da história *“Tinha o sonho de ser médico e para isso deixava de lado alguns prazeres que tinha”*. Essa informação faz parte do conhecimento de quem escreve e de quem lê, pois para se enfrentar um vestibular de Medicina, dada à intensa concorrência (na UEM, por exemplo, no vestibular de Verão/99, a concorrência foi de 53.8 candidatos para 1 vaga), principalmente em instituições públicas, o candidato tem de estar muito bem preparado e, com certeza, dedicar-se integralmente aos estudos. Outra característica do texto que evidencia o conhecimento de mundo do candidato/autor é a pressão dos pais em relação ao vestibulando, que está retratada no terceiro parágrafo: *“Além de sua expectativa os pais pressionavam-no muito”*. Tais informações são denominados de planos, ou seja, “conjunto de conhecimentos sobre como agir para atingir determinado objetivo” (Koch e Travaglia, 1991, p. 60).

É assim que o mundo textual vai se construindo a partir do conhecimento do autor, mas o assunto ou o tema a ser desenvolvido, “amarelar”, por enquanto, não é apresentado, mesmo no momento em que se inicia a transformação ou nó da narrativa.

b) A transformação ou nó da narrativa é marcada, na superfície do texto, pela introdução de um parágrafo (4º) em que “parece” que serão apresentados episódios marcantes da transformação (ou desequilíbrio), uma vez que o(s) objetivo(s) de “Marcos” encontra(m) obstáculo(s). Mas, também não ocorre, pois o candidato/autor ativa o conhecimento partilhado não sobre “amarelar”, mas sobre sua experiência pessoal do

vestibular. Tanto o candidato/autor quanto o leitor possuem esse conhecimento comum, pois o autor é um candidato do vestibular e o seu interlocutor é um professor que avalia os textos produzidos em situação de vestibular. Portanto, ambos partilham do mesmo saber com relação a uma vaga no curso de Medicina.

No segundo parágrafo, que continua a situação inicial, é apresentado mais um personagem, Álvaro, amigo de Marcos. Álvaro estudava, mas não tão intensivamente quanto Marcos. A informatividade do texto, com a apresentação de tais características dos personagens, torna-se previsível a partir do momento em que as lições comportamentais nos ensinam que “vence aquele que mais se esforça” e que “aquele que não estuda, reprova”. Para que ocorra o “nó”, esses papéis poderão ser invertidos, ou seja, aquele que mais estudou não conseguirá aprovação, em contrapartida, será aprovado aquele que não se dedicou tanto.

Com o tempo cronologicamente demarcado, “*Os meses foram passando e o dia do vestibular se aproximava*”, o candidato/autor demonstra as características psicológicas de Marcos, “*A ansiedade e o nervosismo de Marcos aumentavam (...) Álvaro sempre tentava acalmá-lo, chamando-o para ir a festas, mas Marcos não aceitava os convites, estudava até nos finais de semana*”, e contextualiza sua história, utilizando-se até mesmo do título para isso. Porém, é neste ponto que o candidato deveria fornecer ao leitor as pistas da sua focalização do tema, “amarelar”, mas novamente a temática não é construída.

c) Contudo, o autor, no desfecho ou situação final, (4º §), teve ainda a chance de focalizar o tema, resgatando as caracterizações e ações descritas, colocando-as numa “repentina impotência diante de uma situação de desafio”, enfatizando que não conseguiu ir bem na prova por “covardia” e não pelo fato de “estudar tanto”. Isso porque no último parágrafo é destacado o acontecimento principal dessa narrativa, o vestibular, e o fato de que no momento da prova Marcos fica nervoso e não consegue resolvê-la. Mesmo com esta atitude – nervosismo - do personagem, o candidato não consegue incluir o tema no

desfecho do texto, e não é possível ao leitor inferir que essa ação seja o tema “amarelar”, isto é, nervosismo como uma impotência diante de uma situação de desafio.

Dessa forma, com relação ao tema proposto pela Prova de Redação, o candidato/autor (des) constrói a temática em sua redação.

## REDAÇÃO 02

### *“Que Vergonha!*

*Numa cidadezinha do interior residia o casal Ambrósio e Pafúncia. Eles se davam muito bem, até que um dia, cansado da falta de disposição da esposa, Ambrósio decide que vai de uma amante, pois já são mais de seis meses sem uma relação sequer.*

*Toda a cidade sabe da situação, menos a esposa que é uma “santa”. O marido enfim encontra uma prostituta com quem manterá um caso. A prostituta fala ao marido que parece que Pafúncia e o vizinho tem um caso e ele fica irado com a revelação da amante. Vai correndo até a sua casa, chegando lá ele começa a gritar com a mulher, ela não sabe o que falar, fica surpresa com a atitude do marido. Ambrósio põe a mulher para fora de casa*

*A cidade inteira condena a atitude da pobre mulher que sofre diversas discriminações mesmo sendo inocente. O marido fica bem falado na cidade, mas ninguém sabia do seu caso que pouco tempo depois foi descoberto, todos o discriminaram da mesma forma, inclusive Pafúncia que disse:*

- Então, eu que sou a safada, seu canalha?*
- Bom! Não é bem assim... disse o marido*
- Eu vou pegar a casa de volta e você que vá morar com sua prostituta. retrucou a mulher.*
- Diante de toda a cidade Ambrósio não sabia o que fazer, então, já sem saída, perguntou a mulher:*
- Você acredita na minha inocência ou em seus olhos?”*

No 1º §, os personagens Ambrósio e Pafúncia se apresentam no espaço “*cidadezinha do interior*”, onde o casal residia, num tempo, cronologicamente, indeterminado. A expectativa criada é a de uma vida tranqüila, já que “*o casal se dava bem*” . Isso caracteriza a situacionalidade do texto, fator que deveria prever o assunto e até o seu tema. A estabilidade conjugal previsível neste parágrafo coloca em “sintonia” autor e leitor do texto. Poderia, aqui, surgirem “as pistas” permitindo que ambos partilhassem o conhecimento, que nessa redação deveria remeter ao assunto “amarelar”. Entretanto, como isso não ocorre, o



leitor o busca na quebra de expectativa, ou no conflito: “... até que um dia, (...) Ambrósio decide que vai de uma amante...”, construída incoerentemente, já que “eles se davam bem”, não se ajusta a “cansado da falta de disposição da esposa” e nem a “são mais de seis meses sem uma relação sequer”. Aqui ainda não se torna possível depreender o assunto/tema.

O 2º §, por sua vez, relata o encontro de Ambrósio com uma prostituta que, ao invés de cumprir sua função, faz intriga sobre Pafúncia: “fala ao marido que parece que Pafúncia e o vizinho tem um caso”. Contra o que Ambrósio se rebela: “Vai correndo até sua casa, (...) começa a gritar com a mulher (...) põe a mulher para fora de casa”. Outro conflito se instaura, sem, contudo, estabelecer relação, ainda com o assunto/tema, ao qual vem somar-se a esta seqüência de fatos que, via de regra, deveria garantir o princípio da informatividade, mas que não se concretiza pelo comprometimento da expansão textual: “mas ninguém sabia do seu caso que pouco tempo depois foi descoberto, todos o discriminaram da mesma forma, inclusive Pafúncia”. Ainda aí não é possível “encontrar” o tema.

No 3º §, em que se inicia um diálogo, marcado pela forma e reconhecido pelo saber partilhado que, dentre outros, aciona o conhecimento do código lingüístico, bem como as regras que o regem, apresenta a reação de Pafúncia: “ – Então, eu que sou a safada, seu canalha?”. A essa reação, Ambrósio respondeu, ou tentou responder: “ – Bom! Não é bem assim... disse o marido.” Nessa fala do marido, tentando estabelecer uma intertextualidade com o texto de apoio da Prova, o candidato/autor “lançou” nas reticências uma tênue “pista” para envolver o leitor no tema. Porém, esse “lançamento” permite uma divagação sobre o mesmo. Mesmo porque a exclamação “Bom!” pode remeter a um sentimento de admiração, o que não condiz com a seqüência da frase. Assim, ocorre, por meio dos fatos relatados, um comprometimento no nível da informatividade que, na redação, praticamente, inexistente. Nesse mesmo parágrafo, ocorre o que poderia ser entendido como o desfecho da história: “Você acredita na minha inocência ou em seus olhos?” que não remete à temática e, pode, com

muita vontade, por parte do leitor, inferir que Ambrósio ficou, talvez com vergonha, em virtude do título que o candidato/autor atribuiu ao seu texto. Com isso, temos que o candidato/autor não conseguiu imergir no texto de apoio e, conseqüentemente, não dialogou com ele. Isso não lhe permitiu construir um texto tematicamente resolvido.

### REDAÇÃO 03

#### *“O ladrão*

- *O ladrão veste a sua roupa preta, coloca o capus, se prepara para assaltar o banco:*
- *Vou entrar no banco durante a noite e arrombar o cofre.*
- *Assim o ladrão foi até o banco levando suas ferramentas e armas para assaltar o banco.*
- *Bom agora eu tenho que desligar o alarme para que a polícia não me pegue.*
- *Em quanto ele se preparava para abrir o banco não percebeu que havia um guarda dentro da agência.*
- *Pronto consegui abrir a porta; agora o resto é fácil.*
- *O ladrão entrou e foi direto para o cofre.*
- *Quando ele menos espera, toca um alarme, ele se apavora e tenta fugir; quando houve uma voz:*
- *Largue a arma – o ladrão soltou a arma “amarelo” e foi preso.”*

O texto inicia, aparentemente pela marca dos travessões, em forma de diálogo, não confirmado na sua organização. Há, na aparente apresentação, ou criação da expectativa, detalhes da descrição de um ladrão preparando-se para um assalto a um banco. Essa descrição denuncia o conhecimento de mundo do candidato, pois a roupa preta e o capuz fazem parte da imagem que se tem tradicionalmente dos assaltantes, pelo menos é essa a imagem que a ficção – filmes, novelas, seriados, etc. – tenta nos convencer. A expectativa que se pretende criar é que um grande assalto irá acontecer, já que o próprio assaltante afirma *“Vou entrar no banco durante a noite e arrombar o cofre”*.

A partir deste momento, o personagem tem atitudes que não condizem com o mundo real, já que de um assaltante de banco esperamos atitudes frias e objetivas e as

reveladas são de um ladrão que não prevê situações mais conflituosas, além daquelas previsíveis oferecidas pela segurança: guarda, alarme. E de tão previsíveis não deveriam para ele ocasionar pânico.

Embora o mundo criado no texto difere em alguns aspectos do mundo real, o que poderia ser explorado para imprimir a verossimilhança, tão presente e necessária aos textos narrativos, o candidato não soube adequar o texto à situação comunicativa que o assunto “amarelar” solicitava. Isso não contribuiu para construção da coerência das idéias que levaria ao tratamento adequado do tema proposto – “impotência diante de uma situação de desafio”. Mesmo porque, a informatividade, nesse caso, é praticamente nula, pois as informações apresentadas são simples, redundantes “*Pronto consegui abrir a porta; agora o resto é fácil*”, “*O ladrão entrou e foi direto para o cofre*”. Tais atitudes são óbvias e não exigem do leitor esforço de interpretação. Portanto, mais um fator de coerência que não consegue se solidificar para que o tema possa ser expandido.

No desfecho, a expectativa criada de um grande assalto acaba se perdendo, pois não ocorre a expansão do conflito, e sim uma incoerência por parte do autor do texto, já que ele afirmava que o ladrão tinha que desligar o alarme para não ser pego, porém “*Quando ele menos espera, toca um alarme*”, demonstrando a falta de habilidade do assaltante que, sabendo da existência do aparelho não tenta desligá-lo, mas, ao contrário, “*se apavora e tenta fugir; quando houve uma voz*”.

E para mencionar o assunto proposto no comando, tentando “iludir” o leitor de que o seu texto abordava a proposta temática da prova, o candidato/autor resvala no assunto, quando encerra o texto com a prisão do ladrão e a descrição do seu estado físico “*o ladrão soltou a arma ‘amarelo’ e foi preso*”.

Fica evidente que o candidato/autor, apesar de ter tocado no assunto “amarelar”, ao ferir os elementos básicos da coerência não foi capaz de elaborar um texto em

que fosse possível verificar a sua capacidade de leitura e produção de textos, o que revelaria a sua capacidade de refletir, criticar e recriar um assunto frente a outros em que tivesse de acionar os fatores de coerência associando-os aos elementos da narrativa.

Ao não depreender a proposta do comando da prova, o autor valeu-se da redundância que impossibilitou a expansão do seu texto. Isso incorreu naquilo que a avaliação de redação rotula de divagação, em que o vestibulando procura simplesmente preencher o espaço que tem a sua disposição, arriscando a não ser desclassificado na Prova de Redação. No caso da redação, aqui enfocada, a não observância aos fatores de coerência impossibilitou a construção, ou produção, de um texto adequado à proposta temática da Prova de Redação e aos objetivos que, na UEM, esta prova espera atingir, mesmo admitindo que, com muita “boa vontade”, o leitor, aproximando o texto de apoio e a redação, pudesse, desprezando todos os conceitos de texto que ora se assumem, ou se espera que se assumam nas aulas de Língua Materna, apresentar um “gancho” com o assunto “amarelar”.

## REDAÇÃO 04

*“Vamos jogar boche?”*

*Um dia de Domingo eu gordinho, alto, forte de olhos castanhos e cabelos claros e meus amigos o Leandro gordinho, baixo de olhos claros, o Eduardo magro, alto, forte de olhos castanhos, Tadinho gordo de olhos claros, o Zoinho magro, baixo de olhos pretos, o Luciano magro, alto de olhos claros, o Betinho magro, baixo de olhos pretos e o Rei magro, alto de olhos claros, pegamos a camioneta do meu pai e fomos queimar uma carne no Salto Bandeirantes, uma fazenda que fica próxima de Santa Fé com algumas garotas, a Erica loira de olhos azuis, a Carla morena de olhos claros, a Tina morena, alta de olhos castanhos e a Kelly morena, baixa de olhos castanhos.*

*Chegando no salto um lugar cheio de árvores e cachoeiras eu e os meninos fomos nadar com as meninas só ficando o Tadinho na quiosque para ascender a churrasqueira.*

*Quando estávamos nadando eu tinha comentado com o Leandro que eu queria ficar com a Erica, mas eu não sabia que ele também estava afim dela.*

*Saimos da água e fomos comer alguma coisa*

*Chegando na quiosque a Erica veio me dizer que queria ficar com o Leandro.*

*Quando fui dizer para ele que a Érica queria ficar com ele, ele foi logo me desconversando e me chamando para jogar boche, eu aceitei e fomos, nisso a tarde chegou e fomos todos embora.”*

O texto inicia com a descrição detalhada dos personagens que compõem a história, tais como estatura, cor dos olhos, etc. Os personagens estão encaminhando-se para um churrasco de domingo, em um lugar agradável para este tipo de programa, “*um lugar cheio de árvores e cachoeiras*”. É assim que o candidato/autor vai desenvolvendo seu conhecimento de mundo, através de situações de fácil reconhecimento por parte do leitor.

O leitor, já buscando encontrar o assunto “amarelar”, pode inferir que tendo uma turma mista de adolescentes, e que esta vai passar um dia junto, pode acontecer de mais de um integrante se interessar por uma mesma pessoa e, talvez, ocorrer a covardia por uma das partes, “*Quando estavamos nadando eu tinha comentado com o Leandro que eu queria ficar com a Érica, mas eu não sabia que ele também estava afim dela.*” Ao chegar no local determinado, meninos e meninas vão nadar, ficando apenas um de fora, responsável pela churrasqueira. É o momento que o candidato/autor poderia lançar certas “pistas” para marcar o tema, uma vez que “*Chegando na quiosque a Érica veio me dizer que queria ficar com o Leandro*”, mas isso não ocorre. Resta ao leitor esperar que o desfecho apresente a temática proposta, que está assim apresentado: “*Quando fui dizer para ele que a Érica queria ficar com ele, ele foi logo me desconversando e me chamando para jogar boche, eu aceitei e fomos, nisso a tarde chegou e fomos todos embora.*”

Porém, a focalização dada pelo candidato/autor é comprometida, ou seja, não fica claro o que ele quer demonstrar, causando sérios problemas de compreensão e, conseqüentemente, impedindo a coerência e a tematização da história.

Um outro fator de coerência que poderia evidenciar a tematização é a contextualização, pois o título do texto, “*Vamos jogar boche?*,” cria uma certa expectativa sobre a história, mas ao desenvolver a mesma esta característica se perde, uma vez que o autor

descreve características físicas dos personagens e deixa a narrativa comprometida, sendo que também a situação criada pelo título não é satisfatória.

Com relação a situacionalidade, o candidato não conseguiu desenvolver esse mecanismo, já que o desenvolvimento não foi adequado àquela situação especificada pelo comando; não houve portanto o tratamento adequado ao tema proposto.

A situação de “amarelar” não fica evidente, pois em momento algum o personagem demonstra impotência diante do fato principal, “*Érica veio me dizer que queria ficar com o Leandro*”.

## REDAÇÃO 05

### *“A grande decisão*

*Nós não tínhamos planos para o que fazer no verão que Já estava chegando. Quando Carol chegou e comentou.*

*- Meninas recebi uma proposta para esse verão.*

*- Qual proposta Carol?*

*- Bia eu fui convidada par passar o verão numa ilha fazendo fotos, tudo o que eu sempre quis.*

*- Nossa que legal. Só que tem um problema.*

*- Qual?*

*- Nós decidimos passar o verão num hotel fazenda.*

*- Todas vocês?*

*- Sim.*

*Carol comentou muito sobre sua seção de fotos, só que ela estava triste de ter que ir sozinha e deixar a turma toda.*

*Com o verão cada vez mais próximo o nosso ânimo aumentava, só que o pessoal percebeu o desanimo de Carol.*

*- Aconteceu alguma coisa Carol?*

*- Não, só estou vendo a animação de vocês.*

*No embarque de Carol, todas nós fomos lá desejar boa-sorte para ela. Chegando lá Carol não estava.*

*- Onde está a Carol?*

*- Vamos procurá-la.*

*Foi quando Carol apareceu.*

*- E aí meninas prontas para ir?*

*- Carol, porque você não foi.*

*- Não sei, só fiz o que achei que era melhor para mim.”*

O narrador, em primeira pessoa, inicia a narrativa apresentando um

problema: o que fazer durante o verão? A apresentação é seguida de um diálogo, entre o narrador, Carol, e uma amiga, Bia, marcado pelos elementos lingüísticos, aqui definidos pelo diálogo entre as amigas, bem como as regras que o regem, como o uso do travessão: “ - *Meninas recebi uma proposta para esse verão.*”, - “ *Qual proposta Carol*”?

O diálogo entre as amigas se desenvolve até que ocorre uma incoerência: no início do texto elas não sabiam o que fazer durante o verão e no momento da conversa, Bia afirma que “*Nós decidimos passar o verão num hotel fazenda*”, enquanto Carol irá sozinha para uma ilha fazer algumas fotos.

Com tal revelação os conhecimentos de mundo e partilhado emergem para o produtor e o leitor, pois sabemos que uma turma – de adolescentes ou jovens – unida, que passa boa parte do tempo juntos, quando um membro acaba ficando de fora de algum programa é muito desagradável. Essa seria uma “pista” que o candidato poderia lançar para entrar no tema proposto.

O conhecimento de mundo apresentado fica por conta das férias de verão, que são maiores que as de inverno, e que também coincidem com as festas de final de ano. O conhecimento partilhado traz uma informação dada: as turmas normalmente gostam de viajar juntas, porém uma informação nova é apresentada: essa turma de amigas terá de separar-se neste verão, “*Carol comentou muito sobre sua seção de fotos, só que ela estava triste de ter que ir sozinha e deixar a turma toda.*” Neste momento o candidato/autor poderia, também, lançar pistas do assunto apresentado pelo comando da prova, mas esse mecanismo de coerência não é bem desenvolvido não explicitando, portanto, o tema.

A focalização dada pelo autor está justamente na separação da turma durante as férias de verão, e cabe ao leitor recorrer ao seu conhecimento de mundo para que o texto não fique incoerente.

Ao buscar a tematização, o leitor pode inferir que Carol amarelou no

momento em que não embarcou para sua viagem, mas essa inferência fica comprometida, justamente pelo fato do produtor não deixar explícitos elementos mais fortes para isso. É no momento do embarque de Carol, que o candidato/autor “lançou” uma tênue “pista” para envolver o leitor no tema: “*No embarque de Carol, todas nós fomos lá desejar boa-sorte para ela. Chegando lá Carol não estava*”, porém a situação de amarelar não fica evidente, uma vez que o clímax da narrativa não foi criado, dando uma resposta no desfecho que não evidencia a temática a ser desenvolvida, “*Não sei, só fiz o que achei que era melhor para mim*”.

Com isso, o texto fica comprometido no nível da informatividade, pois essa atitude já era previsível, em função do comportamento do personagem Carol no decorrer da história.

## **REDAÇÃO 06**

*“Estou de férias*

*Em uma cidadizinha não muito longe de máringa um garotinho que se chamava Pedro, seus amigos chamavam de Bolinha, os seus pais se chamavam João e Maria, tinham uma mercearia perto do colégio que Pedro estudava. Na rua Joaquim Almeida Neto, onde também morava a Tati amiga de Pedro pois seus pais trabalhavam juntos e o Paulinho que sempre estava na casa de Pedro. Suas brincadeiras eram andar pela estrada indo até o riacho onde sempre nadavam, cada um tinha sua bicicleta, jogavam bola, iam ao clube, faziam festas, soltava pipa brincavam até as aulas votarem. Pedro era um garoto esperto, nas férias seus pais o levava para praia onde se divertia nas águas do mar, para Pedro a vida lhe mostrava feliz, tinha terminado o primeiro grau e as férias estava acabando o seu 1º dia em colégio novo era atração, tinha programado tudo nas férias, tudo tinha anotado, mas nestas férias Pedro não vai estudar, seu pai e sua mãe vão ter que aguentar, Tatu garoto de praia não amarelou e na cintura tinha arma sacou e descarregou em Pedro devido ao boné.”*

Essa redação, escrita em um único parágrafo, apresenta sua situação inicial a partir da apresentação do espaço “*cidadizinha não muito longe de máringa*”, onde vive o personagem principal, Pedro. Tal personagem possui uma vida pacata, dividida entre as



brincadeiras com os amigos, que moram na mesma rua, e a vida escolar. Esta é a contextualização dada pelo autor/candidato para sua narração.

O conhecimento de mundo é demonstrado pela violência, marcada devido ao roubo do boné *“Tatu garoto de praia não amarelou e na cintura tinha arma sacou e descarregou em Pedro devido ao boné”*.

O texto não traz informações novas, ou seja, o conhecimento partilhado fica comprometido. O candidato/autor, também, não consegue focalizar o que ele pretende com a história, pois descreve o dia-a-dia de Pedro, porém não se detém na ação principal para o desenvolvimento do assunto “amarelar”. Fica quase impossível para o leitor inferir alguma idéia que o levasse à tematização, pois o texto não oferece condições para isso.

A história não consegue desenvolver a idéia proposta pelo comando da Prova de Redação, pois os fatores de coerência não são dominados pelo candidato/autor, tampouco os elementos da narrativa. Assim, não acontece o desenvolvimento do conflito, o clímax e um desfecho que poderia apresentar a tematização. Ao contrário, o candidato apresenta um final incoerente ao relato que fazia anteriormente, *“ tinha terminado o primeiro grau e as férias estava acabando o seu 1º dia em colégio novo era atração, tinha programado tudo nas férias, tudo tinha anotado, mas nesta férias Pedro não vai estudar, seu pai e sua mãe vao ter que aguentar.”*

## REDAÇÃO 07

*“O dia seguinte*

*Hoje foi que eu vi a dificuldade em que passam os vestibulando nos dias de vestibular, principalmente no dia da prova de redação em que o vestibulando não dá para “chutar” e ir embora, ficando ainda na esperança de passar.*

*No vestibular de 1995 em que houve fraude, e o mesmo foi transferido de janeiro para fevereiro aconteceu um fato com um amigo meu, João, que logo após sair da minha festa de casamento, foi fazer as provas e já no primeiro dia desistiu, não conseguiu terminar justamente a prova de redação, pode até ser devido a bebedeira ou falta de dormir.*

*Fiquei super chateado ao saber o que havia acontecido, pois indiretamente fui um dos possíveis causadores do seu mau estar e conseqüentemente sua desistência do concurso.*

*Ontem por grande coincidência o destino me pregou uma grande peça, fui no casamento desse mesmo amigo, João, e estou fazendo a prova de redação, pois estou quase acabando e quem sabe terei alguma chance se conseguir acertar, na sorte, algumas questões de geografia e história.*

*Com certeza de hoje para amanhã não vou em nenhuma festa, principalmente de casamento, para que amanhã eu possa fazer as provas sem este mau estar e não precisar apelar para o ‘chute’”.*

O texto demonstra o conhecimento de mundo do autor: a dificuldade em enfrentar um vestibular, mais precisamente a prova de redação. Desta forma, o candidato/autor faz uso do conhecimento partilhado para trazer as informações que fazem parte da sua história: utiliza-se da informação dada quando um amigo, ao ir na noite anterior do vestibular a uma festa, não conseguiu fazer as provas e desistiu do vestibular, “*João, que logo após sair da minha festa de casamento, foi fazer as provas e já no primeiro dia desistiu, não conseguiu terminar justamente a prova de redação*”; e a informação nova: o narrador passa pela mesma situação que o amigo, “*fui ao casamento desse mesmo amigo, João, e estou fazendo a prova de redação*”.

O produtor procura focalizar a mesma situação que o amigo passou e que o narrador está passando também. O leitor, nessa ocasião, poderá tentar inferir que o tema está na atitude do amigo que amarelou durante a prova de redação. Porém, o candidato/autor não ofereceu pistas para isso.

Temos, então, mais um texto que não se constitui uma narração, pois o candidato apenas relata um fato. Não apresenta os fatores de coerência, não desenvolve um conflito e, conseqüentemente, não encontra ou não consegue inserir a temática no texto.

## REDAÇÃO 08

*“Eu tenho a força*

*Dias perdidos, noites sem dormir era a vida de um cientista que procurava a cura da impotencia sexual. As tentativas eram muitas, pois o resultados nao erram de tanto agrado, até que um dia aconteceu o que menos esperava, estava em sua frente a formula para uma nova vida.*

*Aisten o cientista, muito feliz com a descoberta necessita de uma cobaia para testar a pirula da hora. Quem melhor do que seu vizinho milionário que aos 50 anos estava deixando a desejar com sua esposa e as oito amantes. Tudo estava pronto ele concorda em testar a nova pirula. As primeiras tentativas um sucesso, estava sempre em ativa e em busca de aproveitar o maxismo que pudesse, pois não sabia até quando ia durar.*

*Era uma quarta-feira, chovia muito, o telefone toca na casa do milionário, quando atende era ela, sua piscicologa, a mulher mais linda que ja tinha visto em toda sua vida; estava marcando uma de usas consultas como era de costume. Como ele tinha a pirula não tinha como amarelar.*

*Corre até a casa de Aisten, mas ele tinha saído agora o que fazer, toma apenas a metade do que restou. Quando ele chega, ja o queima com um olhar de fogo e desejo, ele resolveu resar mas nada adiantou, a pirula falhou e ele broxou.”*

O primeiro parágrafo já demonstra a intencionalidade do produtor do texto, “*um cientista que procurava a cura da impotencia sexual*”, e também apresenta o conflito: a descoberta da cura da impotência sexual, pois “*até que um dia aconteceu o que menos esperava, estava em frente a formula para uma nova vida*”.

Com esses dados o leitor aciona os conhecimentos de mundo e partilhado, “*Aisten (...) necessita de uma cobaia para testar a pirula da hora*”, na expectativa de que o tema possa ser identificado na redação. O conflito começa a ser desenvolvido quando o cientista encontra uma cobaia para fazer os testes, “*Tudo estava pronto ele concorda em testar a nova pirula,*” porém não é apresentado o assunto “amarelar”.

No terceiro parágrafo, o candidato não consegue fazer uso da situacionalidade, pois ocorre uma incoerência no que diz respeito a um novo personagem, a psicóloga, uma vez que as intenções do milionário para com ela não são explicitadas. O conflito, assim, não é desenvolvido, pois a situação de “amarelar” deveria depender do milionário, ele ficar impotente devido a sua falta de capacidade de atingir algo, e não ficar

impotente devido a pílula, transparecendo que a “culpa” foi do remédio e não dele.

## REDAÇÃO 09

### *“O dia do vestibular*

*Estava eu sentado naquele banco da praça sete de setembro, estava aflito, impaciente nervoso ou melhor em pânico, era mais ou menos sete horas, quando derrepente avistei um vulto a se aproximar era ela linda e maravilhosa, naquele momento senti calafrios meu coração batia mais forte a cada passo que ela dava, meu coração parecia que ia sair pela boca, mas não, afirmei o pulso e esperei. Então, Oi Marcelo, tudo bem com você, tudo bem. Há meu amigo, quase não aguentei ela era mais do que linda mais do que maravilhosa, era perfeita, então pensei, amor à primeira vista, senti-me nas nuvens, ela me tocou me deu um beijo, que lábios, que emoção, naquele momento tentei falar mas não saia nada, então respirei fundo e me acalmei e quando fui falar escutei uma voz me chamando Marcelo. Marcelo acorda se não vai se atrasar para o vestibular, que pena meu amigo era só um sonho.”*

A narração aqui apresentada é constituída de apenas um parágrafo, mesmo assim é possível verificar a organização da narrativa.

A situação inicial é marcada pelas descrições:

- a) da personagem: *“eu (...) estava aflito, impaciente nervoso ou melhor em pânico”;*
- b) do tempo: *“era mais ou menos sete horas;*
- c) do lugar: *“naquele banco da praça sete de setembro”;*
- d) das circunstâncias: *“derrepente avistei um vulto a se aproximar era ela linda e maravilhosa (...) meu coração parecia que ia sair pela boca, mas não, afirmei o pulso e esperei.”*

A transformação, ou nó, acontece no momento em que a bela mulher aproxima-se de Marcelo, o cumprimenta e dá-lhe um beijo, *“que lábios, que emoção, naquele momento tentei falar mas não saia nada”*.

Na situação final o leitor descobre que tudo não passou de um sonho

“escutei uma voz me chamando Marcelo (...) que pena meu amigo era só um sonho”. O candidato/autor não incluiu o assunto “amarelar”, que remete ao tema “impotência diante de uma situação de desafio”, em momento algum da sua história. Ele tentou estabelecer uma intertextualidade com o texto de apoio do comando da prova, quando o personagem Marcelo afirmou “naquele momento tentei falar mas não saia nada”. Contudo, esta afirmação permite, apenas, uma divagação sobre o tema, pois o mesmo não é desenvolvido.

### REDAÇÃO 10

*“O sonho, quase perfeito*

*Era manhã de verão e o sol ofuscava pela janela do quarto de Ana. Vivava em uma cidade tranqüila, onde tudo caminhava bem. O calendário marcava 20 de dezembro de 1981 e o relógio 7:30, dia e hora definitivas na vida da humilde moça.*

*Ana se levantou, preparando-se para um de seus dias mais importantes e decisivos: o exame do vestibular. Havia estudado muito para o concurso e dizia que era capaz e que iria conseguir o que tanto desejava: formar-se em medicina.*

*Havia muita cobrança por parte de seus pais, pois a menina já tinha feito dois anos de cursinho e sua última chance era agora. A família não se encontrava em boas condições financeiras e por essa razão não poderia mais custear os cursos para a filha.*

*Então, chegava a vez de Ana mostrar seus rendimentos escolares e foi ao encontro daquilo que aflige todos os estudantes.*

*Realizou as provas com muita dedicação, aguardando ansiosa pelo resultado. Infelizmente não foi desta vez que Ana conseguiu atingir seu objetivo, tinha se saído muito bem nas provas, mas na redação não soube expor suas idéias e acabou sendo eliminada.*

*Ao chegar em casa, Ana decepcionada contou aos pais que não havia passado e uma frase angustiada saiu de sua boca:*

*- Perdi a última chance da minha vida, fracassei no vestibular.”*

Esse texto é uma narração por desenvolver as quatro características básicas apresentadas por Savioli e Fiorin (1997a):

a) a transformação da situação concreta, situação esta em que Ana, personagem principal da história, estudou muito para prestar o concurso vestibular para o curso de medicina;

b) o texto possui personagens: Ana e seus pais; situações: exame de vestibular, muita preparação, desejo de ser aprovada em medicina; tempo e espaço: manhã de verão, 20/12/81, 7h30, quarto de Ana, cidade tranqüila, lugar de realização das provas;

c) possui relação de posterioridade: “*perdi a última chance da minha vida, fracassei no vestibular*”; concomitância “*chegava a vez de Ana mostrar seus rendimentos escolares foi ao encontro daquilo que aflige todos os estudantes*”; anterioridade: “*Havia muita cobrança por parte de seus pais, pois a menina já havia feito dois anos de cursinho*”; utiliza preferencialmente o subsistema temporal do passado: “*Era manhã*”, “*Realizou as provas*”, “*Perdi a última chance*”.

A partir do levantamento desses dados, que caracterizam o texto como uma narração, passaremos à organização do mesmo e verificando a (des) construção do tema “amarelar”, principal objeto deste estudo.

A situação inicial concentra-se na descrição do tempo e do espaço em que Ana está inserida (1º parágrafo), bem como na descrição dos preparativos do personagem para enfrentar um vestibular de medicina, “*Havia estudado muito para o concurso e dizia que era capaz e que iria conseguir o que tanto desejava: formar-se em medicina*”. Temos aqui o conflito do texto, “*formar-se em medicina*”, através de todas as dificuldades que este curso requer (ver Redação 01). Este pode ser o indício para que o candidato/autor construa a tematização da sua redação, a personagem Ana poderá “amarelar” no decorrer das provas do vestibular.

Nos parágrafos 3º, 4º e 5º está marcada a transformação, ou nó, da narração, uma vez que ocorre o desequilíbrio da situação inicial: “*Havia muita cobrança por parte dos seus pais, pois a menina já tinha feito dois anos de cursinho e sua última chance era agora*”; “*(...) chegava a vez de Ana mostrar seus rendimentos escolares e foi ao encontro daquilo que aflige todos os estudantes*”. Essas são as “forças perturbadoras” que contribuem para que Ana

se desestruture no momento do vestibular. O candidato/autor lança uma pista em que o tema “amarelar” poderia ser desenvolvido, porém isso ainda não acontece.

Após realizar as provas, Ana não consegue ser aprovada, principalmente, por não ter conseguido elaborar a redação.

A situação final - ponto da narração em que o conflito deve ser solucionado – é marcada pela decepção do personagem ao não conseguir a aprovação, em que ele afirma: “- *perdi a última chance de minha vida, fracassei no vestibular.*” Desta forma, o candidato/autor não deixa clara a idéia de “amarelar”, pois nessa frase final, “*fracassei no vestibular*”, fica muito óbvia e direta a idéia do fracasso. O candidato não desenvolve esta idéia que poderia vir a ser o tema proposto. Um leitor mais desatento poderia até considerar essa redação pertinente ao tema, entendendo o “*fracassei*” como o sinônimo de “amarelar”, contudo o candidato/autor divaga sobre o tema proposto, e um texto com divagação do tema, segundo a planilha da UEM, é desclassificado.

## REDAÇÃO 11

### *“Vestibular*

*Adriana, uma jovem de dezessete anos, mora em São Paulo com sua amiga Dayane, decide mudar sua vida.*

*Ela resolve entrar na faculdade, o curso que desde criança sonha em fazer é medicina. Ao conversar com Dayane, Adriana entra em contato com sua mãe, e diz, que quer dinheiro para fazer a inscrição do vestibular. Sua mãe toda feliz, manda o dinheiro para Adriana confiante que iria realizar o sonho de sua filha.*

*A garota junto com sua amiga vão ao banco e compram a inscrição. Dez dias se passaram, véspera de vestibular Adriana resolve ler o manual.*

*Ao ler, percebi que a concorrência é muita e a pontuação é alta. Então, decide não ir fazer as provas, pois diz que ainda é nova e precisa curtir a vida mais uns dois anos, para depois ir para o banco de uma faculdade e mudar sua vida definitivamente.”*

O texto tem como situação inicial a descrição do personagem principal, Adriana, “*uma jovem de dezessete anos*” e que “*mora em São Paulo com sua amiga*

*Dayane*”. A descrição das circunstâncias, em que o personagem principal está inserido, estende-se para o segundo parágrafo, quando o narrador, em 3ª pessoa, informa ao leitor que a garota decide prestar vestibular (título da redação) para medicina, curso este que o personagem sonha em fazer desde criança. A mãe de Adriana, feliz pela decisão da filha, manda-lhe o dinheiro para efetivação da inscrição. Notamos, até aqui, que o candidato/autor utiliza-se de um fator de coerência, “conhecimento de mundo”, ao afirmar que “*sua mãe toda feliz, manda o dinheiro confiante que ira realizar o sonho de sua filha*”; esta felicidade acontece basicamente por dois motivos: a) realizar o sonho da filha; b) realizar o sonho da mãe, pois na nossa sociedade, ser médico é sinônimo de status, posição social. Este conhecimento de mundo está associado aos modelos cognitivos, pois acredita a mãe que através da aprovação da filha no vestibular de medicina, Adriana terá uma boa colocação na sociedade. Mesmo com essas inferências o texto não apresenta nenhuma pista a respeito do tema proposto: “impotência diante de uma situação de desafio”.

No terceiro parágrafo o conflito é instaurado: após dez dias da data de inscrição, véspera de realização do vestibular, a vestibulanda resolve ler o manual do candidato. Tal informação desperta no leitor a expectativa da instauração do tema proposto, e seguindo para o desfecho (4º parágrafo), com esta espera, ele se depara com uma divagação por parte do candidato/autor. O mesmo muda o foco narrativo para 1ª pessoa: “*ao ler, percebi que a concorrência é muito e a pontuação é alta,*” sendo que essa constatação fere um dos elementos de coerência, o “Conhecimento Partilhado”, uma vez que o leitor sabe que a concorrência para o curso de Medicina é sempre alta (na UEM, por exemplo, no Concurso Vestibular de Verão/99, a concorrência foi de 53.8 candidatos por uma vaga), e o candidato/autor, que é um vestibulando, também detém este conhecimento. Portanto, esta afirmação torna-se incoerente. Após esta constatação óbvia, o personagem “*decide não ir fazer as provas*” argumentando que “*ainda é nova e precisa curtir a vida mais uns dois*



anos,” antes de entrar numa faculdade.

O tema não é construído, porque o candidato/autor, ao fazer esta afirmação, apenas estabeleceu uma intertextualidade com o texto de apoio, divagando sobre uma “impotência diante de uma situação de desafio”. Ele não construiu uma história em que o personagem se envolvesse numa trama pertinente ao tema proposto.

## REDAÇÃO 12

### *“Caso sério*

*Ana era uma garota que morava em um bairro pobre de sua cidade.  
Em sua casa não havia paz, pois seus pais não se entendiam. Então não  
avendo outra alternativa resolveram:*

*Ana estava no quarto, ouviu a porta se abrir, era a mãe.  
- Filha tudo bem com você?  
- Tudo bem mãe?  
- Mãe, aconteceu alguma coisa? está com uma cara de triste?  
- Filha nós temos que “dá” um jeito na nossa vida.  
- O que você quer dizer com “dá” um jeito?  
- Eu não sei mais o que fazer, filha, o seu pais não se importa com a  
gente, falta de tudo aqui em casa deste alimentação e tudo, e ainda se não  
bastasse é um alcoolatra.*

*Não tem outro jeito vou pedir a separação!*

*A menina amarela e fala:*

*- A senhora ficou louca  
- Louca foi ter casado com homem ‘desse’”.*

O texto, quanto a sua organização, está completo:

- a) Situação inicial: apresenta a personagem principal, Ana, como sendo uma garota pobre e sem paz dentro da sua casa.
- b) Transformação: a mãe comunica à filha que deseja separar-se do marido.
- c) Situação final: a filha não aceita a decisão da sua mãe.

A história é narrada em 3ª pessoa e o discurso predominante é o direto. Mesmo sendo bem organizado, quanto a sua tipologia, o candidato/autor não consegue construir uma narração pertinente ao tema proposto “impotência diante de uma situação de desafio”. O tema não é desenvolvido em função de que, no momento do conflito

estabelecido na história, “*Não tem outro jeito vou pedir a separação!*”, a personagem Ana fica pálida: “*A menina amarela e fala:*” indo de encontro com a decisão da mãe. Não há expansão do conflito, portanto, não existe a situação de “amarelar” coerente com a proposta dada.

### REDAÇÃO 13

*“Grandeza, só onde interessa*

*Movimento rotineiro. Ao despertar, reservo meu primeiros minutos para infectar meus pulmões e admirar a pequena e tão preciosa paisagem que o Rio me oferece. Ou ainda, o que a minha rústica janela me reserva. Apesar de tentar me readaptar a esta cidade, consigo dispor de alguns prazeres.*

*Hoje será diferente. Depois de meses a procura de emprego, estou sentindo uma certa segurança nesta nova entrevista. Ainda contando com todos os fios dos meus cabelos bem negros, sinto que envelheci e amadureci muito nestes anos de especializações. Tenho consciência de que sou um arquiteto conceituado, mas vivo o grande drama de só poder admirar minhas conquistas na parede. Mas hoje será diferente.*

*Já em direção à Bella Arte, me pego fazendo textos de conversação com o senhor Manoel, meu fiel taxista que acha graça com aqueles bigodes notavelmente português, mas por entre o retrovisor me olha, me fazendo sentir o que “já sei que sou”: homem de muita bagagem.*

*Um breve aperto de mão com o poderoso J.M. Barros, e já vou tirando de minha pasta todas as lembranças que trouxe lá do Tio Sam. E assim vou me saindo muito bem, e causando muito impacto. Mas, ao usar seu banheiro, percebi que havia uma certa simetria em seus objetos usuais, e a conversa foi se enfatizando em relação a minha organização doméstica, que aliás, deixava a desejar. Fiquei de voltar na próxima semana. Entretanto, já não sabia se seria capaz de arquitetar uma obra tão precisa, conforme o requisitado”.*

A situação inicial é marcada pela descrição da rotina de um arquiteto desempregado, bem como pelos detalhes físicos do personagem “*ainda contando com todos os fios dos meus cabelos bem negros, sinto que envelheci e amadureci muito.*”

Esse arquiteto está determinado em conseguir um novo emprego: “*tenho consciência de que sou um arquiteto conceituado*”; a confiança e a determinação fazem com que, apenas no segundo parágrafo, apareçam duas vezes a afirmação, “*Hoje será diferente*”. Isso já cria a expectativa no leitor, o que já caracteriza a situacionalidade do texto, fator que

deverá prever o assunto e até o tema proposto. A motivação do arquiteto continua quando ele, já em direção à entrevista (3º parágrafo), afirma que, “*me pego fazendo testes de conversação com o senhor Manoel*”, e conclui, “*me fazendo sentir o que ‘já sei que sou’: homem de muita bagagem*”. Tal confiança apresentada neste parágrafo coloca em sintonia candidato/autor e leitor do texto. Poderiam, aqui, surgir as pistas que permitissem que ambos partilhassem o conhecimento que remeteria ao assunto amarelar.

Entretanto, como isso não ocorre, o leitor busca no próximo parágrafo (4º), ou seja, no conflito, encontrar o tema. Nesse parágrafo o arquiteto é apresentado ao “*poderoso J.M. Barros (...) e vou me saindo muito bem, e causando muito impacto*”, porém a transformação, ou o conflito, fica marcada quando o personagem utiliza o banheiro do escritório, “*ao usar seu banheiro, percebi que havia uma certa simetria em seus objetos usuais*”. Essa situação, ou esse conflito, deveria garantir o princípio da informatividade, mas que não se concretiza pelo comprometimento da expansão textual “*e a conversa foi se enfatizando em relação a minha organização doméstica, que aliás, deixava a desejar*”. Ainda não é possível encontrar o tema proposto.

A situação final é marcada por uma nova entrevista, a qual o arquiteto afirma que, “*Entretanto, já não sabia se seria capaz de arquitetar uma obra tão precisa, conforme o requisitado*”. Com essa informação o candidato/autor permite uma divagação sobre o tema, não conseguindo desenvolver um texto tematicamente bem resolvido.

## REDAÇÃO 14

### *“Janela Indiscreta*

*Angela uma advogada bem sucedida em seu trabalho, mulher de trinta e cinco anos, não aparentando essa idade, sendo independente e sozinha.*

*Numa noite em seu apartamento, estava Angela a olhar pela janela com o pensamento longe, quando avistou um jovem rapaz de cueca no apartamento em frente, foi paixão a primeira vista.*

*A partir desta noite, Angela se informou a respeito do rapaz, seu nome*

*era Ricardo, um recente universitário de direito. Com essas informações Angela procurou um meio de se encontrar com Ricardo.*

*Com a ajuda da recepcionista do edifício, Angela conseguiu o telefone de Ricardo, ligando para ele imediatamente.*

*- Alô, Ricardo?*

*- Sim, ele mesmo. Quem está falando?*

*- Eu sou a doutora Angela, do apartamento vizinho.*

*- Pois não, o que a senhora deseja?*

*- Por favor, não me chame de senhora, para você somente Angela. É que eu estou sozinha e gostaria de conversar.*

*- Angela, nesse momento não posso, mas amanhã quem sabe.*

*- Então, fica combinado amanhã no restaurante do prédio às 20:00 h.*

*- Está certo, amanhã às 20:00h.*

*A conversa termina e ele fica surpreso com o encontro marcado. Chegando ao fim da tarde do dia seguinte, Ricardo e Angela se preparam para o encontro. Angela chega 1º ao restaurante, ansiosa pela chegada de Ricardo. Não demora muito, Ricardo chega.*

*A conversa entre eles não é das mais interessantes, ele se encanta com Angela, mas Ricardo passa dos limites, ficando embriagado, a suposta paixão de Angela acaba, ela o deixa só, indo embora, sem dar uma chance a si mesma.”*

O texto está organizado quanto a sua estruturação. Possui a situação inicial desenvolvida quanto:

1) a descrição dos personagens Angela e Ricardo, este “ *um recente universitário de Direito,*” aquela “*uma advogada bem sucedida em seu trabalho, mulher de trinta e cinco anos, não aparentado essa idade, sendo independente e sozinha*”; 2) ao tempo, “*Numa noite*”, “*A partir desta noite;*” 3) ao lugar, o próprio título é uma referência sobre o lugar que a história se passa. Tudo começa através da janela do apartamento da advogada, “*estava Angela a olhar pela janela (...) quando avistou um jovem rapaz de cueca no apartamento em frente*”; o desenvolvimento acontece nas mediações do prédio, onde os dois personagens moram; 4) as circunstâncias: ao avistar Ricardo, Angela sentiu que era “*paixão a primeira vista*”, então procura todas as informações possíveis sobre o mesmo para conseguir um contato.

As informações apresentadas na situação inicial do texto denunciam o conhecimento de mundo do candidato/autor, uma vez que as atitudes tomadas por Angela são pertinentes a uma pessoa que se sente atraída por outra. Assim, a expectativa que se cria é de

que uma bela história de amor está para ser desenvolvida, já que na transformação, ou nó do texto, (3º parágrafo), *“Angela conseguiu o telefone de Ricardo, ligando para ele imediatamente.”*

Neste momento, o candidato/autor utiliza o discurso direto para demonstrar o diálogo que se estabelece entre o casal. A advogada se apresenta e combina um encontro com o universitário para o outro dia. A informatividade da redação gera no leitor uma expectativa sobre o que acontecerá no encontro, porém ainda não apareceram pistas que levem ao assunto e, conseqüentemente, ao tema proposto pela prova.

No penúltimo parágrafo, já caminhando para a situação final, acontece o encontro, sendo que, no desfecho, *“A conversa entre eles não é das mais interessantes”*, a advogada perde o encanto que pensava ter por Ricardo, principalmente pelo fato do mesmo ficar embriagado.

Com esse final, o candidato/autor não constrói a tematização, não explora a intertextualidade, que ele retoma sutilmente com o texto de apoio, ao afirmar que *“a pressuposta paixão de Angela acaba, ela o deixa só, indo embora, sem dar uma chance a si mesma.”*

## REDAÇÃO 15

*“Respeito é a melhor forma de amar.*

*Tudo acontece num bairro de classe média alta, em São Paulo nos Jardins, onde mora um casal de namorados que se conhecem a muito tempo, as famílias são muito amigas e os dois se dizem apaixonados a cada dia.*

*Claudia e Marcelo nunca tinham feito sexo desde quando começaram a namorar a 3 anos, por que ela queria casar-se virgem e então Marcelo a respeitava, pois dizia que-a-amava, e o tempo foi passando e os dois cada vez mais apaixonados já fazendo planos para o casamento. Mas Marcelo sempre tocava no assunto de fazer sexo antes do casamento e Claudia logo dava um jeito de escapar da conversa dizendo, que tinha medo de ficar grávida e Marcelo a respeitava.*

*Mas teve um final de semana em que os pais de Marcelo, Dona Clara e seu Roberto resolveram viajar e ele então ficou sozinho em casa. Claudia*

*não sabendo da viagem, então resolveu ir até a casa do namorado, pois era final de semana e eles iam sair.*

*Chegando lá, ele pediu para que ela entrasse, e ela disse:*

*- Você esta sozinho? Ele respondeu*

*- Estou sim mas pode entrar que não tem nada, somos namorados.*

*Claudia deu uma olhada e entrou. Como estavam sozinhos começaram a se beijar. Claudia sempre dizendo não, até que já estavam no quarto de Marcelo. Ela o empurrava mas não adiantava, Marcelo dizia que a amava e foi jogando-a na cama. Ela já não estava conseguindo resistir a Marcelo e quando ia se “entregar” deu um grito. Saiu correndo e disse:*

*- Só depois do casamento...*

*Depois desta cena Marcelo pediu desculpas a Cláudia, e disse para ela que os dois se casariam virgens pois se amavam de verdade.”*

O candidato/autor inicia a sua narração descrevendo as circunstâncias de um namoro, de um casal de namorados apaixonados. A situação inicial, que compreende o 1º e o 2º parágrafos, define o espaço da ação: *“bairro de classe média alta, em São Paulo nos Jardins”*. O conhecimento de mundo do candidato já fica aqui demarcado, pois o bairro citado é um dos mais nobres da capital paulista.

Os personagens – Cláudia e Marcelo – optam por não manterem relação sexual antes do casamento, mesmo sendo um namoro de três anos, a promessa se mantinha. Esse conhecimento partilhado, entre autor e leitor, já poderia dar indícios do assunto “amarelar”, porém isto ainda não ocorre. O narrador afirma que *“Marcelo sempre tocava no assunto de fazer sexo antes do casamento e Claudia logo dava um jeito de escapar da conversa dizendo, que tinha medo de ficar grávida e Marcelo a respeitava”*, porém, não surge nenhuma pista do tema “impotência diante de uma situação de desafio”, por isso o leitor a busca na transformação da situação, parágrafos 3º, 4º e 5º.

A partir do 3º parágrafo o candidato/autor cria o conflito da narração, esse gera expectativa ao leitor, pois os pais de Marcelo viajam e ele fica sozinho em casa. Cláudia, sem saber de nada, vai até a casa do namorado e acaba entrando: *“ - Você esta sozinho? Ele respondeu: - Estou sim, mas pode entrar que não tem nada, somos namorados”*. Com tal atitude, o leitor infere que a qualquer momento o tema proposto será desenvolvido. Porém,

mais uma vez não acontece, mesmo estando os dois sozinhos, no quarto de Marcelo e ele “dizia que a amava e já foi jogando-a na cama”, a situação de amarelar não se desenvolve, uma vez que Claudia “ quando ia se ‘entregar’ deu um grito. Saiu correndo e disse: - Só depois do casamento..”.

A situação final é marcada pelo último parágrafo, sendo que Marcelo pede desculpas para Claudia e reafirmam a promessa de casarem virgens. Desta forma o candidato/autor tenta iludir o leitor de que seu texto abordava a proposta temática da prova ao resvalar no assunto, quando a namorada, prestes a se “entregar,” acaba voltando atrás e sai correndo do quarto do namorado.

Dessa forma, o tema não é construído em função do candidato não depreender a proposta do comando, ele apenas divaga sobre o assunto, não expandindo-o no texto.

## **REDAÇÃO 16**

*“De covarde à herói!*

*Adriano era um menino inteligente, morava na pequena vila de Jurupita e gostava muito de estudar. Porém, a maioria de seus colegas o chamavam de chorão. Vivia apanhando na escola.*

*O garoto tentou algumas vezes revidar as agressões, mas sem esperar incontrolavelmente seus olhos começavam a lacrimejar, as pernas a estremecer, e ... pronto, já está chorando de novo.*

*Sua mãe o ridicularizava perante as visitas, “... menino cagão, puxou o pai covarde!”. O menino saía entristecido. Coisas de mãe, adoram meter seus filhos em situações chatas.*

*Finalmente, cansado de tanta humilhação, Adriano resolveu por um fim nesta história de “amarelão.” Estava confiante, pois fora ao colégio armado, ... de seu estilingue e a espada do He-man que ganhara do tio. Quando chegou as provocações começaram e continuaram até o intervalo, até que “chega. Agora vocês vão sofrer com a minha ira”. Esbravejou Adriano. E, em um golpe extremamente rápido empunhou sua espada, sacou seu estilingue e chamou todo mundo pra briga. Então, algo estranho aconteceu. Um raio caiu subitamente entre eles acertando a espada de Adriano.*

*O espanto foi geral, correram para socorrer o menino caído, mas, já estava morto. O arrependimento se instalou nas criancinhas que tanto o chatearam.*

*Depois do ocorrido, o garoto que era chamado de chorão, passou a ser chamado de heróis. Graças a ele seus colegas não foram atingidos pelo raio que fatalmente acertou Adriano.”*

No 1º parágrafo Adriano é apresentado como sendo um garoto inteligente, porém com uma característica nada boa, vivia apanhando na escola e era chamado pelos colegas de chorão. A informatividade presente no parágrafo colabora com o leitor no sentido de encontrar “pistas” que levem ao assunto “amarelar”, uma vez que Adriano é inteligente e, provavelmente, reverterá esta condição de humilhação.

O 2º parágrafo também narra a atitude do personagem principal: *“O garoto tentou algumas vezes revidar as agressões, mas sem esperar incontrolavelmente seus olhos começavam a lacrimejar...”*.

Neste texto, o que nos chama a atenção é com relação a focalização dada, pelo candidato/autor, no que se refere às atitudes da mãe de Adriano, atitudes estas que são contrárias ao papel da maioria das mães, *“ Sua mãe o ridicularizava perante as visitas, ... ‘menino cagão, puxou o pai covarde!’”*. Com essa afirmação final, a mãe, talvez, transfira possíveis problemas que têm com o marido para o filho, ao afirmar *“puxou o pai covarde!”*, o filho é como se fosse o espelho do pai. De posse dessa informatividade, bem como a focalização dada, o candidato/autor já poderia dar indícios do assunto “amarelar”, porém isto ainda não acontece.

Passando para a transformação, ou nó da narração, o narrador cria a expectativa da história ao afirmar que, *“cansado de tanta humilhação, Adriano resolveu por um fim nesta história de ‘amarelão’ (...) fora ao colégio armado, ... de seu estilingue e a espada do He-man que ganhará do tio”*. O conflito se instaura, sem, contudo, estabelecer relação, ainda com o assunto/tema, uma vez que ao usar a expressão *“por um fim nesta história de ‘amarelão’”*, o candidato/autor não consegue se referir a proposta, e sim tenta iludir o leitor. A quebra da expectativa, ou o desenvolvimento do conflito instaurado, ocorre



no momento em que o garoto “empunhou sua espada, sacou seu estilingue e chamou todo mundo pra briga”. Essa informação pode colaborar para que o leitor infira que o personagem principal irá contra o tema proposto, “impotência diante de uma situação de desafio”, pois até mesmo o título, “De covarde à herói!”, contribui para essa interpretação, ou seja, o garoto toma atitude contrária ao que o comando da prova sugeria. Um raio atinge a espada do menino e este salva, através da sua própria vida, todos os colegas da escola.

Com esse desfecho, a situação final apresenta Adriano com um herói, “o garoto que era chamado de chorão, passou a ser chamado de herói”, contrariando a proposta amarelar. O tema, nesse caso, não consegue ser construído em função do candidato/autor inverter a situação proposta.

## REDAÇÃO 17

*“Ana fogosa*

*Num certo dia após o almoço, Pedro e Ana resolveram dar um passeio no parque Ingá, os dois de mão dada, namorando num banco começa a rolar um clima entre eles mais quente, do que só beijinhos.*

*O tempo começa a virar, pois um dia lindo de muito sol começa a se transformar num dia nublado e prestes a cair uma chuva.*

*Pedro olha para Ana e fala:*

*- Ana vamos sair daqui. Ana responde*

*- Não Pedrinho, vamos fazer amor aqui na chuva.*

*Pedro muito encabulado e tímido, começa a ficar vermelho, e responde:*

*- Aqui Ana!*

*Ana com muito fogo fala:*

*- Aqui mesmo meu Pedrão, quero possuir você seu gostoso.*

*Pedro pensa, pensa e responde:*

*- Ana acho melhor nós irmos embora, pois a chuva vai aumentar”.*

No 1º parágrafo, os personagens Pedro e Ana apresentam-se no espaço “parque Ingá”, onde o casal resolve passear. A expectativa criada é de uma tarde de namoro mais picante, já que “namorando num banco começa a rolar um clima entre eles mais quente, do que só beijinhos”.

Isso caracteriza a situacionalidade do texto, fator que deveria prever o assunto da redação. A estabilidade do casal, previsível nesse parágrafo, coloca em “sintonia” autor e leitor do texto. Deveriam aqui surgir “as pistas” que permitissem que ambos partilhassem o conhecimento, o qual deveria remeter ao assunto “amarelar”.

O 2º parágrafo relata a mudança climática, “*O tempo começa a virar pois um dia lindo de muito sol começa a se transformar num dia nublado prestes a cair uma chuva*”. Essa informação, associada ao título “Ana fogosa”, desperta no leitor, mais uma vez, a expectativa de encontrar pistas que levem a construção do assunto e/ou tema, porém esta relação ainda não se estabelece. Através do discurso direto, os namorados mantêm um diálogo que reafirma a condição de Ana ser bem mais avançada que seu namorado Pedro, sendo que a expansão textual se dá através do convite da garota para fazer amor com ele na chuva e no parque “*(...) vamos fazer amor aqui na chuva*”, “*Pedro muito encabulado e tímido, começa a ficar vermelho, e responde: - Aqui Ana! (...) – Aqui mesmo meu Pedrão, quero possuir você seu gostoso*”. Essa seqüência de fatos, via de regra, deveria garantir o princípio da informatividade, mas não se concretiza pela divagação sobre o tema, quando “*Pedro pensa, pensa e responde: - Ana acho melhor nós irmos embora, pois a chuva vai aumentar*”. Assim, nesse parágrafo, que pode ser entendido como a situação final da narração, ocorre um comprometimento no nível da informatividade e que não remete a temática e, pode, com muita vontade, por parte do leitor, inferir que Pedro tenha se acovardado perante a proposta da namorada. Contudo, tal inferência permite uma divagação sobre o tema, a história não se desenvolve além desse, que pode ser considerado o início da tematização.

*“Minha mãe, minha vida.*

*São onze horas da noite, quando o Dr. Ruan chega ao seu apartamento, devidamente cansado, depois de duas cirurgias complicadas. Não percebe a mãe acordada e enterte-se com sua cachorrinha sentado sobre o sofá.*

*- Laika, está vendo esse grande médico, pois é, eu odiava a escola, e quase não chego até aqui.*

*‘Tudo começou quando eu tinha oito anos, meu pai, um advogado mau sucedido se tornou um alcoólatra, e espancava minha mãe todos os dias, eu que o adorava, passei a odia-lo, não demorou muito, e eles se separaram. Alívio?, que nada. Passei a ser satirizado na escola, por isso não suportava a idéia de estar em grupo, muitas vezes chorando voltava para casa, minha mãe me acolhia, e entre tantas palavras dóceis, minha cabeça foi clareando, e com o tempo comecei a me sentir mais confiante.’*

*Com vinte e dois anos, eu encerrava a faculdade, na colação de grau, meu pai não compareceu. Ao subir ao palco para receber o canudo, só pude ver os olhos orgulhosos de minha mãe, ela estava lá, como em todos os momentos de minha vida, eu precisava dizer o quanto ela tinha sido importante pra mim, mas as palavras não vinham.*

*- Pois é, Laika, eu sorri, pestanejei, mas ao abrir a boca, o que se seguiu foi um simples obrigado, um agradecimento formal, a minha homenagem a ela, tão ensaiada, não foi daquela vez. Mas tenha certeza Laika, que os nossos destinos estarão entrelaçados para sempre, pois eu jamais a abandonarei.*

*‘Dona Suzana, que ouvia o relato do filho à cachorra, voltou-se para o seu quarto silenciosamente.*

*As lágrimas que rolavam em sua face, significavam, além da emoção, toda alegria contida, naqueles anos de esforços em relação ao seu menino, que hoje culminou nesse grande cirurgião, e tudo isso graças a ela também.’”*

O texto passa a avaliação por ser uma narração, uma vez que apresenta uma situação inicial: o candidato/autor inicia o seu texto descrevendo o momento em que um médico, Dr. Ruan, chega em casa, após um dia de trabalho, em que realizou duas cirurgias complicadas. Ao chegar *“Não percebe a mãe acordada e enterte-se com sua cachorrinha sentado sobre o sofá.”* Essa atitude caracteriza a criação da expectativa para o personagem, pois ele conta para a cachorra, através do fluxo de consciência, como conseguiu ser um médico famoso. Ao lembrar seu passado, Ruan, narra como foi sua infância, o trauma por ter um pai alcoólatra que espancava a esposa diariamente, e posteriormente o estigma que carregava por ser filho de pais separados. Por tudo isso, ele *“ não suportava a idéia de estar em grupo, muitos vezes chorando voltava para casa, minha mãe me acolhia e entre tantas palavras dóceis, minha cabeça foi clareando, e com o tempo comecei a me sentir mais*

*confiante*”.

Todas essas informações fazem parte do conhecimento de mundo do candidato/autor, uma vez que a maioria dos filhos que presenciam cenas de violência em casa, e / ou convivem com a separação dos pais, passam por certos problemas psicológicos que afetam o convívio social da criança e do adolescente. Dessa forma, o mundo textual vai se construindo a partir do conhecimento do candidato/autor, mas o assunto a ser construído, “amarelar”, por enquanto não é apresentado.

No 3º parágrafo, ainda relembrando seu passado, Ruan descreve como foi sua colação de grau ao formar-se em medicina e lança uma tênue “pista” que envolve o leitor ao tema: *“só pude ver os olhos orgulhosos de minha mãe, ela estava lá, como em todos os momentos de minha vida, eu precisava dizer o quanto ela tinha sido importante para mim, mas a as palavras não vinha”*, porém tal informação não é suficiente para o desenvolvimento da temática proposta.

## REDAÇÃO 19

*“Medo ou Responsabilidade*

*Tinha vinte anos, quando passei por um medo terrível.*

*Faziam três anos que estava namorando, quando a garota chegou para mim e disse que achava que estava grávida, pois sua menstruação não descia a dois meses.*

*Preocupados com a situação procuramos um laboratório para que fizessem os exames necessárias. Fizemos a coleta de urina e fomos liberados, o resultado só sairia no final do dia, eu fui trabalhar e ela foi para a sua casa.*

*No trabalho não conseguia me concentrar pois, o medo tomava conta.*

*Chegou o momento de ir buscar o exame, passei na casa dela para pega-la e fomos ao laboratório, recebemos o envelope das mãos da médica responsável, abrimos e o resultados negativo.*

*Confesso, hoje só com camisinha.”*

O texto acima está assim construído:

a) situação inicial: o narrador-personagem conta uma experiência que teve, e que lhe causou “*um medo terrível*”. Isso porque sua namorada, de três anos, revela que a menstruação estava atrasada dois meses e, conseqüentemente, que poderia estar grávida. Ativando o conhecimento de mundo, bem como o partilhado, autor e leitor estão no mesmo nível de informatividade, pois o primeiro fator para que a mulher esteja grávida, é a ausência do fluxo menstrual;

b) transformação ou nó: para amenizar o medo, o casal procura um laboratório para realizar o teste de gravidez. Como o mesmo ficaria pronto somente no final da tarde, “*eu fui trabalhar e ela foi para a sua casa.*” No 4º parágrafo ao afirmar que “*No trabalho não conseguia me concentrar pois, o medo tomava conta*”, o candidato/autor faz uma relação com o título, e tenta envolver o leitor no tema proposto, porém não consegue inserir o contexto na “repentina impotência perante uma situação de desafio.”

c) situação final: momento em que os personagens abrem o exame e o resultado é negativo. O que ocorre nesse momento é um comprometimento no nível da informatividade, pois o tema não é desenvolvido e no último parágrafo ele apenas afirma: “*Confesso, hoje só com camisinha*”.

## REDAÇÃO 20

### *“Dia de vestibular*

*Daniel acorda, vai ao banheiro, depois toma um café, e vai em direção ao colégio onde serão realizadas as provas. Ainda é cedo, no caminho ele aproveita para refletir tudo o que passou durante o ano. Se lembra do seu esforço no cursinho, de seus pais lhe insentivando para estudar, e várias outras coisas.*

*Ele é uns dos primeiros a chegar, encontra Leila uma amiga que não ve a anos. Começam a conversar e vão recordando do tempo que estudarão juntos no colegial.*

*Uma mulher entrega um panfleto, propaganda de uma cursinho. Leila diz que se não passar ela vai estudar lá. Conhecidentemente Daniel ja*

*frequenta aquele .*

*Hora do vestibular, um fiscal abre os portões e Daniel vai para uma sala diferente de Leila. Ela senta recebe sua prova e vai direto para a redação.*

*Quando derrepente...”*

O primeiro parágrafo desse texto descreve a situação inicial, em que o candidato/autor demonstra as ações gradativas do personagem Daniel, “*acorda, vai ao banheiro(...) toma café, e vai em direção (...) aonde serão realizadas as provas*”. O conhecimento de mundo do candidato/autor está presente em tais ações, bem como no fluxo de consciência usado posteriormente, quando o personagem “*aproveita para refletir tudo que passou durante o ano (...) seu esforço no cursinho, de suas pais lhe incentivando para estudar (...)*.” Dessa forma, o conhecimento do autor fica marcado na primeira fase da narração, porém o assunto “amarelar”, por enquanto, não é apresentado.

No 2º parágrafo, Daniel encontra uma amiga, Leila, de muitos anos. Enquanto conversavam, recebem uma propaganda de um cursinho pré-vestibular, o qual Daniel já frequenta e que Leila também frequentará, caso não seja aprovada neste concurso. O conhecimento partilhado, aqui lançado, não permite ao candidato/autor construir um tema proposto.

A situação final narra os dois personagens se dirigindo para as salas de aula, onde serão aplicadas as provas. Ela opta por desenvolver a redação primeiro, “*Quando derrepente...*” Com essa expressão o candidato/autor tentou estabelecer uma intertextualidade com o texto de apoio da prova, lançando, até mesmo, nas reticências uma tênue pista para envolver o leitor no tema. Porém, isso não remete a temática, o candidato não conseguiu imergir no texto de apoio, não construindo uma redação coerente e tematicamente resolvida.

## REDAÇÃO 21

*“Logo agora?”*

*Brochei, não acredito nisso, estava perfeito, quem diria, logo eu o Ricardinho da mamãe no Motel com a namorada, a linda e maravilhosa Pricila. Estava tudo certo, aquele cheirinho de incenso, a cama redonda, logo que chegamos ela se trancou ela se trancou no banheiro, disse que tinha uma surpresa para mim, adiantei-me e tirei a roupa, deitei na cama e só aí percebi como o quarto do Motel era lindo, cheio de espelhos, carpe rosa, hidromassagem, abri a gaveta da comoda e estava cheia de preservativos de todas as cores, logo pensei ‘comprei a minha a toua’..*

*A porta do banheiro abriu, Pri estava com uma cinta-liga branca, uma langerrri sexi e um chicótinho na mão. ‘É hoje que eu não saio daqui’ ela disse empougada. Chegou me batendo, arranhando, beliscando, beijando, (...), fazendo tudo que eu queria. Comecei a fazer tudo que sonhei fazer na minha primeira vez. Só escutava gemidos e sussurros de prazer, esqueci de todos os problemas, nem sabia mais onde estava. Ela disse com uma voz suave no meu ouvido ‘coloca a camizinha’. Abri a gaveta da comoda rapidamente, peguem a primeira que vi na frente e sentei na cama para por. Aí percebi algo de errado, ‘ele’ estava muito quieto, não quis levantar.*

*Agora aqui estou eu, sentado na privada com uma revista porno nas mãos e a mulher que desejei toda a minha vida deitada na cama de braços cruzados com uma cara nada agradável. Quem poderia imaginar, logo comigo, o ‘garanhão das mulheres’, não tenho nem um viagrinha por perto. Alguem tem um para me emprestar?”*

O texto passa à avaliação por ser uma narração, uma vez que a situação inicial, transformação e situação final estão bem demarcadas. O 1º parágrafo tem início com a descrição feita pelo narrador-personagem, Ricardinho, do quarto de motel onde ele levou sua namorada Pricila, *“cheirinho de incenso, a cama redonda (...) o quarto de Motel era lindo, cheio de espelhos, carpe rosa, hidromassagem”*. Assim, o conhecimento de mundo do candidato/autor fica evidente, bem como o conhecimento partilhado com o leitor. A principal circunstância deste início de texto é a informação de que Pricila faria uma surpresa para Ricardo. O leitor, de posse desse argumento, pode inferir que esta seja uma pista para a construção do assunto “amarelar”.

A transformação, ou seja, o desequilíbrio desta noite que parecia ser maravilhosa, acontece no 2º parágrafo. A garota sai do banheiro, *“estava com uma cinta-liga*

*branca, uma langerry sexi e um chicotinho na mão*". Ela começa, então, o jogo da sedução com o seu parceiro, *"chegou me batendo, arranhando, beliscando, beijando"*. Tudo corria muito bem para a primeira vez de Ricardinho, *"comecei a fazer tudo que sonhei fazer na minha primeira vez"*, até que a namorada pede que ele coloque a camisinha e ele constata que *"'ele' estava muito queto, não quis levantar"*. Essa é a cena que levou o narrador afirmar na sua primeira fala *"Brochei, não acredito nisso"*.

Com essa situação, o candidato/autor lança uma tênue pista para envolver o leitor no tema, *"repentina impotência diante de uma situação de desafio"*, porém o que se pode inferir é que, para o candidato a expressão impotência somente está associada a impotência sexual, por isso esta abordagem nesta redação. Contudo, mesmo enfocando a impotência sexual, o candidato não consegue construir o tema proposto, uma vez que na situação final, 3º parágrafo, não é desenvolvida nenhuma atitude de acordo com o que a proposta sugeria.

O desfecho da história é comentado apenas como o namorado se comporta, após sua importância sexual. Não é descrito nenhum fator que poderia deixá-lo em tal situação. Nem mesmo é relacionada, ao tema, a ansiedade por ser a primeira vez do rapaz, ou contrário, aparece uma incoerência no final da narração, *"logo comigo, o 'garanhão das mulheres'"*. Anteriormente ele iria ter a sua primeira experiência sexual, agora já afirma ser o garanhão.

## REDAÇÃO 22

*"Festa na chácara*

*No dia 20 de janeiro, alguns amigos reuniram-se numa chácara para fazer uma festa surpresa para Ana. Renata sendo, sua melhor levou-a até o local da festa, mentindo que ia na casa de uma tia.*

*Na chácara seus amigos arrumaram um barracão abandonado para*



*fazer a festa. Ao chegar na chácara Ana achou estranho, porque, estava não tinha ninguém, Renata convidou para ir até o local onde seus amigos estavam. Ana ficou com receio daquele lugar vazio onde só havia um barracão velho e uma casa mal pintada.*

*Mesmo assim Renata insistiu para que ela entrasse lá, então entraram juntas, mas Renata se escondeu e Ana assustada correu para porta até que acenderam-se as luzes e fizeram muita bagunça.*

*Depois todas as pessoas como de costume resolveram ir tomar banho no lago que havia ali perto, mas Ana ficou parada apenas olhando eles brincarem.”*

O primeiro parágrafo, com o tempo cronologicamente marcado (20 de janeiro), aponta para a situação inicial dessa narração: *“alguns amigos reuniram-se numa chácara para fazer uma festa surpresa para Ana”*.

A partir desse motivo festivo, os amigos organizam um barracão abandonado, numa chácara, para prepararem a festa. Ana, que foi até ao local acreditando estar na casa da tia de sua melhor amiga, achou tudo muito estranho, *“porque (...) não tinha ninguém”*. Ao ser convidada pela amiga Renata para ir até o barracão, *“Ana ficou com receio daquele lugar vazio onde só havia um barracão velho e uma casa mal pintada”*. Esse argumento, para o candidato/autor, é o assunto “amarelar” proposto pelo comando da prova. Isto se evidencia ainda mais no 3º parágrafo, em que Renata insiste para Ana entrar no local e a aniversariante *“assustada correu para porta (...)”*.

Ao lançar essa atitude para o personagem, o candidato/autor tentou estabelecer uma intertextualidade com o texto de apoio, bem como envolver o leitor no tema. Porém, como foi apresentado, não possui relação com a proposta.

O candidato/autor teve ainda a chance de focalizar o tema, resgatando o receio e/ou o susto de Ana, colocando-a numa “repentina impotência diante de uma situação de desafio”, em que Ana não entrava no barracão por covardia. Mas, o candidato não consegue incluir a temática no desfecho do texto e, assim, não é possível ao leitor inferir que o receio e o susto de Ana sejam o tema “amarelar”.

## REDAÇÃO 23

*“Persistência acima de tudo:*

*Antônio Carlos desejava, desde à sua infância, prestar serviços à pessoas que estivessem doentes. Morava num vilarejo, perto da cidade de Tupãssi, no interior do Paraná. Esta, porém, não disponia de recursos educacionais do qual Antônio pudesse usufruir.*

*Desde esta tenra idade, ele já tinha sonhos grandiosos, como cursar a faculdade de medicina, pois assim ajudaria às pessoas que não dispõem do maior bem do ser humano: a saúde. Era apoiado por seus familiares, que viam no filho a esperança de uma vida melhor e o interesse não só em si e na família, mas em um bem comum.*

*Assim como Antônio Carlos crescia em tamanho também crescia a sua vontade de se tornar médico. Já havia terminado de cursar o segundo grau e estava fazendo vestibulares, vendo ali a concretização dos seus sonhos e vontades. Porém, na volta de um desses vestibulares ocorreu um acidente onde Antônio fora gravemente envolvido.*

*No hospital, após alguns dias, o médico João Fernandes notificou à família algo que este já havia previsto. Antônio havia ficado paralisado.*

*Antônio Carlos ainda faz o tratamento. A fisioterapia está trazendo ótimos resultados. Hoje ele tem mais um motivo para cursar a faculdade de medicina e alcançar o curso que agora ele almeja, que é ser cirurgião especialista em paralisia”.*

A situação inicial do texto, formada por dois parágrafos, descreve o maior desejo do personagem Antônio Carlos, *“desejava, desde à sua infância, prestar serviços à pessoas que estivessem doentes”*. Esse início, porém, não apresenta nenhum indício do tema/assunto da proposta de redação.

O 3º parágrafo narra a mudança que ocorre na vida do personagem ao voltar para sua cidade, após realizar as provas do vestibular para Medicina: *“ocorreu um acidente onde Antônio fora gravemente envolvido”*, este acidente o deixa paralisado. Mais uma vez, o candidato/autor não consegue inserir o tema em sua narração, pelo contrário, o enfoque dado, na situação final, não é de *“amarelar”*, e sim a persistência de uma pessoa determinada em conseguir seu objetivo: *“Hoje ele tem mais um motivo para cursar a faculdade de medicina e alcançar o curso que agora ele almeja, que é ser cirurgião especialista em paralisia”*.

## REDAÇÃO 24

*“Mal acostumado*

*Fazia algum tempo que Lígia, uma pessoa muito alegre, determinada e atraente, havia conhecido Fernando. Este era alto, moreno dos olhos cor de mel, muito simpático e, principalmente, charmoso. Não havia um lugar onde ele passassem que não fossem notados. Formavam uma dupla e tanto.*

*Sempre saíam juntos, iam à festas e bares se divertirem, apenas os dois. Passavam o máximo possível de tempo unidos, para se conhecerem mais a cada dia. Mas mesmo sendo muito amigos, haviam segredos da parte de Fernando. Lígia percebeu e não forçou nada, pois era da opinião de que cada um fala o que lhe convém.*

*Devido à tanta beleza e mistério, ela passou a vê-lo com olhos de mulher, e não mais como uma amiga. E, decididamente, aproximou-se de Fernando demonstrando os seus sentimentos e desejos. Ela não era capaz de inibir o que estava sentindo. Ele, por sua vez, ficava constrangido com tal situação e afastou-se.*

*Lígia, mais uma vez, percebeu aquele ar de segredos em seus olhos e, inconformada com a rejeição, não suportou e perguntou qual era o problema, o que havia de errado em os dois serem amantes. Ele tomou um susto ao ouvir a pergunta, e ele sem uma saída melhor senão contar a verdade, pensou no que ia falar, respirou fundo e aliviou-se dizendo:*

*- Eu não gosto de mulheres, gosto de homens, sou homossexual.”*

A situação inicial apresenta os personagens Lígia e Fernando, suas características físicas e psicológicas. Essa dupla sempre divertia-se junto e, com isso, a amizade foi crescendo. Porém, Lígia desconfiava que ele tinha algum segredo.

A convivência fez com que Lígia tivesse um interesse além da amizade por Fernando, *“ela passou a vê-lo com olhos de mulher, e não mais como uma amiga”*. Assim, ela deixa explícita qual era a sua intenção, o rapaz, porém *“ficava constrangido (...) e afastou-se”*. Em nenhum momento o candidato/autor insere o assunto/tema “amarelar” na história, ao contrário, o personagem Fernando tem coragem para assumir que é homossexual: *“- Eu não gosto de mulheres, gosto de homens, sou homossexual”*.

## REDAÇÃO 25

*“Um dia de medo*

*Em um certo dia de domingo, João brincava de jogar futebol com seus amigos, numa rua onde não havia muito movimento de carros, e onde existia muitas casas, sendo que uma era de Dona Maria, uma velha que todos diziam que era maldoza, que não gostava de ninguém e morava sozinha com seu fiel cão de guarda.*

*João por sua vez foi cobrar uma falta que havia-lhe recebida de seu adversário, quando cobrou a falta a bola fez um rumo desordenado e caiu na casa de Dona Maria do lado do seu cão. João uma cara de espanto, falou para seu colega o Tomas para pegar a bola, não houve sucesso. Em fim, João tinha que fazer por si próprio.*

*Foi ele então com muito medo, atrás da bola. Quando chegou no portão da casa, o cão queria avançar-lo e ele com muita calma tentou acariciar-lo, não houve sucesso, pegou então um pedaço de madeira que havia ali perto, começou então há atrazer a bola. E quando ele menos esperava a Dona Maria apareceu em sua porta, com um olhar fixo em João, ele já com muito medo não sabia o que fazer.*

*Até que Dona Maria pegou a bola, segurou por alguns minutos, olhando para João, e disse:*

*- vocês não precisam ter medo de mim?*

*- pegue sua bola menino!*

*João com um sorriso meio desconfiado, agradeceu o foi embora.*

*No outro dia o assunto pela roda de amigos era o fato que tinha ocorrido com João, um dia em que todos estavam com medo mas não havia nenhum motivo para isso.”*

A situação inicial apresentada pelo candidato/autor compreende o 1º parágrafo do texto, que trata de descrição do tempo: “*Em um certo dia de domingo*”; dos personagens: João, amigos e Dona Maria, “*uma velha que todos diziam que era maldoza*”. As circunstâncias vivenciadas por eles é de uma partida de futebol na rua (espaço). Já se cria uma expectativa no leitor, pois uma senhora maldosa, que não gostava de ninguém e morava apenas com o seu cão de guarda, tem em frente ao seu portão uma turma de garotos brincando de bola. Os conhecimentos de mundo e partilhado são associados perante essa descrição inicial.

No 2º parágrafo, acontece o que os garotos mais temiam (referência ao título), “*João por sua vez foi cobrar uma falta (...) a bola fez um rumo desordenado e caiu na casa de Dona Maria do lado do seu cão*”. Esse fato, para o candidato/autor, seria o motivo

para se inferir o assunto “amarelar”. Isso se comprova, também, quando o narrador afirma que, “*João (...) falou para seu colega (...) pegar a bola, não houve sucesso*”.

Porém, o que segue no 3º parágrafo é uma atitude contrária a “amarelar”, pois João, apesar do medo, chega ao portão da casa de Dona Maria, tenta acariciar o cachorro e finalmente começa a puxar a bola com um pedaço de madeira, “*E quando ele menos esperava a Dona Maria apareceu em sua porta (...) ele já com muito medo não sabia o que fazer*”. Todas essas atitudes conferem ao personagem coragem e não “impotência diante de uma situação de desafio”.

O desfecho acaba transformando João em herói, pois Dona Maria afirma “- *vocês não precisam ter medo de mim? – pegue sua bola menino!*”. A coragem de João é motivo de conversa na roda dos amigos, em que o garoto não amarela ao enfrentar D. Maria e seu fiel cão de guarda.

## REDAÇÃO 26

*“Amarelou*

*- Minha esposa, com quem vivo a seis anos e devido à casa está me traindo. Temos um filho que vive conosco. Todas as vezes quando ela sai e pergunto onde esteve ela amarela.*

*Horas o que acontecerá com minha esposa?*

*Sei que ela também desconfia. Oh, pobre criança que vive nesse meio desconfiado, onde pessoas que vivem a tanto tempo por uma pergunta, amarela.*

*Vivemos com medo, de sérmos descobertos. Só de pensar em ser flagrado tremo, fico completamente amarelada. Medo do futuro? Sei que as coisas não são fáceis, mas a desconfiança acaba com os pensamento e os ideais do ser humano.*

*Vivo a pensar, como pude me deixar envolver. O coração ninguém jamais conseguirá explicar. Só penso em prolongar o amarelamento que sentirei quando for descoberta.”*

Essa narração, além de fugir ao tema, está totalmente incoerente. O

narrador-personagem inicia a história com uma afirmação, “- *Minha esposa, com quem vivo a seis anos e devido à casa está me traindo (...) Todas as vezes quando ela sai e pergunto onde esteve ela amarela*”. Nesse parágrafo inicial fica bem demarcado que o narrador é um homem que está sendo traído. É importante reafirmar isto, pois no final a situação é invertida, causando toda a incoerência do texto. Também, no mesmo parágrafo, o candidato/autor acredita estar tematizando sua narração ao afirmar que a esposa amarela ao ser indagada aonde foi. Este “*amarela*” citado por ele, nada mais é que a fisionomia pálida que a esposa apresenta por estar, provavelmente, escondendo algo, e não “repentina impotência diante de uma situação de desafio”, proposta a qual o candidato devia desenvolver seu texto. Aqui, então, fica evidente o motivo pelo qual o texto fugiu ao tema.

O candidato se contradiz ao afirmar que, “*Sei que ela também desconfia*”, desconfia de quê? Até então a esposa era a traidora, agora, também é a traída? E, assim, o texto continua sua contradição, pois ele também trai e tem medo de ser descoberto. Os elementos lingüísticos utilizados acabam confundindo ainda mais o leitor: ao se referir a ele (narrador-personagem, marido, traído) a desinência utilizada é do gênero feminino, “*Só de pensar em ser flagrado tremo, fico completamente amarelada*”, e ainda, “*Só penso em prolongar o amarelamento que sentirei quando for descoberta*”.

## REDAÇÃO 27

*“As vezes o que é para ser não é*

*Dora e Leda sempre foram amigas inseparáveis desde a infância, faculdade de arquitetura e nos dias atuais. Seus grupos de amizades eram os mesmos mas de repente Leda mudou-se para a Europa sem se despedir e dar explicações a alguém exceto Dora. Surgiu um boato de que Leda partiu a fim de fazer uma pós-graduação no exterior, mas Arnaldo, marido de Dora exigia dela alguma outra explicação e sentia que Dora escondia algo.*

*Depois de tantas insistências de Arnaldo, em uma tarde enquanto os dois caminhavam pela praia, o casal se encontrou com o marido de Leda e a*

*partir disso Dora resolveu falar a verdade ao seu marido. Leda e seu marido eram um casal feliz, todos admiravam a beleza, inteligência e vaidade da esposa, ao mesmo tempo, o esposo parecia realizado e gostar de sua mulher.*

*Leda começou a notar que após a virada do ano de 94 para 95, o seu marido começou a chegar tarde da noite em casa, fazia frequentes viagens de negócios, sempre perguntava se alguém havia ligado para ele. No começo ela resolveu investigar sozinha, mas depois de alguns meses ligou para um detetive particular contratando-o a fim de investigar.*

*Logo depois começou a imaginar se a amante do seu marido era mais jovem, rica, bonita, talvez uma modelo. Depois de dez dias o detetive ligou passando as informações do local e o horário em que seu marido saía, imediatamente Leda seguiu seu marido até um prédio e entrou pela escada de serviço e por sorte a porta do apartamento não estava trancada, até que chegou ao quarto e não encontrou o seu marido com uma mulher mas sim com um homem.*

*- E daí, Dora? O que ela fez depois? Perguntou Arnaldo*

*- Bem, acho que não preciso dizer que a primeira vista ela arregalou os olhos, começou a suar frio, tremeu, ficou muda, entende..."*

No 1º parágrafo, as personagens Dora e Leda, “*amigas inseparáveis desde a infância, faculdade de arquitetura e nos dias atuais*”, são apresentadas pelo narrador. Tão amigas que sempre foram, quando Leda foi para a Europa, sem ninguém saber o real motivo, Dora foi a única a compartilhar o segredo da amiga. Porém, Dora era casada e seu marido, Arnaldo, exigia uma explicação para o sumiço repentino de Leda. Isso caracteriza a situacionalidade do texto, fator que deveria prever o assunto. O conflito também é instaurado, uma vez que Arnaldo insiste em saber o que tinha acontecido. O narrador cria a expectativa no leitor, que deseja entender o mistério.

Então, numa tarde, após encontrarem o marido de Leda caminhando pela praia, Dora resolve contar toda a verdade: sua amiga tinha sido traída pelo marido, porém não da forma convencional, com outra mulher, e sim com outro homem.

Para o candidato/autor o fato de Leda ter ido para Europa poderia ser entendido como covardia e, conseqüentemente, o “amarelar” da proposta da prova. Mas isso não procede, contudo o texto não está tematicamente resolvido, mesmo porque a situação final não apresenta nenhuma inferência que comprove essa leitura, pois o texto termina com o

seguinte diálogo: “ – E daí, Dora? O que ela fez depois? Perguntou Arnaldo – Bem, acho que não preciso dizer que a primeira vista ela arregalou os olhos, começou a suar frio, tremeu, ficou muda, entende ...”. Apresentando o desfecho dessa forma, o qual seria a última chance para a tematização da narração, o candidato/autor não consegue imergir no texto de apoio e, também, não dialoga com ele.

## REDAÇÃO 28

*“Compreender para não se arrepender*

*Nem todas as pessoas encontram as pessoas certas para casarem e terem filhos. Este é o caso de Regina, senhora gorda, negra proprietária de uma casa de doces. Aos quarenta anos adotou um lindo menino ao qual recebeu o nome de Vitor, pele clara, olhos verdes era filho de um prostituta com um assassino morto em uma rebelião no presídio.*

*Tudo era maravilhoso, o menino tinha tudo que precisava, em seu pensamento ele acreditava que seu pai havia falecido em um acidente automobilístico, antes dele nascer.*

*Quando Vitor completou dezesseis anos, começou a interrogar sua mãe sobre a morte do pai. Sua mãe sempre contornava a situação. Revoltado com as perguntas sem respostas, apesar de todo amor e carinho que sentia passou a desobedecer sua mãe. Abandonou os estudos, não havia mais diálogo, saía à noite e chegava a hora que pretendia.*

*Em uma noite Regina chorando aguardava o filho passava da meia-noite quando ele chegou ela pediu para que ele sentasse e contou-lhe tudo sobre a adoção. Muito nervoso Vitor saiu novamente.*

*Na manhã seguinte o garoto retornou a casa, embriagado, nervoso, dizendo coisas horríveis para Regina. Dizia que estava indo embora que preferia conviver com bandidos e que ele só queria drogas, roubos e coisas piores, e que ela era uma negra, falsa e mentirosa. Ao ouvir tudo isto Regina teve um desmaio, ficando cianótica, precisava ser hospitalizada. Naquele mesmo instante o filho poderoso, decidido, ingrato, pega sua mãe nos braços e chora arrependido.*

*No hospital, ao lado da mãe fora de perigo pede perdão por todas as palavras ditas naquele momento cruel, onde no fundo o amor que existia em seu coração era maior.”*

Essa narração conta a história de Regina, uma “*senhora gorda, negra proprietária de uma casa de doces*”. Como não era casada, adotou uma criança como seu filho. Esse bebê possuía as características físicas opostas as da mãe adotiva, tinha “*pele clara,*



*olhos verdes*”. Até aos dezesseis anos o garoto viveu muito bem com a mãe, acreditando que seu pai *“havia falecido em um acidente automobilístico, antes dele nascer”*; então Vitor, no auge da adolescência, quer saber o que realmente aconteceu com o seu pai, não obtendo respostas que o satisfizesse o garoto mudou seu comportamento, *“passou a desobedecer sua mãe. Abandonou os estudos, não havia mais diálogo, saía à noite e chegava a hora que pretendia”*. Desta forma temos a situacionalidade do texto, bem como os conhecimentos de mundo e partilhado, fatores que deveriam prever o assunto. O conflito já está instaurado, mas não consegue estabelecer relação com o tema.

No 4º parágrafo o segredo é revelado, o garoto inconformado passa a noite fora de casa, quando retorna, embriagado, diz coisas horríveis para mãe afirmando que *“estava indo embora que preferia conviver com bandidos e que ele só queria drogas, roubos e coisas piores”*. Não suportando ouvir tudo isso, ela passa mal e é hospitalizada. O filho arrependido a socorre e quando a mãe já está fora de perigo, pede perdão. Com esta situação final, o tema proposto não é construído.

## TEXTO 29

*“Festa triste ou feliz?”*

*No último final de semana do mês de outubro do de 1998, aconteceu uma grande festa em Marechal Candido Rondon, a festa do ano. No decorrer da semana, duas amigas, Joana e Patrícia haviam combinado para irem a festa, estavam super entusiasmadas, não viam a hora de chegar sábado, já tinham comprado sapatos novos, roupas em traje a rigor, quase tudo estava preparado.*

*Já era sexta-feira e Patrícia fala para Joana:*

*- E aí! Tudo certo para amanhã?*

*- Claro iremos nos divertir juntas.*

*Durante a semana tudo deu certo, os preparativos já estavam completos e no dia... Chegou a hora tão esperada.*

*Patrícia passa a tarde toda se aprontando no salão, quatro horas de banho de beleza, a noite chega ela dá o toque final e vai para casa de Joana.*

*- Olá Joana, pronta para irmos a festa?*

*- É ... sim ... não sei ... não ...*

*É, as vezes nem tudo acontece como o previsto. Enfim, Joana foi a festa só e se divertiu com outros amigos, para ela foi um ótimo fim de semana; já Patrícia não pode sair, ficou em casa cuidando de seus irmãos esperando o domingo para saber das novidades da festa. Na vida as coisas acontecem mais ou menos assim uns se dão bem e outros não”.*

Situação inicial da narração: duas amigas se preparam, com antecedência, para a maior festa do ano em sua cidade. Durante a semana que antecede, as duas fazem planos, compram roupas e calçados, tudo para o grande dia. Na sexta-feira, dia anterior a festa, elas combinam mais uma vez de se divertirem muito.

Transformação da situação inicial: *“Patrícia passa a tarde toda se aprontando no salão, quatro horas de banho de beleza”*, quando enfim, chega a noite e vai para casa de Joana. Ao perguntar se a amiga estava pronta, esta responde: *“É... sim... não sei... não”*. Com esta resposta dada pelo personagem, o candidato/autor faz uma intertextualidade com o texto de apoio da Prova para envolver o leitor no tema. Porém, esse “lançamento” permite uma divagação sobre o mesmo, uma vez que a situação final é totalmente incoerente com o que Joana respondeu. O candidato/autor se perde ao dar o desfecho da história, sendo que a amiga que passou muito tempo se preparando, e que questionou a outra, ficou em casa, *“Joana foi a festa só (...) Patrícia não pode sair, e ficou em casa cuidando de seus irmãos.”*

### REDAÇÃO 30

*“Sou tímido*

*Estava eu andando em uma praça, quando percebi que havia dois rapazes discutindo um assunto, me aproximei deles a medida que eu chegava mais perto um deles me chamou, querendo saber o que eu achava sobre o assunto de pessoas que são tímidas. Discutimos o assunto por muito tempo, e acabei descobrindo que eu era muito tímido, e encarrei como um grande problema me culpando por isso.*

*Até que um dia eu estava gostando de uma garota, mas não tinha*

*coragem de chegar nela, alguns de meus colegas me chamaram de fraco, caipira. Aquela situação me deixava incomodado revoltado, meu comportamento mudou, as vezes era mal educado com meus amigos e parentes mas eles não tinham culpa de meu problema, foi então que eu decidi e fui conversar com a garota, chegando até ela fui bem recebido, e me ajudou me mostrando que devemos conviver com a tímides e não tentar resolvê-la.”*

O texto narrado em primeira pessoa conta a história de um personagem que se auto denomina como sendo tímido. E ele descobre isso após discutir, numa roda de rapazes, que nunca tinha visto antes, *“percebi que havia dois rapazes discutindo uma assunto, me aproximei deles a medida que eu chegava mais perto um deles me chamou (...) Descutimos o assunto por muito tempo”*. Este fato já revela a incoerência do texto, pois se ele é tímido como vai discutir um determinado assunto com pessoas que não conhece?

Outra situação que ele apresenta, em função da timidez, e aqui, já tentando uma intertextualidade com o texto de apoio da Prova, é a paixão por uma garota, mas que não tem coragem de se apresentar por ser tímido. Até que decide conversar com a mesma e *“fui bem recebido, e em ajudou me mostrando que devemos conviver com a tímides e não tentar resolvê-la”*. O assunto e o tema não são inseridos.

### **3.2.1 Discussão dos Resultados Obtidos: Explicando a Classificação**

As 30 redações analisadas, e que foram desclassificadas por fuga ao tema, segundo a Planilha de Avaliação de Redação do Vestibular da UEM, apresentam os seguintes assuntos e/ou temas, conforme Menegassi e Zanini (1998):

Assuntos e/ou Temas	Redações	Total
a) Persistência; força de vontade; coragem	1, 13, 23, 24, 25,	05
b) Adultério	2, 27	02
c) Violência Urbana	3, 6	02
d) Comportamento Juvenil	4, 19, 22, 29	04
e) Diversão; férias	5	01
f) Vestibular	7, 9, 10, 11, 20,	05
g) Impotência Sexual	8, 21	02
h) Conflito Familiar	12, 26	02
i) Paixão	14	01
j) Virgindade	15	01
k) Sexo	17	01
l) Gratidão	18	01
m) Preconceito	16, 28	02
n) Timidez	01	01

Por isso, agrupamos essas redações em quatro processos e apresentaremos as características de cada um.

### 3.3 CLASSIFICAÇÃO DAS REDAÇÕES ANALISADAS

Após a apresentação das análises, podemos verificar como se deu a (des) construção da tematização da narrativa nas redações do vestibular Verão99 da UEM. Para ficar mais claro o processo de acionamento dos modelos cognitivos, marcado por ações desenvolvidas pelos personagens e descrição dos demais elementos da narrativa, optamos por classificar as redações em processos, a saber:

PROCESSO	TEMA	REDAÇÕES	TOTAL
1	Às avessas	6,16,21,22,23,24,25	07
2	Curinga	3,5,13,18	04
3	Ilusório	15, 17	02

4	Abandono	1,2,4,7,8,9,10,11,12, 14, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 30	17
---	----------	--	----

### 3.3.1 “Tema às Avessas”

Denominamos de “Tema às avessas” as redações que foram desenvolvidas, quanto ao tema proposto, seguindo a orientação contrária ao comando da prova, demonstrando, assim, que o candidato/autor percorreu um caminho inverso das leituras possíveis para depreensão da temática.

Mesmo a prova garantindo o sentido de “amarelar” como “impotência”, “medo”, “timidez” diante de uma situação de desafio, essas redações não conseguiram resgatar histórias pertinentes a esses exemplos, ao contrário, resgataram situações em que o (s) personagem(ns) dispunha(m) de uma certa coragem para enfrentar os momentos de desafio que ora se apresentavam.

Com isso, entendemos que o candidato, ao acionar os modelos cognitivos de contexto, para a elaboração da sua redação, classificada aqui como “Tema às avessas”, não conseguiu recuperar os modelos armazenados em suas experiências pessoais que demonstravam situações, em que, por covardia, as pessoas deixaram de enfrentar.

Ao apresentar o “Tema às avessas” o candidato, também, demonstrou não conseguir estabelecer relações com os fatores de coerência centrados no usuário, uma vez que ele não emergiu nas narrações características de amarelar garantidas pelos fatores de coerência. A leitura feita por ele, também, não permitiu a compreensão e a interpretação do que foi pedido, bem como, não foi possível estabelecer relações de intertextualidade entre a sua narração e as situações apresentadas no comando.

Dentre as redações, aqui analisadas, fazem parte dessa classificação os

Textos 06 – 16 – 21 – 22 – 23 – 24 – 25.

Vejamos o exemplo da Redação 06:

*“Tatu garoto de praia não amarelou e na cintura tinha arma sacou e descarregou em Pedro devido ao boné”* (Redação 06, § 1).

O modelo cognitivo aqui acionado faz com que “Tatu” não se sinta impotente diante de uma situação de desafio, ao contrário, ele não “amarela”, pois para conseguir o boné ele atira e mata Pedro.

Já na Redação 16, a situação de “coragem” é assim apresentada:

*“Depois do ocorrido, o garoto que era chamado de chorão, passou a ser chamado de herói. Graças a ele seus colegas não foram atingidos pelo raio que fatalmente acertou Adriano”* (Redação 16, § 6).

O personagem Adriano, que era visto por seus amigos e familiares como um covarde, tem uma atitude que o consagra a herói, ele não “amarela” e salva todos os seus amigos com a sua própria vida.

Na Redação 21, merece destaque o seguinte trecho:

*“Brochei, não acredito nisso, estava perfeito, quem diria, logo eu o Ricardinho da mamãe(...)*

*(...) Agora aqui estou eu, sentado na privada com uma revista porno nas mãos e a mulher que desejei toda a minha vida deitada na cama de braços cruzados com uma cara nada agradável(...)*” (Redação 21 § 1 e 3).

Classificamos essa redação, também, como “Tema às avessas” em função do candidato/autor atribuir ao seu personagem a associação da palavra “impotência” não como ela estava apresentada no comando da prova, mas a “impotência sexual”. O personagem não teve nenhuma atitude de coragem, como está sendo apresentada nos exemplos, porém a sua característica de “impotência” também foi contrária ao “ponto de

partida” apresentado nos exemplos do texto de apoio.

A redação 22 apresenta a seguinte situação:

*“ Ana ficou com receio daquele lugar vazio onde só havia um barracão velho e uma casa mal pintada.*

*Mesmo assim (...) entraram juntas (...)*” (Redação 22, § 2 e 3)

Ana, personagem principal dessa narração, não se acovarda diante de uma situação de desafio, mesmo com medo ela entra no barracão velho e abandonado, demonstrando uma certa coragem para tal.

Observamos a Redação 23:

*“No hospital, após alguns dias, o médico João Fernandes notificou à família algo que este já havia previsto. Antônio havia ficado paralítico”* (Redação 23, § 4).

Nesse exemplo, também, o candidato/ autor evoca um modelo cognitivo de “impotência” associado à impotência física. Isso afasta o texto do “ponto de partida” que era o texto de apoio da prova. E o “Tema às avessas” fica bem marcado no seguinte trecho:

*“Antônio Carlos ainda faz o tratamento. A fisioterapia esta trazendo ótimos resultados. Hoje ele têm mais um motivo para cursar a faculdade de medicina e alcançar o curso que agora ele almeja, que é ser cirurgião especialista em paralisia”* (Redação 23, § 5).

Antônio Carlos demonstra toda a sua força de vontade, sua coragem, ao ter sofrido um acidente que o deixa paralítico, por isso ele tem um objetivo ainda maior, que é ser médico e cuidar de pessoas como ele, portadores de paralisia. Contudo, o personagem não se acovarda diante da situação de desafio que a vida lhe impôs.

O personagem Fernando, da Redação 24, também assume uma postura de coragem e não de covardia. Vejamos:

*“Lígia, (...) inconformada com a rejeição, não suportou e perguntou qual*

*era o problema, o que havia de errado em os dois serem amantes. Ele tomou um susto ao ouvir a pergunta, e ele sem uma saída melhor senão contar a verdade, pensou no que ia falar, respirou fundo e aliviou-se dizendo:*

*- Eu não gosto de mulheres, gosto de homens, sou homossexual” (Redação 24, § 4).*

Fernando, personagem homossexual, também não “amarela” ao confessar para Lígia sua opção sexual, tendo assim, uma atitude contrária a proposta da prova.

E finalmente, a Redação 25:

*“Foi ele então com muito medo, atraz da bola. Quando chegou no portão da casa, o cão queria avança-lo e ele com muita calma tentou acaricia-lo, não houve sucesso, pegou então um pedaço de madeira que havia ali perto, começou então há atrazer a bola. E quando ele menos esperava a Dona Maria apareceu em sua porta, com um olhar fixo em João, ele já com muito medo não sabia o que fazer” (Redação 25, § 3).*

Todos os garotos da rua temiam Dona Maria, até que um dia jogando bola, João a deixou cair no quintal da senhora. O garoto não “amarela”, mesmo com medo, vai até a casa da megera para recuperar o seu brinquedo.

### **3.3.2 “Tema Curinga”**

Ao segundo processo de classificação das redações desclassificadas por fuga ao tema denominamos de “Tema Curinga”. Trata-se das redações que, num determinado



momento, tocam no assunto e/ou tema proposto pelo comando da Prova de Redação do Vestibular Verão/99, entretanto, não conseguem se firmar, ou melhor, não o enfatizam.

Adotamos essa terminologia empiricamente, em função da novidade da discussão deste campo em textos narrativos e, tendo em vista, a escassez de bibliografia específica deste enfoque.

É necessário lembrarmos que as redações que tocam no tema, mas que divagam sobre o mesmo, já estão previstas na planilha de correção da UEM, dentre aquelas que são desclassificadas por esse item:

“Fuga total ao tema – a redação apresenta outro assunto diferente do proposto no texto de apoio; cita o tema, mas divaga sobre ele. Valor: zero” (Zanini e Menegassi, 1997- grifos nossos).

Entre as redações analisadas, temos: 03 – 05 – 13 – 18, pertencentes a esta classificação. Vejamos um trecho da Redação 03 que confirma esta nossa posição:

“ - *O ladrão entrou e foi direto para o cofre.*

- *Quando ele menos espera, toca um alarme, ele se apavora e tenta fugir;*

*quando houve uma voz:*

- *Largue a arma – o ladrão soltou a arma ‘amarelo’ e foi preso”* (Redação

03, § 5).

O candidato/autor cita o assunto “amarelar” informando ao leitor que o ladrão, ao ouvir um alarme, “*ele se apavora e tenta fugir*”; porém ele não dá nenhuma ênfase a este assunto, não constrói o tema “impotência diante de uma situação de desafio”, mesmo porque, no momento em que o candidato poderia evocar seu modelo cognitivo para a construção da tematização, demonstrando a sua capacidade de leitura e produção de textos, o

que revelaria sua capacidade de refletir, criticar e recriar um assunto frente a outros em que tivesse que acionar os fatores de coerência associando-os aos elementos da narrativa, ele valeu-se da redundância que impossibilitou a expansão do seu texto. Isso incorreu na divagação do tema, que segundo a Planilha de Avaliação (1.4.2), insere-se na fuga ao tema.

Vejamos agora este trecho:

*“Carol comentou muito sobre sua seção de fotos, só que ela estava triste de ter que ir sozinha e deixar a turma toda.*

*- Carol, porque você não foi.*

*- Não sei, só fiz o que achei que era melhor para mim.”* (Redação 05, § 2, 5)

O candidato/autor dessa redação cita, sutilmente, o “amarelar” de Carol ao recusar ir à seção de fotos para ficar com a sua turma durante o verão. É no momento do embarque do personagem que o candidato “lançou” uma tênue pista para envolver o leitor no tema, porém a situação de amarelar não fica evidente, pois o candidato não consegue criar o clímax da narração e não enfatiza o tema “impotência diante de uma situação de desafio”. Dessa forma, o texto além de fugir ao tema proposto, fica comprometido, também, no nível da informatividade, pois a atitude de Carol já era previsível em função do seu comportamento no decorrer da história.

Agora, centremos nossa atenção neste outro trecho:

*“Um breve aperto de mão com o poderoso J.M. Barros, e já vou tirando de minha pasta todas as lembranças que trouxe lá do Tio Sam. E assim vou me saindo muito bem, e causando muito impacto. Mas, ao usar seu banheiro, percebi que havia uma certa simetria em seus objetos usuais, e a conversa foi se enfatizando em relação a minha*

*organização doméstica, que aliás, deixava a desejar. Fiquei de voltar na próxima semana. Entretanto, já não sabia se seria capaz de arquitetar uma obra tão precisa, conforme o requisitado”* (Redação 13, § 4).

Mesmo afirmando que possui uma certa bagagem como arquiteto, o personagem do texto não aceita projetar uma obra por medo de não conseguir enquadrá-la dentro da simetria requisitada. Essa, também, é uma tênue pista sobre o assunto “amarelar”, que por falta de acionar seu modelo cognitivo o candidato/autor não consegue enfatizar o tema proposto e sua redação é desclassificada.

E, para encerrar a discussão dessa seção, vejamos:

*“(...) Ao subir ao palco para receber o canudo, só pude ver os olhos orgulhosos de minha mãe, ela estava lá, como em todos os momentos de minha vida, eu precisava dizer o quanto ela tinha sido importante pra mim, mas as palavras não vinham”* (Redação 18, § 3).

O candidato/autor toca no assunto/tema ao relatar, para a cachorra Laika, que não conseguia dizer para sua mãe a importância que ela representava para ele. Entretanto, aí caberia qualquer outro relato à cachorra, uma vez que, na conclusão do texto não ocorre uma ênfase ao tema.

### **3.3.3 “Tema Ilusório”**

Denominamos de “Tema Ilusório” as redações desclassificadas por fuga ao

tema, do Concurso Vestibular da UEM Verão/99, e que seus candidatos/autores abordaram como tema o “medo” como atitude de coerência associado a princípios morais.

Fazem parte desse processo as Redações: 15 – 17.

Vejamos um trecho da Redação 15:

*“Claudia deu uma olhada e entrou. Como estavam sozinhos começaram a se beijar. Claudia sempre dizendo não, até que já estavam no quarto de Marcelo. Ela o empurrava mas não adiantava, Marcelo dizia que a amava e foi jogando-a na cama. Ela já não estava conseguindo resistir a Marcelo e quando ia se ‘entregar’ deu um grito. Saiu correndo e disse:*

*- Só depois do casamento...”* (Redação 15, §5).

O tema abordado pelo candidato/autor foi denominado de “ilusório” pelo fato de que ele ilude o leitor de que está construindo um texto dentro da temática proposta, porém não é isto que ocorre. Nesse exemplo, Claudia não se acovardou diante de uma situação de desafio, ao contrário, ela continuou fiel ao seu propósito de manter-se virgem até o casamento.

O mesmo acontece neste outro trecho:

*“- Aqui mesmo meu Pedrão, quero possuir você seu gostoso.*

*Pedro pensa, pensa e responde:*

*- Ana acho melhor nós irmos embora, pois a chuva vai aumentar”*

(Redação 17, § 5).

Pedro, por princípios morais e não por covardia, não aceita fazer amor com Ana no Parque Ingá.

### 3.3.4 “Tema Abandono”

O “Tema Abandono” por nós é classificado como aquele em que o candidato/autor, literalmente, abandona o texto de apoio, sugerido pelo comando da prova, ao construir as representações semânticas a serem expressas no seu discurso, ou seja, ele ignora o texto de apoio, quando aciona seu modelo cognitivo e passa a construir uma narrativa centrada, talvez, em experiências pessoais, subjetivas, mas dissociadas completamente desse “ponto de partida” (texto de apoio).

Fazem parte deste processo as Redações: 01 – 02 – 04 – 07 – 08 – 09 – 10 – 11 – 12 – 14 – 19 – 20 – 26 – 27 – 28 – 29 – 30.

A caracterização dos textos inseridos neste processo só é possível por meio da aproximação da temática apresentada pela Prova de Redação e da redação produzida naquele momento. Afastada deste contexto, a redação tem em si mesma uma temática própria.

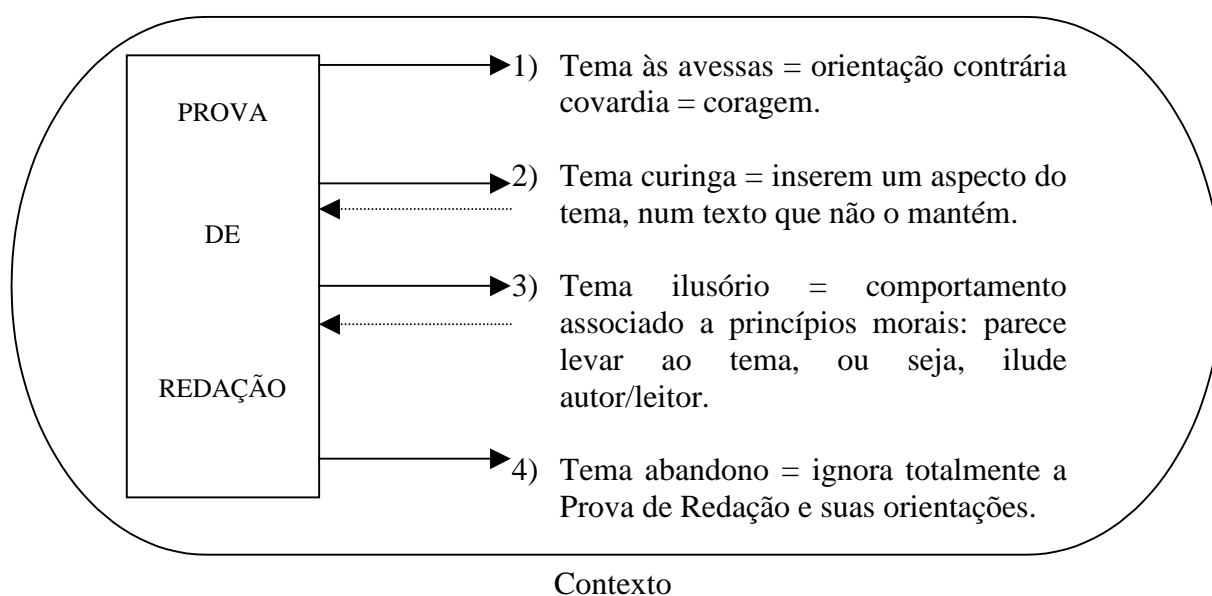
## 3.4 A (DES) CONSTRUÇÃO DO TEMA EM NARRATIVAS DE VESTIBULAR

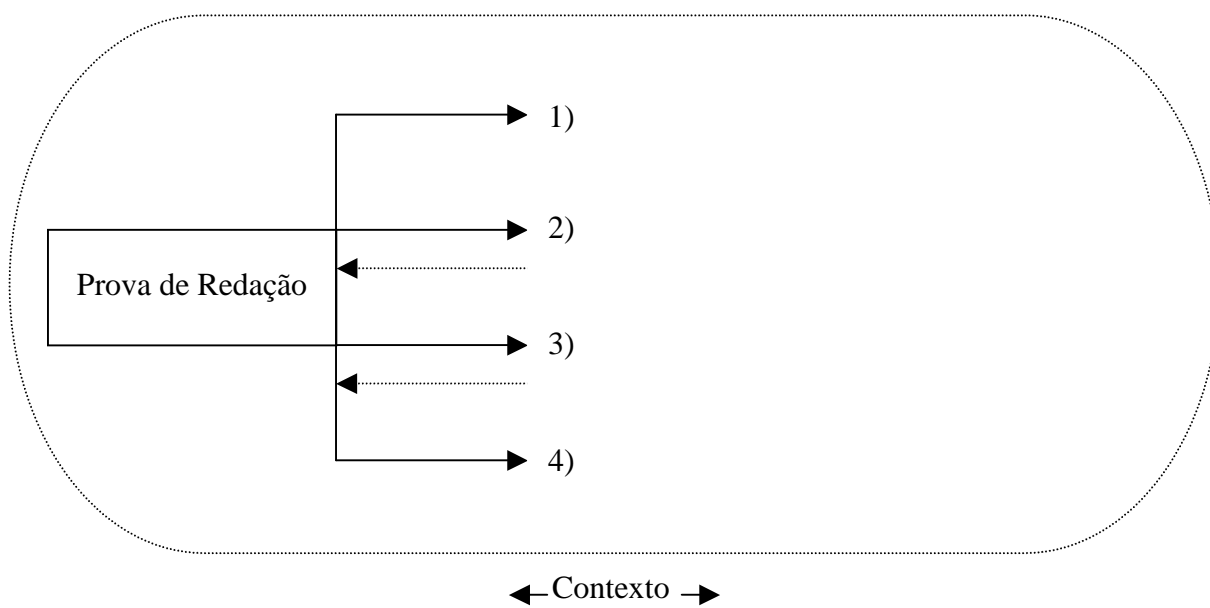
Após levantarmos esses dados nas redações do Vestibular Verão99 UEM, temos confirmada a (des) construção da tematização nas narrativas, marcada pelo processo de acionamento de modelos cognitivos de contexto inseridos no que denominamos “Tema Abandono”, uma vez que, dentre as redações que compõem o *corpus* deste trabalho, 17 estão assim classificadas. Enquanto isso, 7, representam o processo “Tema às avessas”; 4, o “Tema Curinga” e 2, o “Tema Ilusório”.

Concluimos, pois, que a (des) construção do tema em redações do vestibular ocorre, dentre outros fatores enfocados neste trabalho, porque os candidatos/autores não

acionam, primeira e principalmente, os modelos cognitivos de contexto. Isso quer dizer que não expõem (e aqui não serão discutidos os motivos por envolverem um outro tipo de pesquisa) as suas “experiências pessoais”, reveladoras de que, para se construir um texto, narrativo ou de outra tipologia, ele deve levar em conta o “ponto de partida” de Van Dijk (2000) e permitir ao leitor (no caso, o avaliador das redações do vestibular) a “recuperação de modelos já construídos em situações similares” (Koch, 1999).

Portanto, podemos assim retratar a (des) construção do tema em narrativas do vestibular:





Legenda:

→ : Afastamento total do tema

← : Tentativa de abordagem do tema

Contexto: Prova de Redação do Vestibular e produto (redação) apresentado para avaliação

Contudo, as redações aqui enfocadas são textos que apresentam coerência em si mesmos, demonstram que os seus autores acionaram modelos cognitivos de contexto, de saber partilhado, apresentados nos elementos que compõem a narrativa. Entretanto, a (des) construção do tema se revela, quando o contexto de produção (Prova de Redação X Redação), não é acionado pelo autor do texto. Isso acaba por afastar as redações da tematização e, por isso torna-as incoerentes dentro do seu contexto de produção.

Isto posto, evidencia-se a possibilidade de que, por meio dos elementos da coerência, marcados principalmente pelo acionamento ou não dos modelos cognitivos de contexto, torna-se possível verificar a construção ou não do tema, também, em textos narrativos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabedores de que uma pesquisa em Lingüística Aplicada pressupõe a busca de uma solução para problemas vivenciados, no nosso caso, em contexto escolar e que após o seu término é importante que o pesquisador dê um retorno àqueles que permitiram a realização da mesma, consideramos que este é o momento em que nós passamos a responder as questões surgidas no decorrer deste trabalho. Com isso, acreditamos cumprir a proposta de se trabalhar com a Lingüística Aplicada ao Ensino de Língua Materna.

Uma das questões surgidas neste período é referente à avaliação da tematização em textos narrativos. Ao nos depararmos com o referencial teórico que nortearia o desenvolvimento desta pesquisa, percebemos que o trabalho com textos narrativos já esbarrava na sua primeira dificuldade: referencial bibliográfico. Poucos são os livros que dão conta da narração, se compararmos com a dissertação. Estamos nos referindo a esta situação, mesmo não sendo objeto desta pesquisa, para demonstrarmos que avaliar um texto narrativo não é uma tarefa das mais simples: primeiro, parece-nos, por experiências próprias, que o ensino médio, nível imediatamente anterior ao vestibular, não prioriza esta tipologia; segundo, falta referencial teórico para que professores/avaliadores possam se embasar para tal atividade; terceiro, muitos não detêm o conhecimento adequado desta tipologia, principalmente a questão básica, que é diferenciar uma narração de um relato. Dessa forma, acreditamos que se torna mais complexo quando é necessário associar a expansão do assunto, tema e enfoque temático, num texto narrativo, visto que

“a sua identificação num texto que cria uma história, em que personagem (ns), num determinado tempo, espaço, desenvolve(m) ações que organizam um ou mais conflitos, que se resolvem ou não, culminando num desfecho explícito ou implícito [...]” (Zanini e Menegassi, 2001, p.1409).

Por isso, acreditamos que para a avaliação de um texto narrativo ser realmente efetivada, é necessário que seja feita por quem saiba produzir esta tipologia e tenha conhecimento dos mecanismos, dentre os quais, alguns foram enfocados neste trabalho.

É importante, também, ressaltar que outras pesquisas que contemplam este assunto tornam-se necessários nesta área, haja vista os problemas já elencados.

Outra consideração, que merece destaque, é sobre os textos que fogem à temática proposta pelo comando da Prova. Neste trabalho, ao analisarmos o comando proposto aos candidatos na Prova de Redação do Vestibular de Verão99/UEM, ficou claro que ele trazia informações necessárias para a depreensão do assunto “amarelar”.

Entretanto, ao definir o significado de “amarelar” com vistas à marcação do tema (repentina impotência diante de uma situação de desafio) os elaboradores da prova desconsideraram duas possibilidades:

a) o acionamento de um modelo cognitivo na leitura do termo impotência, que remeteu o leitor/autor ao contexto reducionista do sentido dessa palavra, quase sempre associado à impotência sexual;

b) o acionamento de um modelo cognitivo adquirido via dicionário, em que “amarelar” aparece associado ao significado “acovardar-se”, possibilidade de uma aproximação contrastiva com “coragem”.

Portanto, ao fugir da temática proposta pelo comando, o candidato demonstra não possuir compreensão e interpretação do momento sócio/histórico em que estava inserido. O problema está, então, centrado nos usuários da língua – aqueles que elaboraram a proposta e não se detiveram com mais atenção na seleção vocabular e nos autores das redações que fizeram uma leitura que por pouco não se limitou meramente à decodificação, já que parece não possuírem modelos cognitivos que permitissem a leitura prevista pelos elaboradores da Prova.

E, finalmente, qual a maior dificuldade que o candidato apresenta para abstrair o tema de uma proposta de redação. Ao nosso ver é aqui que está localizado o real motivo pelo qual os candidatos não conseguem depreender a temática ora proposta: a leitura é a grande vilã dos vestibulandos. E, uma vez que a prova de redação do vestibular da UEM é uma atividade de linguagem que tem por objetivo verificar a capacidade de leitura e produção de textos de seus candidatos, reveladora de reflexão, crítica e recriação frente a determinados temas (Menegassi e Zanini: 1997), a desclassificação ou não das redações produzidas em quaisquer tipologias não podemos desconsiderar a tematização, mesmo porque é nela que se inicia o processo de leitura revelado na produção textual. É, somente, através deste processo seletivo que a universidade procura identificar, através das capacidades lingüísticas e cognitivas apresentadas, em qual nível seus candidatos estão, ou seja, como eles dominam as habilidades de leitura, escrita e produção.

Para os autores (Menegassi e Zanini: 1997) mais do que um aluno que demonstre capacidade de memorização e repetição acrítica de um conjunto de informações adquiridas de forma fragmentada durante o ensino fundamental e o ensino médio, a universidade procura selecionar aquele aluno capaz de organizar as idéias, de estabelecer relações, de interpretar dados e fatos e de elaborar hipóteses explicativas para conjuntos de dados relativos a quaisquer áreas de conhecimento.

Dessa forma, conforme as análises, os candidatos/autores que tiveram suas narrações desclassificadas não foram capazes de acionar os modelos cognitivos de contexto coerentes com a proposta.

Assim, consideramos que esta pesquisa contribuiu para a melhoria do ensino-aprendizagem de Língua Materna, a partir do momento em que levanta uma discussão sobre o cerne de seu ensino: a produção de textos. Nessa discussão, procura apontar os motivos que levam uma redação em tipologia narrativa a ser desclassificada por fuga ao tema,

em situação específica de vestibular. As narrativas desclassificadas por fuga ao tema, nessa situação, não revelam as habilidades de interpretar, compreender e criar de seus autores.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, A. S. *Curso de redação*. São Paulo: Ática, 1998.
- BARBOSA, A. M. *Redação: escrever é desvendar o mundo*. Campinas-SP: Papyrus, 1994.
- BASTOS, L. K. *Coesão e coerência em narrativas escolares*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITTO, L. P. L. *Leitura: teoria e prática*. Campinas, SP, junho 1990.
- \_\_\_\_\_. *A sombra do Caos: ensino de língua x tradição gramatical*. Campinas-SP: ALB, 1997.
- \_\_\_\_\_. Em terra de surdos mudos. In: GERALDI, J. W. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1999.
- CITELLI, A. *O texto argumentativo*. São Paulo: Scipione, 1994.
- CORRÊA, R. M. *Os vestibulandos e suas produções textuais: uma análise desse universo lingüístico*. Maringá, PR: Eduem, 1998.
- COSTA VAL, M. G. C. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DIAS, A. R. F. *A produção crítica e a crítica à produção: análise de redações de vestibular e sua correção avaliativa*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1986.
- FARACO, C. *Trabalhando com narrativa*. São Paulo: Ática, 2000.
- FARACO, C. A.; TEZZA, C. *Prática de texto: língua portuguesa para nossos estudantes*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- FÁVERO, L. L.; KOCH, I.G.V. *Lingüística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.
- FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. SP: Ática, 1991.
- FINI, M. *Novas modalidades de avaliação: tendências internacionais*. In: II Encontro Nacional Vestibular In Foco. Consultec, 1988. Anais... Bragança Paulista: 1998.
- FONSECA, F. I. et alii. *Pedagogia da escrita: perspectiva*. Porto Codex, Portugal: Porto Editora, 1994.

- FRANCO Jr., A. VASCONCELOS, S.I.C.C., MENEGASSI, R. J. O vestibulando e o processo de escrever. In.: BIANCHETTI, L. *Trama & texto: leitura crítica e escrita criativa*. São Paulo: Plexus, 1997.
- GALVES, C. et alii. *O texto: Leitura e Escrita*. Campinas: Pontes, 1988.
- GANCHÓ, C. V. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1999.
- GENETTE, G. *Discurso da narrativa: ensaio de método*. Lisboa, Portugal: Arcádia, 1983.
- GERALDI, J.W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- GERALDI, J. W. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1999.
- GHILARDI, M. I. et alii. *Redação para o Vestibular*. Campinas-SP: Alínea, 1998.
- GOMES, A M. S. V. *Avaliação de textos: uma abordagem dialógica*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 1999.
- HALLIDAY, M.; HASAN, R. *Cohesion in english*. London: Longman, 1976.
- HOFFMANN, J. *Avaliação mito & desafio: uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: educação e realidade, 1994.
- INFANTE, U. *Do texto ao texto: curso prático de leitura e redação*. São Paulo: Scipione, 1998.
- KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas-SP: Pontes, 1997.
- KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas-SP: Pontes, 1998.
- KOCH, I.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1991.
- KOCH, I. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O texto e a construção do sentido*. São Paulo: Contexto, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1999.
- MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife: UFPE, 1986.
- MARQUESI, S. C. A coerência textual como critério para a avaliação de redações. In: V Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná. Guarapuava, 1991.
- MATÊNCIO, M. L. M. *Leitura: produção de textos e a escola*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1994.
- MENEGASSI, J. R.; ZANINI, M. Avaliação de redação: critérios do vestibular da UEM. In.: Anais do I Encontro do CELSUL, 1997a.

\_\_\_\_\_. Avaliação de Redação: o tema. In: Anais do X Seminário do CELLIP, Londrina, 1996, Cascavel: UNIOESTE, 1997b.

MOITA LOPES, L. P. *Oficina de lingüística aplicada*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1996.

PACHECO, A. C. *A dissertação*. São Paulo: Atual, 1992.

PERRONI, M. C. *Desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SANT'ANA, I. M. *Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

SAVIOLI; FIORIN. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1997a.

\_\_\_\_\_. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1997b.

SAYEG-SIQUEIRA, J.H. *O Texto: movimentos de leitura, táticas de produção, critérios de avaliação*. São Paulo: Selinunte, 1990.

\_\_\_\_\_. *Organização textual da narrativa*. São Paulo: Selinunte, 1992.

SCHMIDT, S. J. *Lingüística e teoria de texto*. São Paulo: Pioneira, 1978.

SERAFINI, M. T. *Como escrever textos*. São Paulo: Globo, 1998.

SIROTSKY, T. Vi o terror. *Revista Época*. São Paulo, set. 2001.

THEREZO, G. P. *Como corrigir redação*. Campinas-SP: Alínea, 1999.

TODOROV, T.; DUCROT, O. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

VAN DIJK, T. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2000.

VILELA, M.; KOCH, I. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

ZANINI, M.; MENEGASSI, R. J. Avaliação de redação: o vestibular da UEM. In: Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná, 9, 1995. Universidade Paranaense Umuarama. Anais... Londrina: UEL, 1996.

\_\_\_\_\_. Avaliação de redação: proposta de uma planilha. In: Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná, 10, 1996, Londrina. Anais... Cascavel: Unioeste, 1997.

\_\_\_\_\_. O aluno, o texto e o professor: as relações conflitantes na avaliação de concursos vestibulares. In.: *Acta Scientiarum*, 1999.

\_\_\_\_\_. A narrativa no vestibular – proposta de avaliação. In.: Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná, 2000. Universidade Estadual de Maringá.

Anais... Curitiba: UFPR, 2001.